

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL  
Data / /  
Cod. YADΦΦ483

YAWARI: A FRONTEIRA ESQUECIDA  
RELATÓRIO DE PESQUISA

Ricardo Verdum

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sem o qual não teria condições financeiras de realizar a presente pesquisa.

A Alcida Rita Ramos e Bruce Serge Albert, estimuladores e orientadores, pessoas de grande importância para a realização dessa pesquisa.

A Comissão pela Criação do Parque Yanomami, nas pessoas de Cláudia Andujar e Carlo Zacquini.

Aos Yawari, pela acolhida e paciência.

A minha esposa Maria Gorete e as minhas filhas Júlia e Joana a quem dedico de todo o coração este trabalho.

junho de 1990

## INTRODUÇÃO

### Objetivos

O objetivo deste trabalho é esboçar um primeiro relato etnográfico específico dos Yawari, subgrupo Yanomami habitante da Bacia do Rio Ajarani, no Estado de Roraima.

A problemática básica que impulsionou o presente trabalho de pesquisa em arquivos administrativos, históricos e etnológicos; junto a representantes de diferentes agências de contato; junto aos regionais; e principalmente junto aos próprios Yawari, foi: (1) juntar elementos de informações encontradas em uma documentação dispersa sobre a etnografia Yawari e a história do contato desta população; (2) realizar um primeiro trabalho de campo exploratório (survey). Tudo isso para estabelecer bases de uma pesquisa mais aprofundada a ser desenvolvida para mestrado. (\*)

Procurando situar a pesquisa no contexto das demais realizadas entre os Yanomami, desenvolvi quatro temáticas que considere fundamentais para o futuro de minha pesquisa: história, população, organização social e economia.

Quanto ao estudo da língua local, ponto de notável importância para um trabalho etnográfico aprofundado, isto é, dando acesso ao campo das representações e significados impressos pelos sujeitos pesquisados sobre si e sobre a realidade circundante e sua história, teve que ficar para um segundo momento, para uma fase ulterior da minha pesquisa. O pouco tempo de trabalho de campo nesta primeira aproximação (dois meses) e um certo despreparo etnolinguístico contribuíram para que optasse por realizá-la basicamente em português com alguns Yawari bilíngues.

---

(\*) Originalmente, este trabalho foi concebido para constituir-se enquanto dissertação de graduação em Antropologia (UnB), sendo a quarta versão apresentada ao orientador. Infelizmente, por problemas de encaminhamento da matrícula na disciplina, a conclusão do curso se deu antes que essa fosse apresentada.

## ÍNDICE

Agradecimentos	
Introdução	
Objetivos .....	01
Antecedentes: a escolha dos Yanomami e da área .....	02
Yawari: documentação e etnografia .....	05
Boa Vista: pesquisa documentária e preparativos .....	07
Perimetral Norte: o contexto da pesquisa .....	10
I. Povoamento Yawari e Ocupação da Região .....	27
1. Yawari: a história do povoamento .....	29
2. Ocupação e suas formas sociais e econômicas .....	53
II. Situação Yawari: Elementos de Demografia .....	72
1. Os Yawari em números .....	74
III. Situação Yawari: Aspectos Sociais e Econômicos .....	77
1. Os grupos locais .....	77
2. A rede genealógica .....	83
3. Unidades sociais .....	86
4. Terminologia .....	87
5. Casamento e residência pós-matrimonial .....	90
6. Economia .....	91
IV. Conclusão .....	100
V. Convenções utilizadas no parentesco .....	102
VI. Identificação individual .....	102
VII. Bibliografia .....	103
VIII. Anexos .....	115



### Antecedentes: a escolha dos Yanomami e da área

Na perspectiva de esclarecer os motivos pelos quais defini os Yanomami, e mais precisamente os Yawari como objeto de minha pesquisa, creio ser relevante remontar a pelo menos os anos de 1984-1985 quando então estou vivendo, juntamente com minha esposa, em São Gabriel da Cachoeira, noroeste do Estado do Amazonas. Vindos do Rio Grande do Sul, ela trabalha como médica no hospital da cidade, eu trabalho como gerente de um posto criado pelo Governo do Estado para a compra do artesanato produzido pela população indígena da região (Alto Rio Negro). É nesse contexto onde vamos nos relacionar com uma diversidade de populações e de culturas, assim como vão se apresentar as primeiras oportunidades de conhecer os Yanomami que vivem nas proximidades do Pico da Neblina, notadamente nos rios Cauaburis, Iá, Maiá, e Canal Maturacá.

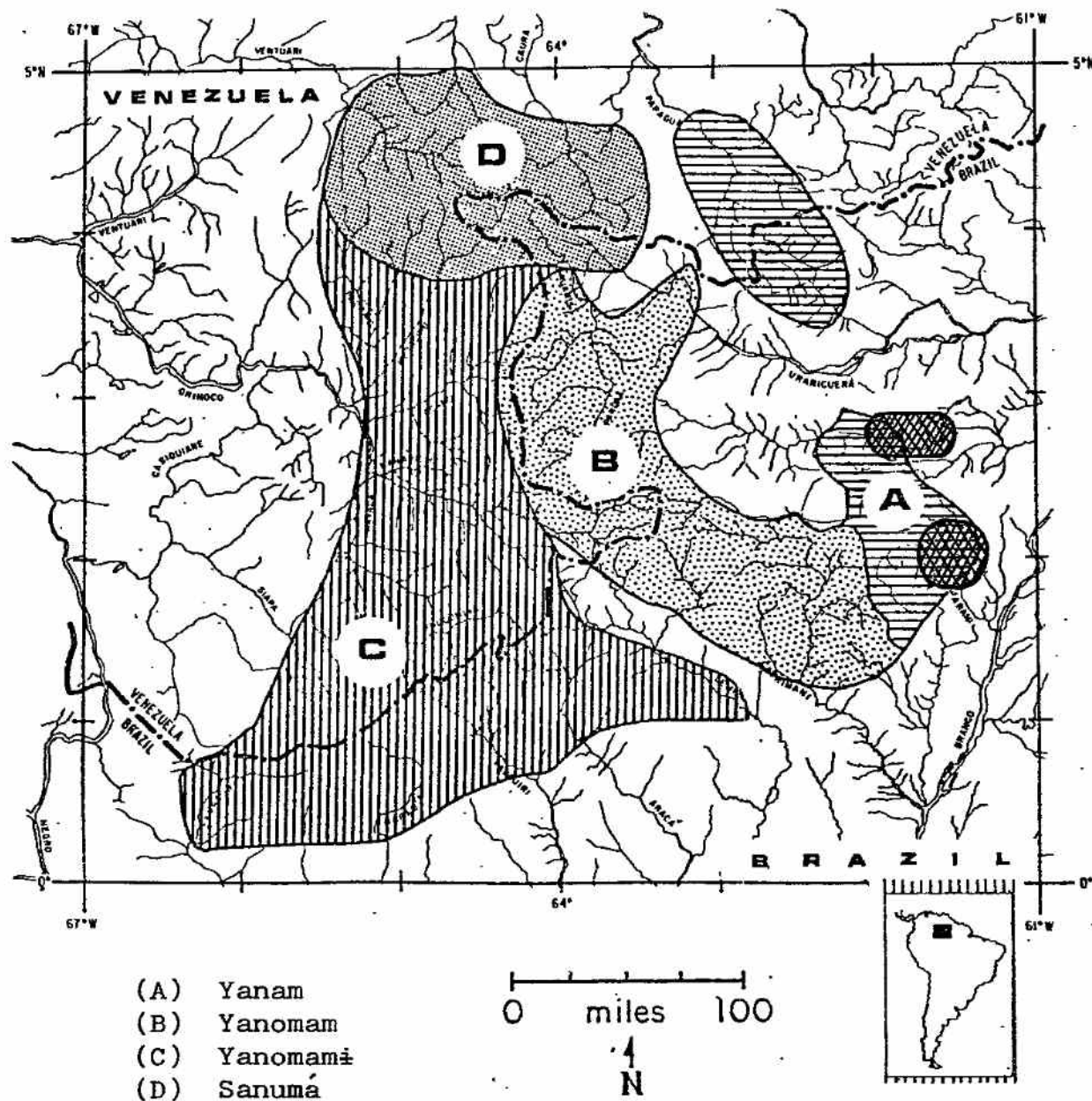
Nos anos de 1986-1987, trabalhando como assessor de campo das equipes médicas da Comissão pela Criação do Parque Yanomami -CCPY, tenho a oportunidade de conhecer vários sub-grupos Yanomami que habitam no atual Estado de Roraima.

Com a interrupção das atividades de campo da CCPY, a FUNAI cancela o convênio que autoriza a CCPY à prestar assistência médico-sanitária aos Yanomami no exato momento em que se verifica uma maciça ocupação do território onde vive essa população por garimpeiros; no ano de 1988 transfiro-me para a Universidade de Brasília, curso de Antropologia, afim de melhor instrumentar-me para entender aquela sociedade.

Na Universidade de Brasília, além de ter a oportunidade de conviver com profissionais experientes e dedicados às áreas de maior concentração de meus interesses (Etnologia Indígena, Relações Interétnicas, Organização Social e Parentesco) e com dois antropólogos com grande experiência etnográfica entre os Yanomami, participo na organização de um arquivo

da documentação etnográfica e da história do contato Yanomami e integro-me como auxiliar de pesquisa no Projeto de Pesquisa "Contato Interétnico, Transformações Sociais e Desenvolvimento Econômico na Região Norte Amazônica" (CNPq/ORSTOM). O trabalho que ora introduzo é o primeiro fruto desse processo.

Revisando a literatura disponível constato que entre os "yanomamólogos" há um consenso sobre a precariedade e o caráter incipiente dos estudos etnográficos entre a população que compõe o subgrupo linguístico Ninam/Yanam (Migliazza 1980; Albert 1985; Lizot 1988). Assim, decido que minha pesquisa deve incidir sobre esta população.



- (A) Yanam
- (B) Yanomam
- (C) Yanomami
- (D) Sanumá

▨ área inicialmente escolhida  
● área onde se realizou a pesquisa

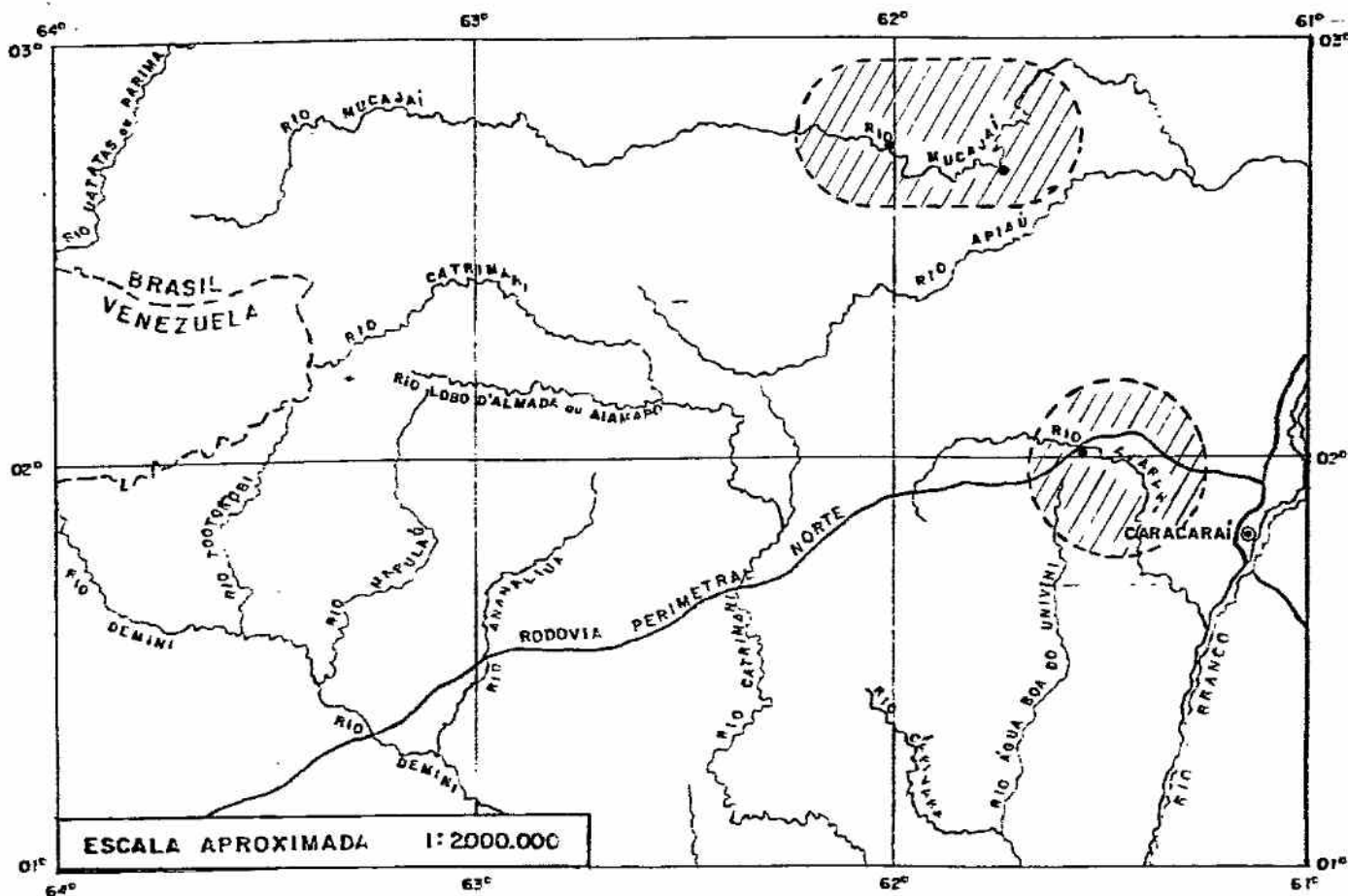
Fonte: Migliazza 1980.



Originalmente previa realizar o meu trabalho de campo junto aos grupos Yanam/Ninam que habitam próximo aos Postos Indígenas da FUNAI localizados no médio/baixo rio Mucajai: PIn Mucajai e PIn Flechal.

Posteriormente, a impossibilidade de realizar pesquisas junto aos Yanomami em decorrência da interdição pela Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional (SADEN) das pesquisas de campo do Projeto de Pesquisa acima citado; somada a avaliação de que a situação na área de pesquisa prevista estava muito tensa em razão da violência da invasão garimpeira, podendo inviabilizar a realização do trabalho, fizeram com que minha atenção se voltasse para uma outra área, a região ocupada pelos Yawari, Yanam da bacia do Rio Ajarani.

Uma área que, além de apresentar uma conformação específica com relação ao restante das áreas Yanomami, caracterizada pelo contato Yanomami/colonos, não foi reconhecida como Área Indígena pelo Governo Federal. Logo, não necessitam de autorização para pesquisa (Áreas Indígenas Yanomami, :69).



Yawari: documentação e etnografia

Durante o levantamento sistemático das fontes documentárias sobre os Yawari uma constante surgiu: a inexistência de estudos realmente consistentes a eles consagrados. As fontes disponíveis resumem-se, assim, a informações tangenciais em trabalhos antropológicos dedicados a outras populações Yanomami que com eles mantiveram, ou mantêm, relações sociais e econômicas; ou dedicados a problemas específicos (linguística, organização social, economia) e onde breves menções dos Yawari aparecem. Também: relatórios de viagem ou de assistência médico-sanitária; dados censitários; listagens de população; informações genealógicas; propostas de delimitação/demarcação de terras; artigos em periódicos, revistas e jornais priorizando o impacto do contato; etc. .

As primeiras informações documentadas sobre os Yawari são de autoria de Salathé (1932), e remontam ao período de setembro de 1929 a fevereiro de 1930, quando então este, mais o zoólogo húngaro Carl Lako e o padre beneditino Alcuin Mayer, sobem o rio Catrimani até a altura do igarapé Jundiá onde encontram um grupo Yanomami proveniente da Serra Parima.

Deste mesmo período existem também informações em duas publicações das notas do padre Alcuin Mayer (1956;1982).

Posteriormente, é somente nos anos 50-60 quando vamos encontrar outras informações sobre os Yawari. Desta feita, através de uma série de publicações dos missionários da Ordem da Consolata, e referentes a suas viagens pelos rios Ajarani, Catrimani e Apiaú e os contatos mantidos com os grupos Yanomami que ali vivem (Silvestre, 1953; Forno 1966a, 1966b; Anatonolini/Sabatini 1978: 75-76).



Com relação a literatura etnográfica, a primeira referência dos Yawari é encontrada em Migliazza (1967: 155-165), na, o que suponho ser, primeira tentativa moderna e sistemática de classificação linguística dos diferentes grupos Yanomami habitantes no atual Estado de Roraima.

Em Diniz (1969), encontra-se referência aos "Jauari" como tendo sido, juntamente com os Pauxiãna (Karib), os primeiros colaboradores dos missionários da Ordem da Consolata na abertura da pista de pouso de aviões e na construção das primeiras instalações da atual missão localizada no médio rio Catrimani, á altura da corredeira Cujubim (Missão Catrimani, fundada em novembro de 1965 pelos padres Bindo e Calleri).

Nicholas Cape, voluntário inglês do "Projeto Perimetral-Yanomama", realizou em 1975 o primeiro recenseamento na Bacia do Rio Ajarani de que se tem notícia. Na mesma época, e também como integrante do Projeto, Alcida Ramos realiza pesquisas na região, proporcionando-nos a única descrição do impacto sanitário, demográfico e social da construção da estrada "Perimetral Norte" (1973-1976) nos Yawari (Ramos 1979).

Da segunda metade da década dos 70, ainda temos um certo número de genealogias e de elementos de história dos Yawari recolhidos por Albert, e ainda inéditos; e a comunicação de Sampaio Silva na XI Reunião Brasileira de Antropologia, em 1978 (Sampaio Silva 1981).

Um novo recenseamento e pesquisas genealógicas são realizadas na região em 1980 pelo padre Saffírio. Em 1984, novamente, desta feita pelos integrantes do projeto de assistência médica do convênio CCPY/Medecins du Monde.

Desde então, o material de campo disponível, e que nos proporciona alguns elementos sobre a situação sanitária, demográfica e social dos Yawari, são os relatórios das equipes médicas da CCPY que atuam na região até fevereiro de 1987.

Acrescido a isto, durante minhas atividades enquanto integrante das equipes médicas da CCPY tive a oportunidade de encontrar a maior parte da população Yawari em quatro ocasiões entre os anos de 1986-1987: três no médio/baixo rio Mujajai e uma na Perimetral Norte (ver relatórios na bibliografia).

Enfim, esse é basicamente o material de que disponho quando, no dia 10 de maio de 1989, chego em Boa Vista, capital do Estado de Roraima.

#### Boa Vista: pesquisa documentária e preparativos.

Fico alojado em uma casa cedida pelo Governo do Estado ao Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia -INPA. Utilizada primeiramente como sede da instituição em Boa Vista, atualmente funciona como alojamento dos pesquisadores que para Roraima se deslocam.

Nos nove dias de estada em Boa Vista, meus esforços concentraram-se prioritariamente em quatro frentes: aquisição de suprimentos e objetos de uso e troca para o período de campo; viabilizar um transporte até o Posto Indígena do Ajarani (FUNAI), utilizado como centro de apoio da pesquisa; a organização das informações que trago comigo sobre os Yawari; e, por fim, a coleta de mais informações sobre os Yawari e a situação de ocupação da região.

No tocante às informações disponíveis sobre os Yawari, detenho-me em confrontar as diferentes genealogias disponíveis e em organizar uma listagem de todas as pessoas com alguns dados principais: nome(s), sexo, ano aproximado de nascimento, local, pai, mãe, irmãos, irmãs, cônjuge(s), filho(s), filha(s); óbito, data, causa, local.



Além de ir me familiarizando com os nomes das pessoas e com a situação genealógica, procuro estabelecer algumas hipóteses sobre conexões genealógicas não verificadas pelos levantamentos anteriores.

Organizo uma sistemática onde, além dessas informações, possam ser acopladas outras no sentido de recolher dados sobre trajetória migratória de indivíduos, relações intergrupais (entre os Yawari e os outros grupos Yanomami) e contatos interétnicos. A tática é articular determinado fato com o ciclo de vida do indivíduo em questão (nascimento, menstruação, serviço marital, casamento, gestação, parto, óbito) e a localização espacial deste (nome de roça, curso de rio próximo, acidente geográfico).

Ciente do pouco tempo de que dispunha para a pesquisa de campo, somada às dificuldades impostas pela barreira linguística, acho importante pelo menos construir este mecanismo para a coleta de informações.

Prevejo desenvolver a pesquisa no campo em duas etapas:

1. levantamento de informações documentadas existentes no PIn Ajarani e entrevista com os funcionários. Visita a todos os grupos Yawari na região, com realização de recenseamento, pesquisa genealógica e levantamento preliminar da terminologia de parentesco. Destaque sobre os objetos industrializados encontrados (número, relações sociais e econômicas envolvidas) e sobre o espaço de ocupação para a manutenção do grupo local (roça, caça, coleta, pesca).
2. escolha de um grupo para fixar-me e aprofundar a pesquisa, além dos temas acima citados, na observação das atividades rotineiras; na rede de relações entre os membros, e as atividades desempenhadas por cada indivíduo dentro do núcleo familiar

e dentro do grupo residencial; na história de vida dos indivíduos, principalmente os mais velhos.

Como complemento, realizar entrevistas com os regionais com quem os Yawari mantêm ou mantiveram contatos, sendo para tanto utilizado um questionário de orientação onde estão integrados itens sobre história de vida, situação social-econômica e contatos mantidos com os Yawari.

Ainda sobre as informações disponíveis, procuro dar uma certa ordem cronológica e divisão por tópicos às informações das várias fontes consultadas ainda em Brasília (dados sobre conflitos, epidemias, contatos interétnicos, migrações, visitas intercomunitárias, etc.)

Com relação a coleta de mais informações sobre os Yawari e a situação de ocupação da região, realizo entrevistas com o Sr. Carlo Zacchini, missionário da Ordem da Consolata que viveu por muitos anos entre os Yanomami da Bacia do Rio Catrimani, que manteve contatos ou teve notícias, antes mesmo da construção da estrada Perimetral Norte, dos vários grupos Yanomami que habitava<sup>m</sup> e/ou habitam a área da pesquisa. Outros missionários com vivência na região não se encontram em Boa Vista durante minha estada (Pe. João Saffirio e Pe. Bindo).

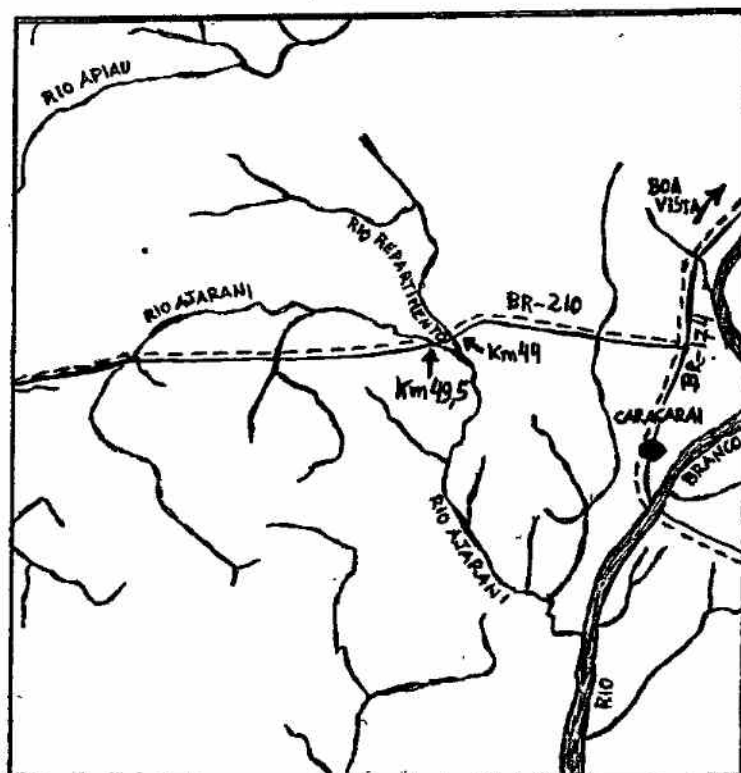
Obtenho alguns relatórios da Missão do Catrimani das décadas de 70 e 80 no centro de documentação mantido pela Diocese de Roraima. Um mapa do assentamento de colonos existente até o Km 44 da Perimetral Norte, sobreposto à área de ocupação dos Yawari, acrescido de uma listagem dos proprietários dos lotes, e algumas informações sobre as perspectivas da colonização para a região, são obtidos na Delegacia Regional do MIRAD.

Assim, parto dia 20 de maio para a Perimetral Norte, dando início ao trabalho de campo exploratório.



Perimetral Norte: o contexto da pesquisa de campo

No dia 20 de maio, no ônibus que me leva de Boa Vista, via BR-174, até o entroncamento desta com a Perimetral Norte, fico sabendo que, naquele dia (sábado), realiza-se a "feira do produtor" em Caracarái. Me é sugerido ir até lá e aguardar o caminhão da Prefeitura que, por volta das 15 horas, sai em direção ao Km 44 da Perimetral Norte, deixando os agricultores em seus lotes. Como estou com uma bagagem volumosa e objetivo deslocar-me até o PIn Ajarani, no Km 49,5, não hesito em aceitar a idéia.



Já em Caracarái, enquanto aguardo a chegada do caminhão, sou abordado pelo sr. Emílio Custódio da Silva (o "Pernambuco"), morador do Km 40 da Perimetral Norte. Nascido em setembro de 1920 (Águas Belas, PE), o sr. Emílio diz ter chegado à região em 1973, quando só existia uma "picada" na altura do Km 40, sendo o único a ficar dentre três amigos

que por ali se instalaram. É enfático e persistente em afirmar que no seu lote "não existia nenhuma maloca desses caboclós... eles chegaram muito depois". Posteriormente venho a saber que, para além dos preconceitos e pontos de vista de parte dos regionais para com os Yawari ("não querem progredir"; "são preguiçosos, não criam nada"; "só plantam para comer, vivem mendigando e tomando cachaça;...), a região é frequentemente percorrida por boatos de que parte dos moradores da rodovia terão que sair para dar lugar a uma "Área Indígena".

Após uma rápida conversa onde não faltam interrogações sobre o que estou fazendo ali, para onde vou, com que objetivos,... ("sou da Universidade de Brasília e venho saber um pouco sobre a colonização da Perimetral Norte (BR-210); falar com os moradores, de preferência os mais antigos; saber dos primeiros tempos e dos contatos com os "índios", as dificuldades encontradas;..."), "pernambuco retorna para suas atividades comerciais (1).

Entre os produtores a movimentação é intensa. Trazem para venda arroz, farinha de mandioca, goma, abóbora, macaxeira, galinhas, ovos, sabão de sebo, milho verde ou seco e debulhado,.... Nas casas comerciais da cidade adquirem roupas, sabão, gás de cozinha, fósforos, cigarros, tabaco, cachaça,

---

(1) Durante a estada na região, várias hipóteses são feitas sobre minha pessoa: funcionário da FUNAI; garimpeiro farejando alguma "fofoca"; funcionário do INCRA; missionário "crente"; jornalista da Rede Globo -na ocasião são frequentes as reportagens e notícias sobre ecologia, garimpo, poluição, índios, Amazônia na televisão.

sal, açúcar, bolacha, pão, leite em pó, farinha de milho (M<sup>i</sup>lharina), balas, chocolates, café em pó, feijão, carne, enlatados, etc. . Observo que "Pernambuco" é o único a ter bananas e açaí (Euterpe oleracea Mart), e em grande quantidade, para venda; posteriormente venho a saber que são dos Yawari que habitam nas proximidades de sua habitação, no interior do perímetro de seu lote.

Só chego ao Posto na manhã seguinte, mas antes ... Praticamente metade dos passageiros do caminhão, de uns 40 em média, descem na Vila São José (km 27 da PN). Surgida no início da década de oitenta como parte da estratégia de ocupação da Amazônia (POLAMAZÔNIA -Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia; Decreto nº 74.607, de 25 de setembro de 1974), consta que sua população esta em aproximadamente 350 pessoas, em sua maioria maranhenses. A Vila é dotada de um posto de saúde, uma escola de primeiro grau, um posto telefônico, um bar, uns três microcomércios, uma cooperativa (depósito e descascadora de arroz), um pequeno mas próspero comércio nas proximidades (2), e uma administração subordinada à Prefeitura de Caracaráí.

O caminhão me deixa no km 44, próximo ao rio Repartimento do Ajarani, afluente esquerdo do rio Ajarani, onde estão localizadas duas fazendas, uma de cada lado da estrada (a do Valtinho, a direita; e a do Paludo, Secretário da Agricultura do Município de Caracaráí, a esquerda).

---

(2) O proprietário, o "Carióca", além de comprar ouro, agencia atividades de garimpo na região.



Após atravessar o rio, por volta das 18hs, passo a noite em uma habitação Yawari que, inesperadamente, encontro na altura do Km 47 da rodovia (3). Caminhando pela rodovia, já escuro, mas com a luminosidade da lua, distingo o esqueleto de uma habitação retangular em construção (7x12 metros) e mais quatro abrigos provisórios (monofamiliares) a poucos metros da margem direita. Acomodo-me em um dos abrigos, não há ninguém.

Quando os Yawari chegam, por volta das 20hs, a primeira pergunta feita foi se eu era garimpeiro; com a negativa, e a informação de que estou indo para o PIn, se sou "funai" (funcionário da FUNAI). Uma nova negativa. Aos poucos vou explicando, para os que entendem o português, quem sou, que estou chegando para passar uns dias na região, ... e, principalmente, reatualizando em suas memórias nossos encontros anteriores no médio/baixo rio Mucajai, próximo ao PIn Flechal. Perguntam por minha mulher ..., digo que temos uma filha. Querem saber quando virão, digo que possivelmente depois da próxima lua grande (cheia) -na primeira quinzena de julho. Por fim, acomodo minha rede sob a habitação ainda descoberta.

O grupo local é formado por duas famílias nucleares articuladas por laço de afinidade. Também: um jovem solteiro ligado por laço de consanguinidade a uma das famílias nucleares; e outro em serviço de noivo. Uma terceira família

---

(3) Para a travessia do rio existem duas balsas: uma, já antiga e bastante avariada, posta pelos missionários (Missão do Catrimani, km 149); outra posta no início do ano por alguns patrões de garimpo que atuam no Alto Rio Catrimani.



nuclear, isto é, um casal esta no local em visita. No total são nove pessoas formando o grupo local (ver mapa e diagrama genealógico p. 78).

Junto aos abrigos monofamiliares e da futura habitação coletiva há um roçado onde destacam-se as bananeiras, os pés de macaxeira e mandioca, taiobas, etc.. O roçado é novo, as bananeiras com um metro e meio de altura em média ainda não apresentam frutos. Feixes de folhas de ubim (espécie Geonoma) espalham-se pelo chão à espera de serem tecidos/trançados e posteriormente serem colocados como cobertura da residência coletiva.

A noite é movimentada. Como posteriormente constatado ser a rotina das noites de sábado, nesta três rapazes Yawari passam cantando, conversando e tomando cachaça recebida de "Pernambuco" como parte do resultado das vendas de seus produtos. As mulheres, ali presentes, não participam e vez ou outra dizem para eles calarem a boca e irem dormir. As atividades perduram até quase o amanhecer.

Pela manhã, após um rápido diálogo com o pessoal, desmancho meu "acampamento" e sigo em direção ao Posto da FUNAI. Este esta mais próximo do que eu imaginara na noite anterior, sob uma fina garoa e com a visão de pegadas de onça no leito de uma antiga pista de pouso de aviões construída pela Cia. Camargo Corrêa, na altura do km 45, para auxiliar as "frentes de trabalho" da estrada.

Ao atravessar a ponte que passa por sobre o rio Ajarani (ponte "Ajarani I") observo a existência de uma placa do Ministério do Interior/FUNAI indicando ali o início da "Área Indígena Yanomami". Junto ao Posto, mas do lado externo do cercado que delimita o perímetro da área deste, um grupo local Yawari formado por duas famílias nucleares e um rapaz solteiro ocupam duas habitações -um das famílias e o rapaz solteiro estão de visita, são originários do grupo que vive nas proximidades do km 40. No total são seis pessoas,

sendo que somente três moram no local (ver mapa e diagrama genealógico p. 79).

As habitações são: uma retangular (6x3 metros), paredes feitas com tábuas e ripas de paxiuba, e coberta com palha de ubim mais inajá; a outra, circular (3 metros de raio), sem paredes laterais, e coberta com palha de inajá.

No Posto da FUNAI, surpresos com minha aparição inesperada, sou recebido com uma certa frieza e desconfiança pelos funcionários. Perguntam se eu tenho autorização para entrar na "Área Indígena", respondo que não pois meu trabalho se relaciona à área de colonização. Aos poucos vou lhes explicando que estou ali para realizar um estudo sobre a dinâmica da colonização, a situação atual, e o relacionamento fazendeiros, agricultores e indígenas.

Obtida a autorização para ficar alojado ali por algumas dias, aos poucos vou me organizando e penetrando pelos caminhos estabelecidas para a pesquisa.

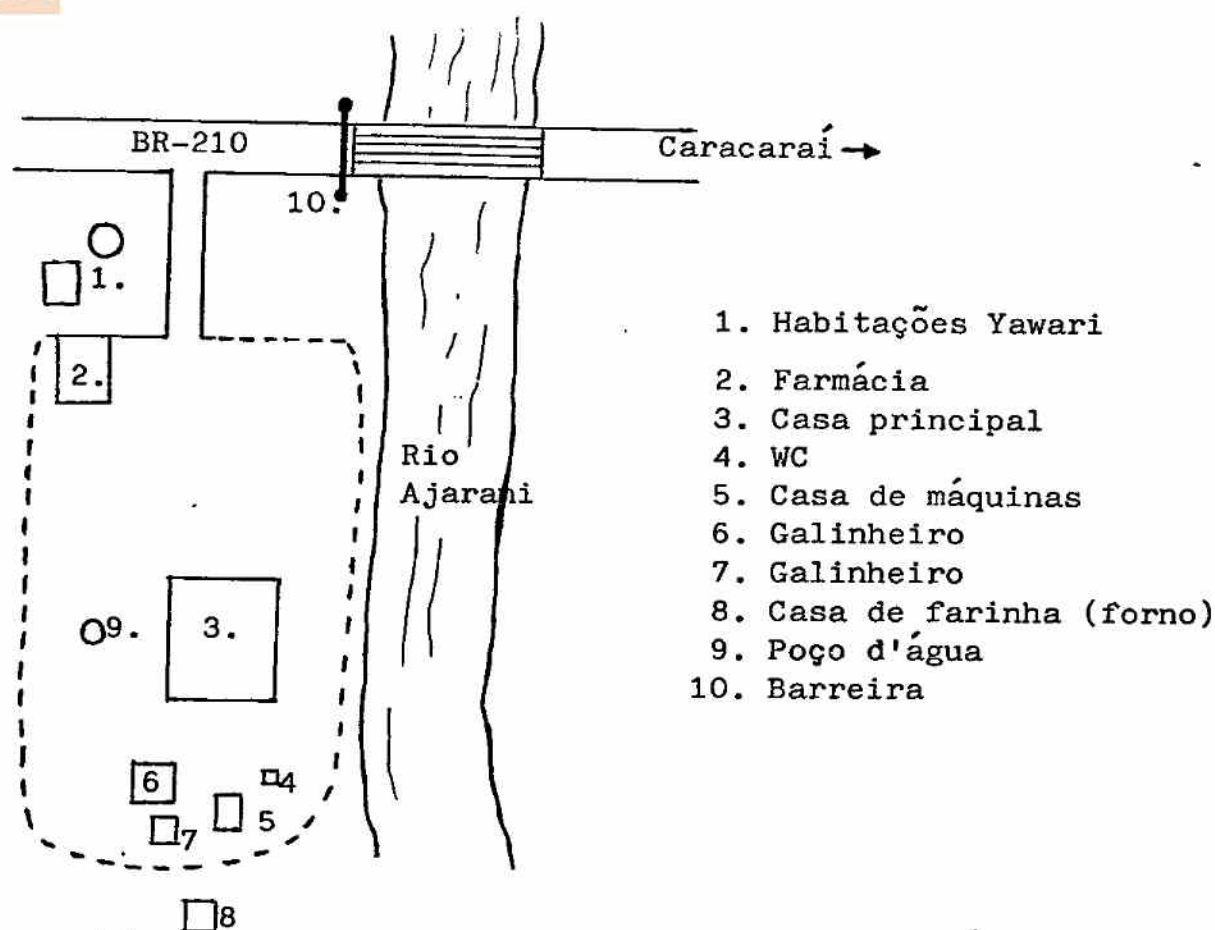
Por volta das 12hs, uma cena que se repetirá por muitas vezes durante minha estada em campo: uma caminhoneta Ford buzina junto à barreira localizada na margem direita do rio Ajarani, próxima a ponte (4). No interior do veículo, dois homens vindo do rio Catrimani onde haviam ido deixar um grupo de "peões" (garimpeiros) próximos a uma balsa existente naquele rio. A buzina soa lá fora... no interior do PIn, um certo mal estar paira no ar. Após alguns segundos, é solicitado a A5 (um Yawari originário do Alto Rio Ajarani que há mais de dez anos vive no PIn) que vá dar passagem ao carro.

Um pequeno esboço das instalações do Posto:

---

(4) Barreira colocada durante o período de vigência do Projeto Yanoama (out/75 - jan/76), e que tinha como objetivo impor uma disciplina no acesso à "Área Indígena" por via rodoviária.





Visivelmente se constata as precárias condições do Posto, não só devido à falta de investimentos na infraestrutura, como também no quase que total despreparo/descaso por parte dos três funcionários que ali estão: sem transporte próprio; farmácia totalmente abandonada, com uma medicação bastante reduzida e jogada sobre prateleiras empoeiradas; as instalações de luz e água encanada fora de uso devido a problemas com o motor-gerador; etc.. Somado a isso, e servindo como justificativa para a atitude de convivência para com a entrada indiscriminada de garimpeiros pela estrada, e até a utilização das acomodações em algumas circunstâncias, o Posto encontrase desassistido de rancho, munição, ferramentas, objetos para troca; etc..

Durante os períodos de estada no PIn, dedico-me mais especificamente a verificar: a atitude dos funcionários frente aos garimpeiros que trafegam com uma relativa liberdade pela rodovia; o relacionamento com os Yawari; a assistência prestada; o levantamento de fatos históricos e de informações relevantes no tocante à região, seus habitantes em geral, e os Yawari em específico (orais e documentados); os comentários e atitudes cotidianas; etc..

A primeira semana é dedicada ao contato com os Yawari que vivem junto ao Posto e os que habitam nas proximidades do km 47. As primeiras informações demográficas (óbitos, nascimentos); as primeiras construções genealógicas; a obtenção de nomes identificadores de indivíduos; investigações sobre a terminologia utilizada para identificar relações sociais diferenciadas entre os indivíduos (consanguinidade e afinidade); levantamento de informações referentes à trajetória migratória de indivíduos ou famílias; observações sobre cultura material; as primeiras coletas de informações sobre o espaço econômico/produtivo utilizado em termos de "padrões tradicionais" (caça, coleta, pesca, cultivo); algumas informações sobre as relações interétnicas; etc..

No relacionamento com os Yawari procuro demonstrar sempre minha simpatia para com eles. As visitas são cotidianas, e não dispenso a participação em algumas de suas atividades: na colocação da cobertura da habitação coletiva; andando pela mata em caçarias, em pescarias, na busca de algum fruto; etc..

Minha maior aproximação é com as mulheres, sempre mais dispostas a conversar, a responder minhas perguntas, a me ensinar alguma palavra, a me esclarecer sobre laços e termos de parentesco. As crianças, a princípio, ficam meio distantes, situação aos poucos superada. Quando na habitação, passam o tempo andando pela roça, brincando com facas e terçados, construindo pequenos abrigos com folhas, brincando nas poças d'água que se formam com as chuvas que caem cotidianamente - estamos no período de chuvas na região.

Os passeios do grupo do km 47 até o Posto da FUNAI são diários, pela manhã ou pela tarde. Vêm pegar manga no pomar, observar um pouco o cotidiano dos moradores (na radiofonia, na cozinha, no jogo de dominó, na arrumação das bicicletas, na verificação do malhador (malha de pesca), etc.).





Habitação coletiva: km 47.



Habitação Yawari junto ao Posto da FUNAI.

Dia 28 de maio saio do Posto da FUNAI em direção ao km 40 da Perimetral Norte em visita ao grupo local que vive nas proximidades. São aproximadamente uma hora e meia de caminhada pela estrada até a entrada do caminho, e mais uns dez minutos, já dentro da mata, em direção sudeste. Seguem, na mesma caminhada, o casal A60 e A25 e o adolescente A50 (estavam junto a família que vive ao lado do Posto), e também o Yawari que mora no Posto. Além de suas respectivas redes de dormir, carregam alguns de seus utensílios de uso cotidiano: facas, terçados, arco e flechas, etc..

A aldeia esta localizada no interior da área já colonizada (ver mapa p. 80). Para se chegar até lá, a partir da estrada, é necessário seguir por um caminho que passa pela habitação do senhor Emílio, o "Pernambuco", e que depois segue por dentro da mata até lá.

Chegando na aldeia, após passar pelas roças de A48 e A7, e onde destacam-se as bananeiras e os pés de mandioca, constato que há uma estrutura de habitação retangular de aproximadamente 15x7 metros (cobertura em duas águas), e a população esta vivendo em pequenos abrigos individuais (famílias elementares ou solteiros) ao seu redor; alguns abrigos são cobertos com retalhos de lona plástica, o que da um aspecto de desordem e improvisação.

A50 entra no pátio onde estão localizados os abrigos gritando e balansando para o alto suas flechas e o arco. Gritos de "napè, napè,..." são lançados ao ar, principalmente pelas crianças (7). As mulheres correm para os seus cestos afim de pegar peças de roupa e cobrir seus seios.

Não faltam as questões sobre se sou garimpeiro ou "funai". Perguntam se tenho medicamentos comigo, com a resposta positiva apontam-me A113, a mulher mais velha dentre os

---

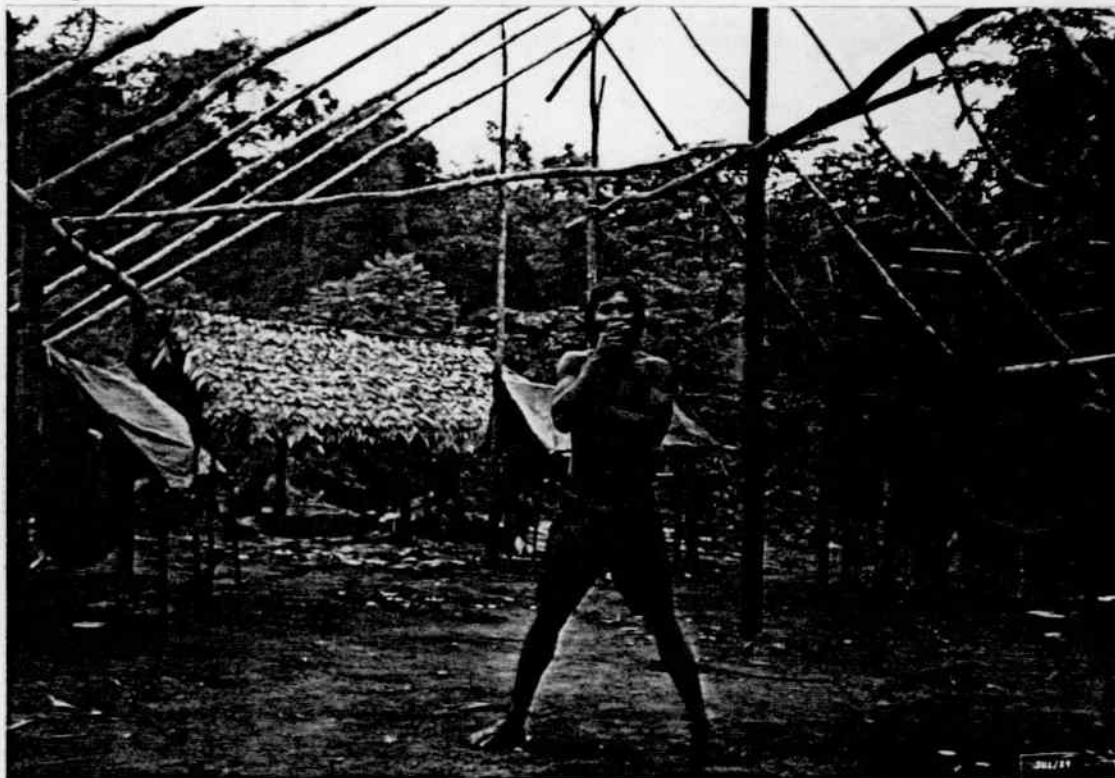
(5) Traduzido como "estranho, inimigo", e geralmente relacionado aos "brancos".



Yawari, ela esta com um corte entre os dedos do pé esquerdo. Logo aparecem várias crianças pedindo para serem tratadas de alguns de seus ferimentos, principalmente em decorrência de bichos-de-pé.



Os Yawari do km 40.



Os Yawari do km 40.



A maior parte da população não se encontra no local quando chego, são dez horas da manhã. Aos poucos vou me familiarizando com o ambiente, dando uma olhada pelos abrigos, ajeitando minha rede sob a estrutura da futura habitação coletiva, etc..

A49, esposa de A48, esta cozinhando bananas, assim que ficam prontas me chama para ir comê-las. Também me é dada uma palma de bananas provenientes das diversas que se encontram penduradas sob o teto do abrigo onde esta A113, a mulher que tratei do ferimento no pé. Esta, passa quase que o dia todo desencaroçando o algodão que havia trazido de uma roça localizada nas proximidades do km 33, ao sul da estrada, local de uma antiga aldeia. As crianças correm pelo pátio e, vez ou outra, somem na mata ou entram na roça retornando com mamões que logo são consumidos; enquanto vou arrumando minhas coisas, uma ou outra fica ali ao lado observando o que trago no interior de minha muchila e comunicando em voz alta para os demais alguns objetos que visualiza: anzol, linha de nylon, miçanga, facas, tabaco, ....

Com o transcorrer do dia, as pessoas vão chegando, assim vou tendo uma idéia sobre o número e a distribuição da população da aldeia. Com o auxílio de alguns jovens que têm conhecimento de portugueses faço um censo, um esboço de genealogia e colho algumas informações sobre locais de moradia anteriores, trajetória migratória de algumas pessoas, etc..

Os primeiros a chegar são o casal A14 e A24, ele traz dois macacos ("baxô" ou "bahô"), deixa um no abrigo de A48/A49. Ele é "xabori" (pajé) e sua habitação é diferente de todas as outras: é totalmente fechada (cobertura e paredes feitas com folhas de ubim), e com uma porta minúscula situada no lado direito da face que dá para o pátio central (3x4 metros, com 2 metros de altura). Me chama lá para dentro de sua habitação e fica perguntando quem sou, de onde venho, se vou ficar muitos dias ali.

A população total encontrada no local é de 20 pessoas, não estando incluídas as quatro que vieram comigo (ver mapa e diagrama genealógico p.80).

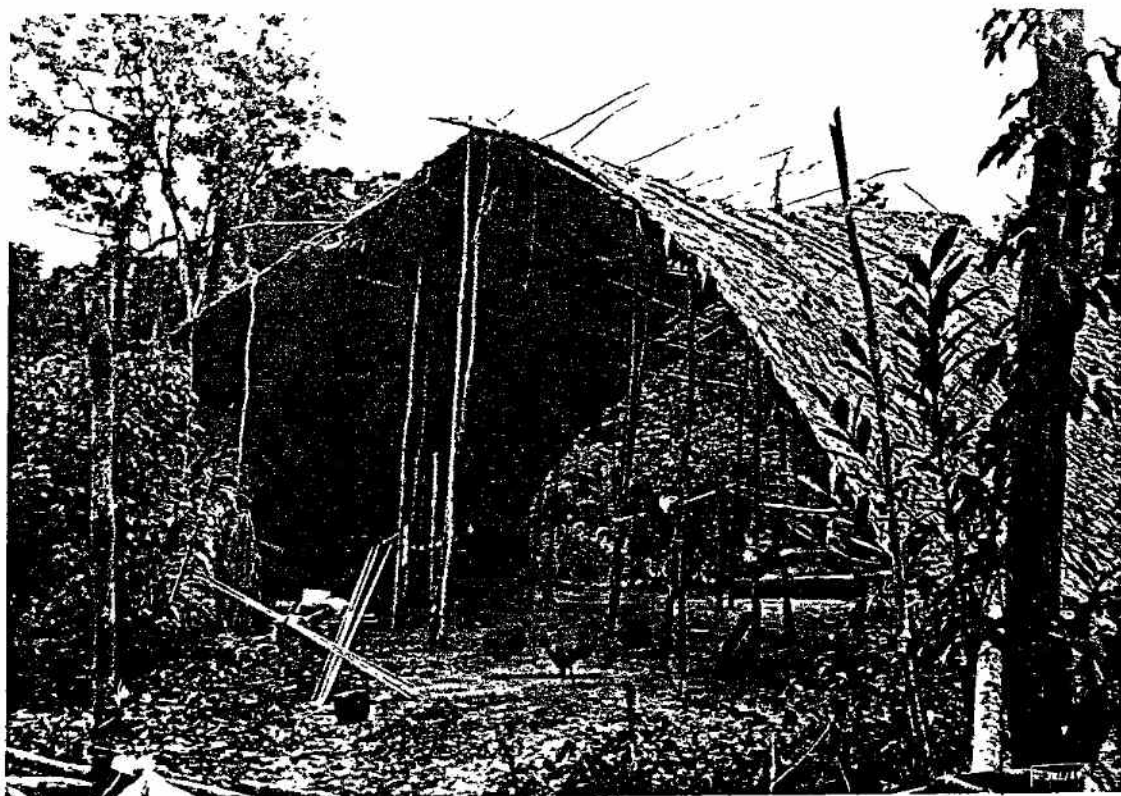
No final da tarde as mulheres vão buscar lenha no roçado aberto no verão passado. A noite vai ser fria e a chuva ameaça cair a qualquer momento. Colocadas bem próximas das redes, as fogueiras vão aquecendo os corpos que se embalam ao som das vozes dos homens que falam e cantam. Um dos filhos de A48 chora boa parte da noite reclamando de dores no estômago. Nas noites, aproveito para escrever meu diário de campo iluminado pela lanterna que trago comigo.

Na manhã seguinte, acompanhado por A60, sigo viagem para outra aldeia. Caminhamos pela estrada até o km 37, quando então entramos por um caminho na direção norte. O lote onde localiza-se o grupo que estamos indo visitar encontra-se atualmente desocupado. A mata esta muito fechada e, devido às constantes chuvas que caem na região, o terreno esta bastante alagado. Rastros de caça (anta, cutia, queixada, catitu) e onça são encontrados pelo caminho -a região esta repleta de frutos que servem de alimento para muitos dos animais de caça; também avistamos um bando de macacos guariba correndo pelas copas das árvores.

Após uma hora e meia de caminhada chegamos à aldeia. Só estão no local quatro pessoas: A65, A66, A79, A80. O restante dos moradores estão assim distribuídos: A29 e família elementar estão trabalhando numa fazenda na BR-174; o filho de A65 esta casado e vivendo com os grupos Yanomami da Bacia do Rio Uraricaá, ao norte (os Ninam conhecidos como "Xiriana"); o genro de A65 esta, juntamente com A84, trabalhando com um agricultor no km 33 da Perimetral Norte (ver mapa e diagrama genealógico p. 81).

Como pode ser observado pela fotografia que segue, a habitação é bastante distinta das anteriores.





Os Yawari do km 37.

É formada por duas coberturas inclinadas que, partido do chão, ao encontrarem-se no centro, sustentadas por esteios, dão um pé direito de uns 6-7 metros de altura (ambas cobertas com folhas de ubim tramadas). Sua área interna é de aproximadamente 144m<sup>2</sup>.

As mulheres, nos dois dias que ali fico, saem pela manhã e retornam já no final da tarde; meu acompanhante diz que elas vão até o local onde estão trabalhando os dois rapazes, no km 33.

Em termos de roça, da produção advinda do cultivo, a situação parece ser bem favorável. Além dos roçados antigos, o grupo vive naquela região a mais de dez anos, A65 esta terminando de plantar as últimas bananeiras em uma área derrubada de aproximadamente um hectare.

Meu companheiro traz consigo uma batéia e uma cava-deira (ferramentas utilizadas na atividade manual de mineração). Durante nossa estada, andou fazendo "pesquisas" frustradas pela redondeza. Apesar de se ter notícias de atividade de garimpagem pela região por parte dos "brancos" desde pelo menos os primeiros tempos de abertura da estrada, e esporádica a até uns cinco anos atrás, os Yawari só recentemente têm demons

trado interesse em exercê-la (os mais jovens).

No dia 31 de maio, à tarde, inicio o retorno para o Posto da FUNAI. Seguimos, eu e meu companheiro, por um outro caminho. Fomos sair na altura do km 32 da estrada. Um pouco mais adiante, no km 33, avistamos a residência de um dos moradores com quem, atualmente, os Yawari mais se relacionam: Dna. Tereza. Paramos para tomar um gole d'água e conversar um pouco. Os dois Yawari estão trabalhando ali, mas no momento não se encontram, haviam ido pescar. Dna. Tereza esta preparando a "farinhada" para a feira de sábado em Caracarái.

Passo a noite na aldeia do km 40, só chegando ao Posto na manhã seguinte.

Dia 4 de junho recebo a visita do sr. Valdemiro. Informado pelos funcionários da FUNAI de que eu estou interessado na situação da colonização na Perimetral Norte, pensa que sou do INCRA e estou ali fazendo algum levantamento tendo em vista projetos futuros. Por sorte esta situação inesperadamente foi criada, caso contrário dificilmente poderia tê-lo encontrado -vive na margem esquerda do rio Ajarani, abaixo da foz do rio Repartimento, a aproximadamente um dia e meio de caminhada. Como teve um estreito relacionamento com os Yawari, também era caçador de peles, chegando inclusive a morar junto deles a uns 3-4 anos antes da construção da Perimetral, é uma boa fonte de informações. Com ele e seus familiares vêm A15, A19, A20 (uma família elementar) que atualmente estão vivendo com ele.

Dia 7 de junho vou até a BR-174, estrada que liga Boa Vista a Manaus. Como as informações que disponho me indicam que uma boa parte dos Yawari estão nas proximidades da Vila Nova, isto é, na altura do km 39, no local onde vive uma família elementar Yawari, em meio aos regionais, resolvo deslocar-me até lá. Assim, além de verificar "in loco" estas informações, aproveito para visitar o senhor Alípio, um antigo ca-



çador de peles que perambulou pela Bacia do Rio Ajarani, durante a década dos 60, e também manteve um íntimo relacionamento com os Yawari.

O senhor Alípio, a princípio, ficou meio receioso de prestar depoimentos sobre aquele período. Disse-me que foi muito perseguido, principalmente pelos missionários do rio Ca-trimani. Hoje, já não se envolve com aquelas atividades, é um próspero fazendeiro.

Passo a noite em sua residência, seguindo para o local onde estão os Yawari na manhã seguinte. Só estão no local a mulher e as três filhas de A106, ele havia seguido para o Ajarani com A122 e família. Também esta no local outra família Yawari, a de A22, disse-me ele que haviam chegado há poucos dias e que eram os últimos Yawari a estar se dirigindo para o Ajarani: "não ficou mais ninguém" - estão vindo do baixo rio Mucajai.

Tive a oportunidade de conhecer também o senhor Isidoro, outro dos regionais com quem os Yawari mantêm um relacionamento frequente desde os primeiros anos da década dos 60' - o grupo local Yawari tem sua residência ao lado da do senhor Isidoro, km 39. Como poderá ser visto pelo mapa e diagrama genealógico (p. 82) a população encontrada no local perfaz um total de onze pessoas, duas famílias elementares sendo que uma delas esta baseada numa relação de poliginia, isto é, o homem esta casado com duas mulheres simultaneamente.

Retorno para o Ajarani dia 10 de junho. Concluída a "primeira etapa" estabelecida para a pesquisa, ou seja, o levantamento populacional, é chegado o momento de instalar-me junto a um dos grupos locais. Avalio que junto ao grupo do km 47 terei melhores condições de desenvolver meu trabalho, tendo em vista o entrosamento alcançado até então.

Dia 19 de junho passo a coabitar com eles, queria ter ido antes, mas dia onze os homens do grupo (A37, A31, A43, A61), mais o Yawari que vive no Posto (A05), deslocam-se até o grupo

Yanomami que vive próximo a Ponte "Ajarani II" (km 105), os Opik-theri, afim de participar de uma festa. Na habitação fica o "noivo em serviço". Os homens retornam dia 17.

Após quatro dias de estada junto ao grupo, dia 22 o grupo local do km 47 vai visitar o grupo Yawari do km 40. Permanecemos lá até o dia 9 de julho. Neste contexto, além de ampliar o campo social Yawari de observação, o intercomunitário, tenho oportunidade de melhor conhecer a situação do relacionamento dos Yawari com os regionais.

Neste meio tempo, entre os dias 5 e 7 de julho, desloco-me até Boa Vista afim de contatar o médico da FUNAI: uma forte gripe esta se generalizando entre os Yawari. O Posto esta com um reduzido estoque de medicação, e os anti-térmicos que havia trazido comigo já estavam acabando. Receioso de que pudesse haver um agravamento da situação sanitária do grupo, saio atrás de socorro.

Dia 10, o médico da FUNAI (Dr. Oneron), mais a médica da SUCAM chegam. A situação já esta mais controlada, somente os dois velhos (A15 e A17), os mais velhos dentre os Yawari, é que apresentam complicações (broncopneumonia), tendo que serem transferidos para o Posto da FUNAI. Acabo meus dias de pesquisa de campo cuidando dos dois velhos: ministrando a medicação indicada pelo médico; fazendo fogo para aquecê-los; obtendo comida junto ao Posto ou ao grupo local do km 47 para alimentá-los. Dia 15 de julho vou para Boa Vista e não mais retorno para o Ajarani.

Creio ter podido dar, ao leitor, uma rápida idéia de como se processou a pesquisa, do contexto na qual ela se desenvolveu, e de alguns problemas enfrentados. Além do tempo reduzido, o que significou um levantamento em ritmo acelerado, unicamente com informantes bilíngues, a população estava em movimentação e nem sempre se dispunha a ficar a minha disposição. De qualquer forma, e dentro do que a pesquisa se propunha ser: um primeiro trabalho de campo exploratório, acredito que seus resultados foram positivos. Isto é o que tentarei provar.



## I. POVOAMENTO YAWARI E OCUPAÇÃO DA REGIÃO

De um modo geral, os estudos sobre a história do povoamento Yanomami contribuíram para estabelecer como centro radial da expansão dessa população, nos últimos duzentos anos, a região da Serra Parima, limite oeste da fronteira do Estado de Roraima com a Venezuela, expansão esta sustentada por um importante crescimento demográfico em direção às terras baixas.

Duas hipóteses são normalmente levantadas para tentar explicar esta expansão geo-demográfica: 1. a introdução, entre os Yanomami, de ferramentas metálicas e da banana paco van, o que teria aumentado a capacidade produtiva e reprodutiva da sociedade; 2. a liberação de vastas áreas em decorrência do desaparecimento de muitas das etnias circundantes, isto é, os aruak ao sul e oeste (Mandawaka, Yabahana, Manao, Baré, etc.); os carib a leste e norte (Purukoto, Sapara, Pauxiãna, Ye'kuana); mais os grupos sem afiliação linguística (Maku, Awaké, Maeakana), em decorrência do contato com as fronteiras de expansão colonial (portuguesa e espanhola) e nacionais (brasileira e venezuelana), da primeira metade do século XVIII aos primeiros decênios do século XX.

Por outro lado, verifica-se que este processo sofre uma relativa paralização a partir da década de cinquenta deste século, ao mesmo tempo em que são registradas a instalação, junto a esta população, de missões religiosas (Salesiana, Ordem da Consolata, New Tribes Missions, Univangelized Fields Mission), de agências governamentais (SPI, FUNAI), e o gradativo recrudescimento do contingente regional a avançar sobre o território de habitação e perambulação Yanomami (principal-

mente nas chamadas "áreas periféricas").

Sobre a "pré-história" das migrações Yanomami, isto é, para além de duzentos anos aproximadamente, os conhecimentos disponíveis até o momento são praticamente nulos (para uma discussão, conferir Albert 1985:06-80).

O objetivo neste capítulo é apresentar os resultados de minha pesquisa no sentido de buscar elementos que possibilitem a reconstrução, ou melhor, uma construção da história da população investigada neste trabalho.

Analiticamente, foi feito um esforço de diferenciar o material disponível em duas esferas: de um lado, as informações que podem ser classificadas como mais relacionadas à dinâmica interna do grupo e sua relação mais ampla com a expansão dos Yanomami em sua totalidade; de outro, o material relacionado mais intimamente ao processo de ocupação da região, em distintos momentos no tempo, pelas diferentes faces que assume a sociedade envolvente no contato com os Yawari (extrativista, missionária, desenvolvimentista, assistencial). Implícita nesta opção esta a tentativa de criar um campo, de abrir uma brecha por onde possa penetrar, em futura pesquisa, afim de captar as representações e os significados dados pelos Yawari à realidade circundante e, principalmente, sua historicidade.

Antes de apresentar o resultado de minha pesquisa no sentido de produzir um esboço da história dos Yawari neste último século, gostaria de registrar que, para além dos poucos registros encontrados e do estado inicial de meus estudos, o que se constata é uma grande mobilidade da população por uma área compreendida entre o médio/alto rio Catrimani, o médio/alto rio Mucajai, o médio/alto rio Ajarani, e pelo rio Apiau, o que torna muitas vezes difícil determinar localizações precisas. Assim, muitas vezes prefiro registrar a permanência dos Yawari em uma determinada região a tentar fixá-los em pontos específicos que muitas vezes são transitórios ou circunstanciais.



## 1. Yawari: a história do povoamento

De onde teriam vindo os Yawari? Qual teria sido sua trajetória migratória até o momento quando, no final de novembro de 1973, entram em contato com as "frentes de trabalho" da construção da rodovia Perimetral Norte (BR-210)?

As informações mais remotas de que disponho no momento sobre o atual grupo Yawari me levam até pelo menos a segunda década desse século quando, nas cabeceiras do rio Ajarani, nascem os dois Yawari mais velhos e ainda vivos na atualidade, isto é, All3, nascida aproximadamente em 1915, e All1, nascido aproximadamente em 1917.

A quanto tempo seus pais estão naquela região? De onde teriam vindo eles? Como chegaram ali e pôrque? Estas são algumas perguntas que ainda estão sem resposta.

Na tentativa de estabelecer algumas pistas para futura pesquisa, junto a esta informação depoimentos recolhidos em momentos distintos mas que nos trazem algumas luzes.

Segundo os yanomami do médio/alto rio Catrimani, os "yawaribè", como designam os Yanam do rio Ajarani, são a primeira onda migratória nas terras baixas, isto é, a linha de frente da migração Yanomami que desceu o rio Catrimani, vindo a instalar-se tanto no rio Apiau quanto nos rios Ajarani e Repartimento, via rio Arapari (Albert, material inédito(\*)). Portanto, mais antiga que a ocupação Yanomam -atuais ocupantes do alto/médio rio Catrimani.

Mas este movimento migratório não foi feito, ao que suponho, sem o combate aos grupos que vivem, na ocasião, no médio rio Catrimani, isto é, aos Pauxiâna (carib).

---

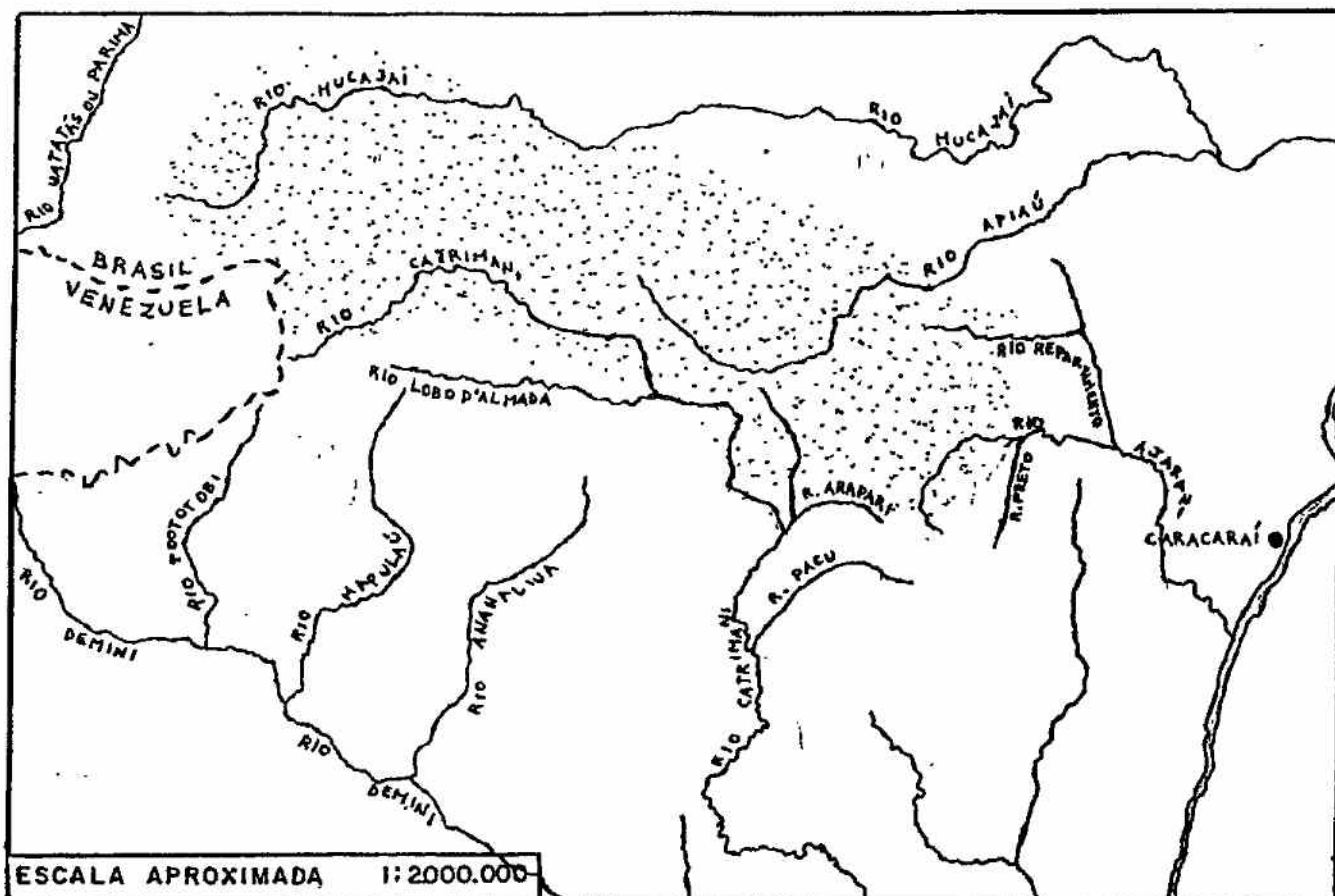
(\*) depoimento recolhido em pesquisa de campo entre 1975-84.

Segundo depoimentos recolhidos de integrantes de um grupo Pauxiãna que vive no local denominado de "Marinheiro", margem esquerda do rio Catrimani pouco abaixo da Cachoeira da Piranteira, pelo padre beneditino Alcuin Meyer, entre setembro de 1929 e fevereiro de 1930, quando então participou de uma expedição neste rio (Salathé 1932), os Pauxiãna moravam anteriormente "... também nas imediações da Cachoeira do Urussu, mais ou menos ao Pé da Serra do Pacú, ocupando duas grandes malocas. Outros domicílios de Pauxiãnas existiram no alto Rio ou Igarapé do Pacú em diversos lugares, como também ao longo do rio Araparí, além disso, em muitos pontos marginais deste rio tributário (do Catrimani). O nosso guia Pauxiãna Quirino nasceu no dito Araparí, na maloca chamada São Pedro" (Meyer 1982:35-39). Na ocasião, Meyer aventou que o desaparecimento dos Pauxiãna pudesse estar, em parte, relacionado à "assaltos efetuados por hordas hostis de índios selvagens dos altos Rios Catrimani e Mucajai".

Seriam estas "hordas hostis" os Yawari? Ao que tudo indica sim pois, neste mesmo período, Meyer recolhe depoimentos de balateiros onde estes atestam a presença dos "...Yawari na região compreendida entre os rios Catrimani e Mocajahi, onde parecem ter seus verdadeiros domicílios, ex. gr. nas cabeceiras do Mocajahy, no igarapé Apiaú, confluente do Mocajahy pela direita, bem perto do Catrimani; idem do igarapé Arapary, confluente do Catrimani pela esquerda" (Meyer 1956:22-24).

(Ver mapa página seguinte)





Os Yawari: início do século XX.

Os depoimentos são um tanto genéricos com relação a localização dos Yawari, entretanto, somando aos registros de nascimento anteriores, tenho para o período compreendido entre 1925-1935 o nascimento de mais quatro Yawari: A36, nascida em 1926 no alto rio Repartimento; A65, nascido em 1928 no alto rio Ajarani; A81, nascido em 1929 no alto rio Ajarani; A128, nascido em 1933 no alto rio Ajarani (6).

De meados da década de trinta chega a notícia de que os Yawari, vivendo a nordeste da Bacia do Rio Catrimani, entre as cabeceiras dos Ajarani e Repartimento suponho, fazem aliança com um grupo Yanomami de língua distinta (yanomam).

(6) as datas de nascimento presentes neste trabalho, pelo menos as anteriores a 1975, são aproximações.

Desta aliança, que durou relativamente 40 anos, surge não só boa parte da população Yawari nascida desde então como também os grupos conhecidos na atualidade como Opik-theri (Saffirio 1985:14-15).

Dos anos quarenta tenho o registro de mais dois nascimentos no alto rio Ajarani: A48, em 1944 e A110, em 1948; e um no alto rio Repartimento: A22, em 1946.

No final dos anos quarenta parece existir basicamente três grupos vivendo na Bacia do Rio Ajarani: um no alto rio Repartimento; um no rio Ajarani, na altura do rio Preto; e um terceiro vivendo nas cabeceiras do rio Ajarani. Consta também que por esta época o grupo que vive no alto Repartimento inicia a abertura de um roçado já no médio Repartimento (2). Também é desta época os primeiros registros de contato dos Yawari com gateiros/pescadores, tanto no rio Repartimento quanto no rio Ajarani.

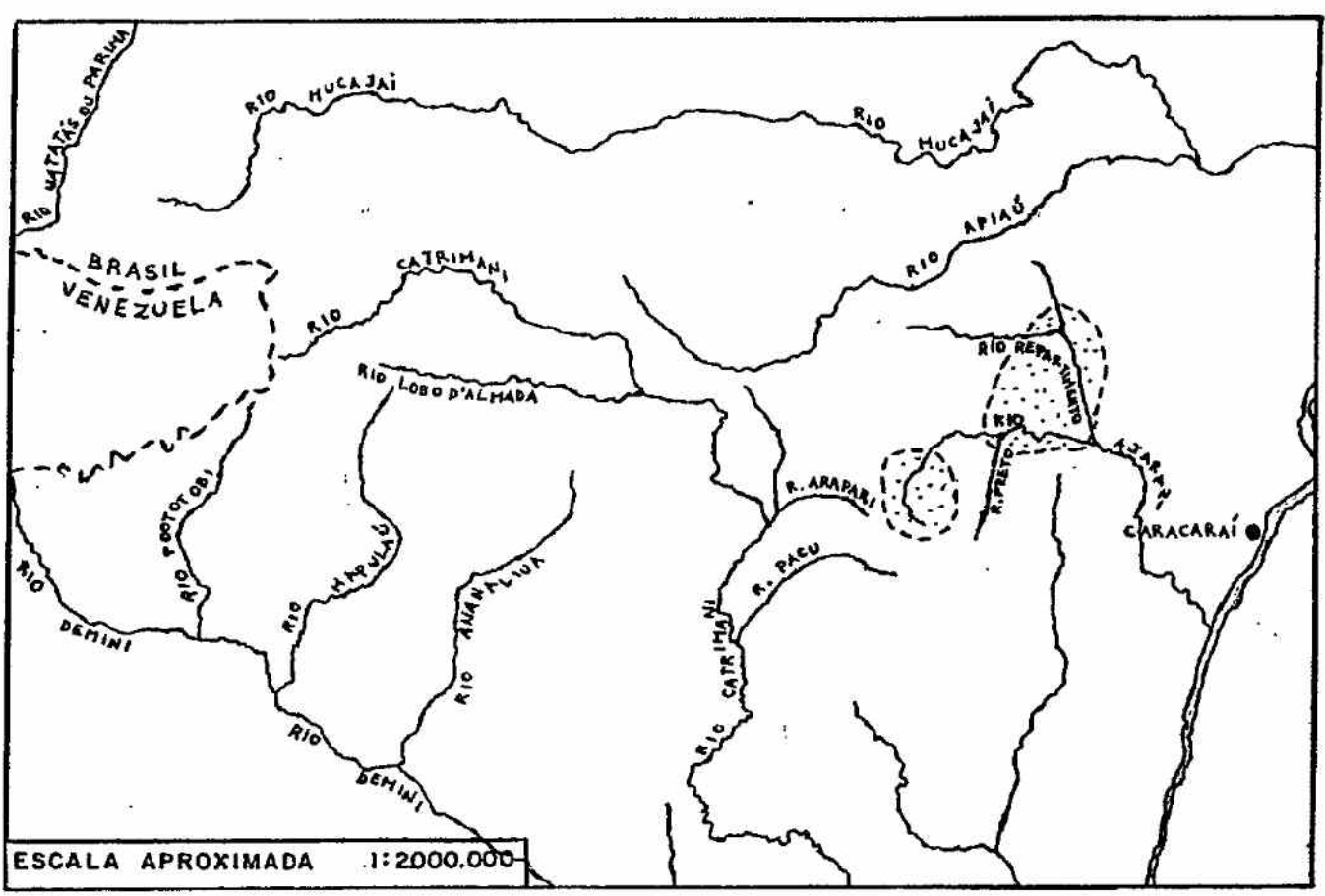
Na década de cinquenta surge o primeiro elemento interno ao grupo que indica esta movimentação, é o nascimento de A117 no baixo rio Preto em 1954, e de seu irmão A19, em 1959, já nas proximidades do médio rio Repartimento (margem direita). Neste deslocamento estão a população que, durante a pesquisa de campo, compõe o grupo localizado ao norte da Perimetral (entre os kms 32-37), e parte do grupo localizado na altura do km 40 da mesma estrada, isto é, a parte B (v. p.80). Também estão avisinhados neste deslocamento os indivíduos registrados como tendo nascido no alto rio Repartimento e respectivo grupo local.

Segundo A117, a razão principal para este deslocamento relaciona-se aos frequentes ataques guerreiros que estão sofrendo, neste período, dos grupos Yanomami do médio/alto rio Catrimani. Nesta época também são registradas visitas de alguns Yawari a Caracaráí, levados pelo caçador de nome Alberto (A121 é um destes).

(7) Entrevista com o sr. Miguel Souza em 14.07.1989.



Assim, ao entrarmos na década de sessenta, e segundo os dados de que disponho no momento, a população que compões hoje os Yawari esta subdividida em basicamente dois grupos populacionais: um, localizado entre o médio rio Repartimento e o médio rio Ajarani; outro, localizado nas cabeceiras do rio Ajarani.



Os Yawari: início da década de sessenta.

No ano de 1962 tem-se a notícia da primeira viagem dos missionários da Ordem da Consolata no rio Ajarani. Objetivando criar um posto missionário neste rio, escolhem a foz do rio Preto, afluente direito do rio Ajarani, e onde há uma cachoeira, para instalarem-se. Na ocasião, há um grupo Yawari vivendo nas proximidades (A121, A122, A128), os quais se incorporam nas atividades de abertura de um campo de pouso para aviões e de um roçado, e na construção de uma rústica habitação para os missionários. Três anos depois o projeto é praticamente abandonado e os contatos com os Yawari se dão de forma muito esporádica.

Segundo padre Sabatini, missionário da Ordem da Consolata que participou de algumas das expedições ao rio Ajarani, a população Yawari que vive no médio/alto rio Ajarani e rio Repartimento encontra-se, nesta época, numa situação de relativo isolamento social e cultural com relação a "fronteira" econômica e demográfica da sociedade envolvente. A nível de cultura material, encontramos, assim, referências a utilização do machado de pedra; de facas feitas de lascas de bambu; de panelas de barro feitas no local; rêdes de fibras ou de cipó (apesar de conhecerem a tecnologia da fiação do algodão, dificilmente era encontrada uma rede de deitar deste material); a utilização de casca de árvore para ralar mandioca; fibras vegetais na forma de tecido utilizada para envolver e exprimer a massa de mandioca ralada; a utilização de arco e flechas; as mulheres não usando tanga, somente um cordão de algodão envolto na cintura; os homens têm o prepúcio amarrado por um cordão de algodão envolto na cintura; as habitações são monofamiliares e dispostas ou ao redor de um pátio central ou a um "galpão" -habitação geralmente redonda, cônica e sem paredes laterais, ocupado geralmente pelos homens solteiros ou por visitantes; a utilização de tonsura por ambos os sexos, alguns chegando a raspar toda a cabeça; etc. (3).

---

(8) Entrevista realizada em 13.08.1989, em Brasília. Durante as expedições foram feitas filmagens e realizadas séries fotográficas priorizando aspectos da cultura material dos grupos locais visitados.



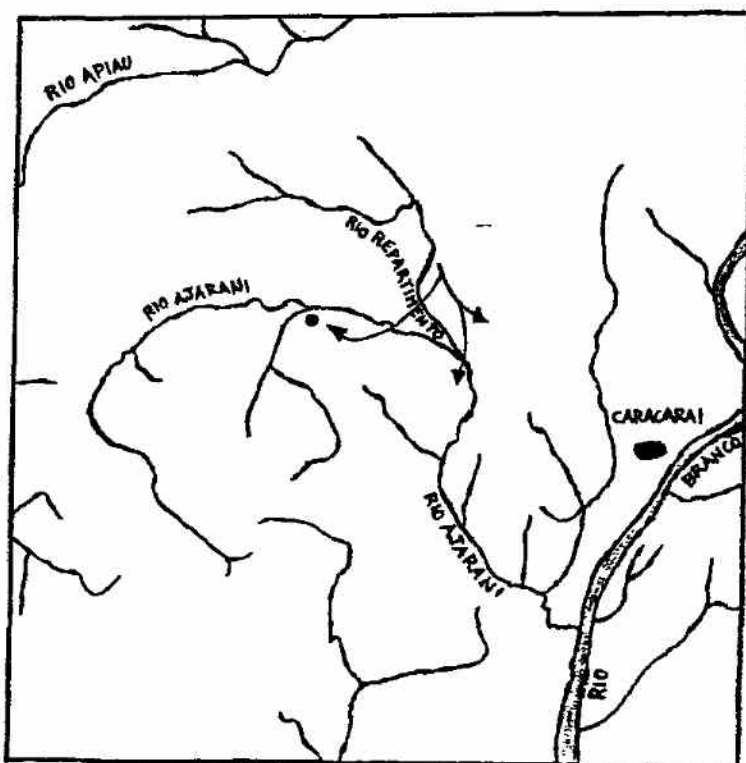
Em 1963, há o registro de uma visita dos Yawari do rio Repartimento, acrescidos de alguns yanam do rio Apiaú com quem mantém alianças, à estrada que liga Caracarái a Boa Vista -na época em construção. Saem na altura do km 34, sentido Caracarái-Boa Vista, onde ficam alguns dias e retornam para o rio Repartimento. Voltam ali outras vezes, mas sempre com permanências rápidas.

Entre setembro de 1965 e fevereiro de 1966, o linguísta E. Migliazza realiza sobrevôos sobre a Bacia do Rio Ajarani e contata um grupo Yawari que vive no baixo/médio rio Ajarani. Segundo consta, haveriam sete grupos locais entre o médio rio Repartimento e o médio rio Ajarani, e com uma população total de aproximadamente 112 pessoas; no alto rio Ajarani ele localiza nove grupos locais, os quais, somados a população yanomami que vive no médio rio Catrimani, somariam 134 pessoas. Na ocasião, recolhe a auto-designação "kasteri", moradores da beira, junto a um grupo local do médio rio Ajarani (Migliazza 1967:155-165).

Em 1968 um dos grupos, de dois que vivem no rio Repartimento, sofre um ataque guerreiro de parte dos Yanomami que vivem no médio rio Mucajai, ao norte, durante uma festa intercomunitária. A22 informa que na ocasião houveram muitos óbitos, os dedos de suas mãos foram insuficientes para enumerá-los. Consta que o grupo atacante dispunha de armas de fogo (espingardas). Cinco mulheres foram levadas (A113, A36, A66, A87, A115), sendo que quatro conseguiram escapar durante a caminhada para o rio Mucajai - A115 encontra-se até hoje lá e onde teve duas filhas (grupo local junto ao PIn Mucajai-FUNAI).

Após este incidente, que inclusive fez com que alguns se refugassem temporariamente junto aos regionais da BR-174, a população que vive no rio Repartimento, antes do ataque guerreiro, desce o rio indo se instalar em dois outros pontos: abaixo da foz do rio Repartimento, no rio Ajarani (a uma hora e meia de caminhada do ponto onde anos depois será instalado o Posto da FUNAI), a uns 15 minutos de caminhada da margem direita; outro, na margem oposta, a duas horas de caminhada da beira (com a construção da Perimetral Norte, a referência passou a ser "a dois quilômetros ao sul da altura do quilômetro trinta e quatro desta rodovia").

Os Yawari continuam relacionando-se com os caçadores de gatos que, principalmente no período de seca -verão, entre outubro e março- sobem o rio Ajarani. O envolvimento dos Yawari com as atividades dos gateiros é basicamente de dois tipos: ou acompanham esses durante as caçadas, indicando os locais mais prováveis de encontrar os animais; ou realizando eles mesmos as caçadas. Em ambos os casos é lhes fornecido espingarda e munição; quanto ao pagamento, este é feito com produtos: facas, terçados, redes, panelas, etc.

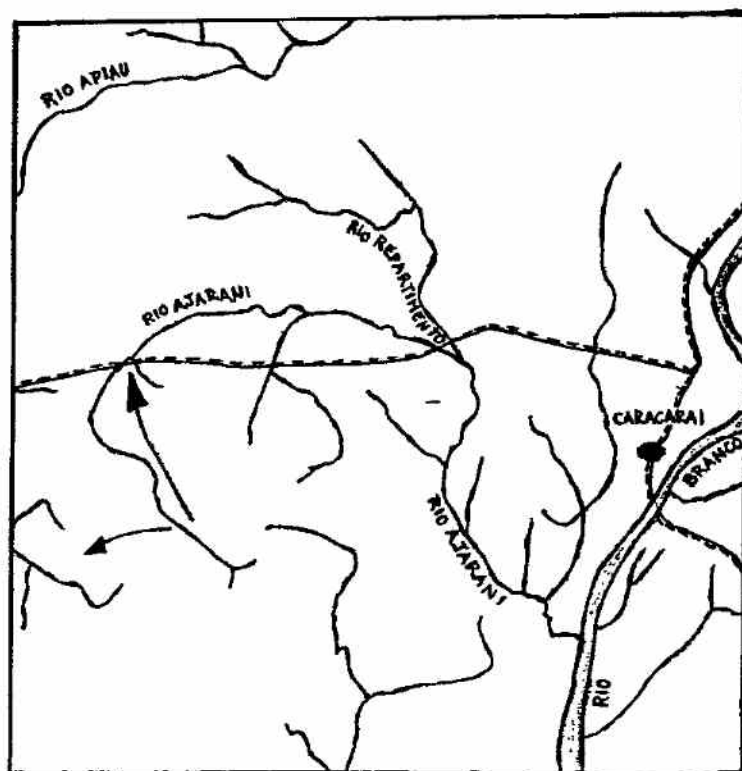


O ataque guerreiro de 1968 e o deslocamento dos Yawari.



Quanto aos Yawari do alto rio Ajarani, consta que o grupo local denominado "Rainathauxutheri" conta com uma população de trinta pessoas no ano de 1973 (9). Na ocasião mantém aliança com os yanomam do alto rio Pacu (os Opiktheri) e realizam algumas visitas aos grupos locais próximos a Missão Catrimani. Também mantém relacionamentos com os grupos que na ocasião estão vivendo no médio rio Ajarani, com visitas intercomunitárias ocorrendo com uma certa periodicidade.

Por outro lado, esta aliança com os Opiktheri não é algo muito segura tanto que, em fevereiro de 1974, estes atacam de surpresa, pela manhã, os Rainathauxutheri. Na ocasião são registrados quatro óbitos entre os Yawari e duas mulheres são raptadas (A67 e A42). Há uma dispersão deste grupo, uma parte junta-se aos Opiktheri, outra desce o rio Ajarani indo se localizar nas proximidades da Perimetral Norte que, na ocasião, já tem suas frentes de desmatamento nas proximidades do rio Catrimani.



O ataque guerreiro de 1974 e a Perimetral Norte.

(9) Relatório da Missão Catrimani datado de outubro de 1973. Em Saffirio 1985, este diz que são 39 yawari.

Passam a viver a uns cinco quilômetros da ponte "Ajarani II", aproximadamente no quilômetro cem -a ponte está localizada no quilômetro cento e cinco. População adulta no local: A03, A04, A13, A14, A35, A36, A38, A39, A48, A49, A58. Fazem visitas frequentes ao Posto da FUNAI que, em agosto de 1974, é instalado na altura do quilômetro quarenta e nove, na margem direita do rio Ajarani. Com a morte de A04 em 1976, morto por A07, o grupo acaba se fixando nas proximidades do Posto da FUNAI.

Possivelmente, a construção da Perimetral Norte tenha sido um dos momentos mais críticos para os Yawari, e até hoje não analisado em sua real profundidade. Dizer isto hoje, passados já mais de quinze anos, e sem uma experiência concreta de estar ali, de ver as pessoas ali num processo grandioso de máquinas e homens a transformar toda uma realidade de relações e significados ..., não sei, é algo que me escapa e me deixa um tanto perplexo em ter que relatar o pouco que tenho para dizer sobre este momento.

Em um estudo realizado em agosto de 1975 por N. Cape, na fase preliminar do "Projeto Yanoama", e posteriormente apresentado por Alcida Ramos (1979:9-30), foi possível construir o seguinte quadro demográfico dos aldeamentos Yawari localizados, então, entre os quilômetros trinta e dois e sessenta e cinco da Perimetral Norte:

Aldeamento	Antes da PN nº de pessoas	Depois da PN		
		Óbitos	Dispersos	Restantes
Naitauxtheri	30	11 (*)	-	19 (**)
Arapixi	22	8	9	5
Castanheira	24	5	5	14
Km 33	20	2	2	16
km 32	10	?	?	9
TOTAL	106	26/27	16/17	63
Nº total de Yawari em agosto/1975				79/80

(\*) 4 foram registrados no "raid" (ataque guerreiro) de 1974.  
(\*\*) parte deslocou-se para junto dos Opiktheri.



Ou seja, praticamente 25% da população Yawari conhecida, isto é, levantada para um período anterior a chegada da Perimetral Norte na região, foi levada a óbito, na maioria das vezes por doenças nas vias respiratórias

Em complementação, gostaria de apresentar algumas das observações feitas por Ramos onde esta nos fornece elementos mais paupáveis para se ter uma idéia de alguns dos efeitos mais visíveis do processo de construção da Perimetral Norte nos Yawari:

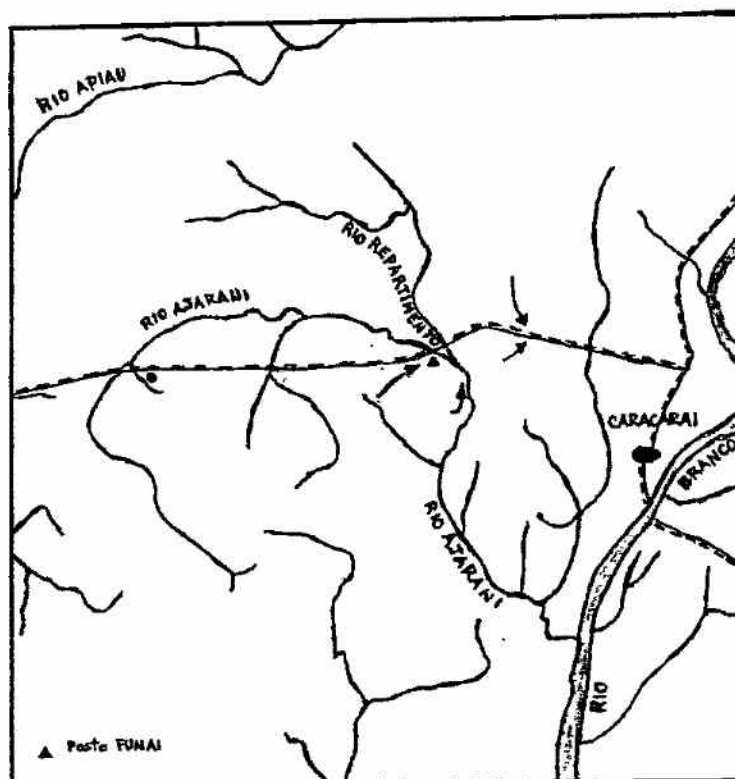
"Os 22 membros do grupo de Arapixi viviam antes da estrada numa localidade distante cerca de um dia de viagem a pé ao sul de onde iria passar a Perimetral Norte, nas imediações do km 62. Desde a construção, duas pessoas morreram de malária, cinco de pneumonia (que evoluiu de uma gripe) e uma de infecção intestinal. Duas famílias, num total de sete indivíduos, viviam, em agosto de 1975, à beira da estrada, em barracões abandonados pelas turmas de construção. Um jovem, depois de passar um ano inteiro num acampamento, parasitava agora no posto da FUNAI. Uma mulher, havendo sido tratada de doença venérea, fora levada para a Fazenda São Marcos |FUNAI|. Os cinco restantes estavam morando junto a uma roça ainda improdutiva, a cerca de cinco horas de caminho da estrada."

"Em Castanheira os Yawarib que antes viviam afastados um quilômetro da margem do rio, estavam agora numa localidade na margem direita do Ajarani, a 45 minutos a pé ao sul da estrada. Desde o início da construção, segundo uma fonte de informação, três pessoas morreram de pneumonia (também resultado de gripe) e duas de desinteria. Uma outra fonte dá um número de sete a oito para os mortos que ocorreram desde a instalação do posto da FUNAI. Uma família estava em São Marcos depois de a esposa ter sido tratada pela segunda vez de doença venérea, e um jovem mudara-se para o posto. Os outros 14, dentre eles quatro homens são casados (um ancião, o líder recentemente viúvo e dois rapazes solteiros) viviam em três

casas retangulares, no estilo rural brasileiro, caçando com espingardas e recebendo mandioca de uma família brasileira que estava em vias de deixar a área (...)."

"As 22 pessoas que em 1975 viviam sob a liderança de uma mulher idosa, no km 33, numa área já ocupada por colonos, moravam, antes da estrada chegar, a cerca de dois quilômetros ao sul do traçado da Perimetral. Desde a construção, duas pessoas morreram de pneumonia e duas abandonaram o grupo para se juntar a um gateiro próximo a Caracarái. Durante dois anos não se fez roça nova."

"Os 9 Yawarib ora localizados no km 32, vivendo a beira de uma grande roça pertencente a colonos brasileiros, estava antes a sete quilômetros ao norte do traçado da estrada e eram dez então."



1973-1975: a Perimetral Norte e os grupos locais.

Nos dois primeiros meses do ano de 1976 os Yawari são incentivados a se deslocarem para um local situado a umas cinco horas ao sul do km 49,5, "Haitá" (referente ao Projeto Humaitá, ligado às atividades do Projeto Yanoama). Chegam a



ser iniciados roçados pelas famílias "da Castanheira" e do km 33, entretanto este Projeto acaba entrando em decadência com as mudanças na política indigenista para a população.

Em um levantamento aérea realizado em 1977 pela FUNAI, e que serviu como base para a delimitação administrativa de 21 áreas (ilhas) destinadas aos Yanomami no Brasil, os Yawari aparecem como estando distribuídos em cinco locais situados ao sul do Posto da FUNAI, isto é, Castanheira, Flechal, Humaitá, e dois no igarapé 29. Tráz também referência a existência de um "subgrupo Yanoama, Yauari, com quatro habitações e que se subdividiam em três pequenos grupos locais" na propriedade do sr. Manoel Dantas da Silva (km 33), "os quais vivem perambulando pela estrada" (Paixão, 1977). Infelizmente o referido relatório não traz maiores informações sobre a população como, por exemplo, localização específica, número de pessoas, identificação individual.

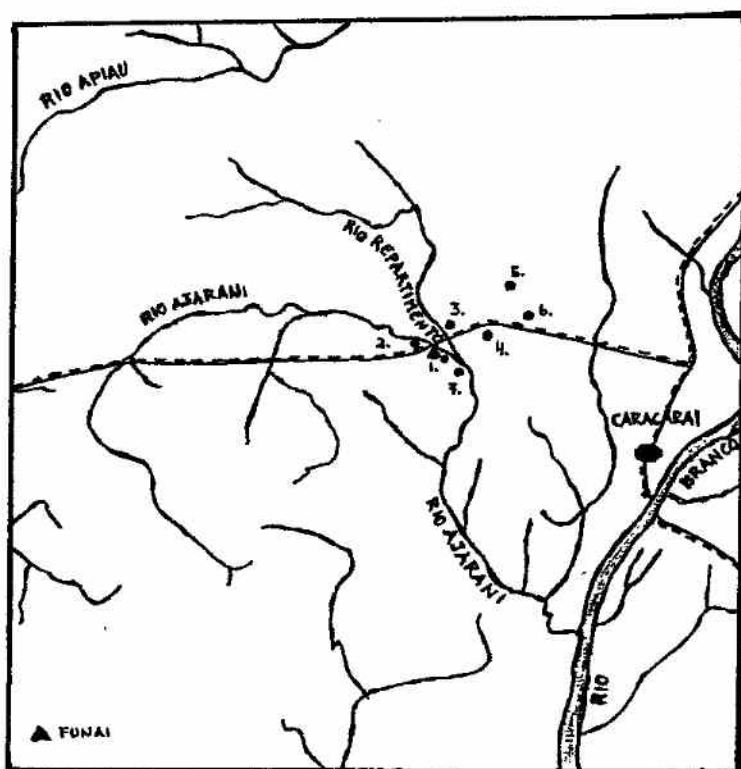
Apesar das transformações havidas na vida dos grupos Yawari, a rede de relações sociais intercomunitárias entre eles se manteve. Visitas aos grupos que vivem na Bacia do Rio Apiaú, ao norte, e vice-versa, são realizadas. No ano de 1977 há notícias de uma grande festa intercomunitária na habitação do grupo local do km 33, esta, contou com a participação de vários integrantes daquela população. Na ocasião, A81, que vive nas proximidades do km 32, ao norte da rodovia, dá para o yanom "Concha Velha" uma de suas esposas (A82).

Também por esta época, retorna para o Ajarani o yawari A22 juntamente com sua família. Com ele também vêm A137 com sua família. Ambos estão vindo do baixo/médio rio Mucajai, e de onde originam-se suas esposas.

As relações tensas e conflituosas entre os Yawari e os grupos que vivem no alto rio Pacu (os Opiktheri) e os moradores do rio Catrimani também continuam. Em setembro de 1978 e abril de 1979 realizam mais dois ataques guerreiros aos grupos Yawari, chegando inclusive a invadir o Posto da FUNAI onde alguns se refugiam.

Assim, e para além das visões evolucionistas/involucionistas e apocalípticas que surgem em muitos dos relatos sobre os Yawari desta última década, e que se projetam nas observações feitas na década seguinte, e não desmerecendo a tragicidade resultante da construção da Perimetral Norte para os Yawari, o que fica é a permanência, ou melhor, a plasticidade das relações sociais. A constante readaptação, os rearranjos, na tentativa de manter uma identidade, mesmo que, para aquele que olha de fora, pareça fragmentária, em processo de desmanchar-se a qualquer momento.

Iniciados os anos oitenta, sete grupos locais são encontrados distribuídos entre aproximadamente os quilômetros 32 e 50 da Perimetral Norte.



Os Yawari em 1980.

Fonte: anotações encontradas no Posto da FUNAI.



Quanto a localização, a situação é a seguinte:

1. a 200 metros ao sul do Posto;
2. a uns 200 metros ao norte do Posto;
3. no km 44, na beira do rio Repartimento;
4. a 1,6 km ao sul do km 40;
5. a 13 km, de caminhada, ao norte da estrada, a partir do km 37;
6. a 1,35 km, de caminhada, ao norte do km 32 da estrada;
7. a aproximadamente 5,4 km ao sul do Posto da FUNAI.

Quanto a população, esta se encontra assim distribuída (destaque para alguns adultos):

Grupo local (nº no mapa)	Alguns adultos	População (mar/80)
1.	A35, A22, A31, A48, A137	24
2.	A14, A16, A61	08
3.	A07	06
4.	A113	14
5.	A65	10
6.	A81	09
7.	A121, A122, A128	10
Total		81

Sobre a origem das anotações encontradas no Posto, os funcionários foram incapazes de esclarecer, entretanto há a referência de que o antropólogo Saffirio tenha estado na região neste mesmo período, o que me leva a crer que sejam suas.

Em um "Dossiê" da Missão Catrimani datado de 1980, alguns elementos são encontrados para caracterizar a situação local. Neste, somente o grupo local número 1 vive em uma habitação redonda, cônica ("tipo Yanomami"), roças comuns. Os demais vivem em uma ou duas barracas do tipo "neo-brasileira, têm roças familiares ... todos os homens e mulheres vestem roupa, usam panelas, pratos, bacias, copos e dormem, quase a totalidade em redes de tipo brasileira." Ainda, a população mantém relações com os colonos assentados na rodovia.

Ainda no referido "Dossiê", se constata a frequente interação existente entre os grupos locais, com visitas frequentes e a realização de festas intergrupais. Mais do que uma fragmentação, o grupo continua a manter e reforçar os laços de solidariedade e parentesco que os articula.

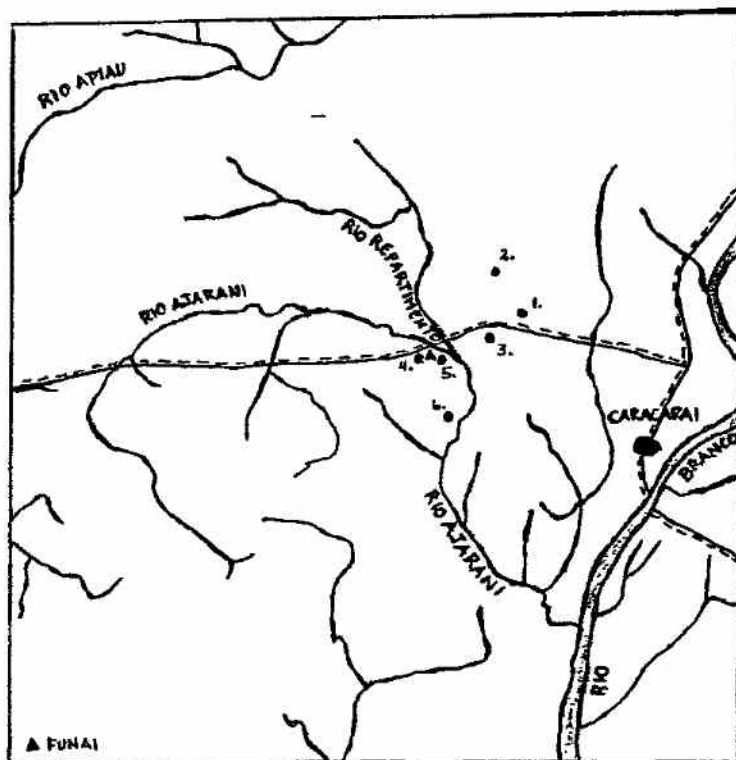
Desde então, até fins de 1985, observa-se que algumas mudanças na composição dos grupos ou na localização das comunidades ocorrem em decorrência de micro-movimentos por motivos variados.

Em dezembro de 1981, integrantes da Comissão pela Criação do Parque Yanomami realizam uma visita a região. Nesta ocasião constata-se a presença de seis grupos locais Yawari vivendo entre os quilômetros 32 e 40, e assim distribuídos (CCPY 1982:20-24):

1. Cerca de 20 minutos a pé do km 32 da BR-210; população conhecida: 10 pessoas;
2. Cerca de 2 horas a pé do km 32 da BR-210; população conhecida: 10 pessoas;
3. Cerca de 15 minutos a pé do km 40 da BR-210; população conhecida: 16 pessoas
4. Junto ao Posto da FUNAI; população: 5 pessoas;
5. Cerca de 15 minutos a pé do Posto da FUNAI; população: 20 pessoas;
6. Na confluência dos rios Ajarani e Repartimento; população: 10 pessoas.

Assim, temos naquele momento 71 yawari vivendo na região.

Os Yawari em dezembro/1981.





A mudança verificada entre março de 1980 e dezembro de 1981, ou seja de sete para seis grupos locais, relaciona-se ao fato de que o grupo que vivia então no km 44, as margens do rio Repartimento, esta agora vivendo no km 40, junto ao grupo local que já naquela época encontrava-se ali habitando. Quanto a diferença demográfica, ou seja, em 1980 os dois grupos juntos somam 20 pessoas, em 1981 o grupo formado da união daqueles soma 16 pessoas, esta possivelmente se deva a inclusão de pessoas que não mais estavam habitando no novo grupo formado.

Na ocasião da visita, dezembro de 1981, é constatado não só o relacionamento dos Yawari com os colonos assentados até o km 44 e com os trabalhadores de duas serrarias instaladas na Perimetral Norte (kms 34 e 44), como também o deslocamento destes até Caracarai.

A região apresenta índices elevados de malária, e os Yawari não são poupados de suas consequências, durante a visita são constatados vários casos de febre, com tremores e calafrios. Até então, dois casos de tuberculose são registrados na população, sendo que um deles, Alll, encontrava-se em Boa Vista para tratamento.

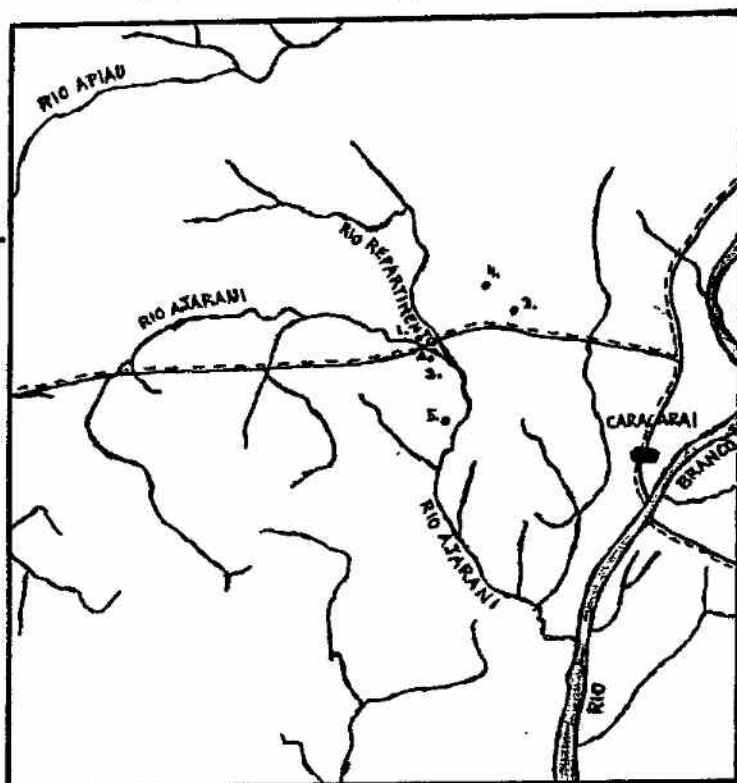
No entanto, e apesar das dificuldades, na aldeia de número 2 os Yawari estão em festa, agrupando boa parte da população dos grupos locais como recebendo a visita dos yanam do rio Apiaú.

Em julho de 1983, quando da visita de uma das equipes médicas do convênio FUNAI/CCPY/MDM, uma população de 72 Yawari esta distribuída em cinco grupos locais:

1. Koyoptheri: são 31 pessoas fazendo uso de uma habitação cônica/fechada, localizada próximo ao Posto da FUNAI, margem esquerda;
2. São 16 indivíduos numa habitação de igual estilo, construída próxima ao Posto, margem direita;

3. Km 33: com 5 pessoas;
4. Km 32: com 10 pessoas;
5. Maloca do Flechal: rio Ajarani, a uns 40 minutos do Posto rio abaixo (barco com motor de popa de 15 HP), com 10 pessoas.

Os Yawari: julho de 1983.



Com um contato relativamente frequente com os agricultores assentados na Perimetral, parte da população passa a vender sua força de trabalho ou trocá-la por roupas, ferramentas, panelas, rêdes, etc.; em diversos relatórios de funcionários do Posto da FUNAI desta primeira metade da década de oitenta são encontradas referências à famílias deslocando-se para junto de algum agricultor no período de abertura de roçados/afim de lá trabalhar, por exemplo. Também são relatados deslocamentos, e até permanência por um certo tempo, de alguns Yawari para junto de alguns moradores da BR-174, notadamente aqueles com quem mantiveram contatos a partir da década de sessenta (Alípio Bezerra, Isidoro Martins). Segundo estes, entrevistados durante a pesquisa de campo, alguns hoje adolescentes teriam passado parte de suas infâncias com eles (A43, A104).



A utilização de bebidas alcoólicas, fornecida por agricultores, ou adquirida na Vila São José e Caracaráí através da venda de produtos (peixe, carne, frutos), é também verificado entre a população, principalmente os homens jovens. Brigas ou simples desentendimentos aparecem relacionados a momentos de consumo de cachaça (Memo nº 22/Ajarani/85, FUNAI).

Até fins de 1985 os registros disponíveis indicam a manutenção da distribuição da população conforme o verificado em 1983. Entretanto, na segunda metade de dezembro registra-se um desentendimento entre os Yawari (Oliveira 1986, Relatório de Viagem). Relacionado a um possível rápito da filha (A25) de A22, este acaba matando A41 por supor ser ele quem estaria escondendo. Temeroso de vingança, A22 e sua família abandonam a região; em abril de 1986 é encontrado vivendo na maloca do Boqueirão, região do Taiano, onde, junto a uma população majoritariamente Wapixâna (grupo aruak), vivem alguns yanam provenientes do rio Apiaú e Bacia do Rio Uraricaá.

Em outubro de 1986, um incidente faz com que mais de 50% da população deixe a região: o ataque de aproximadamente 22 yanomam da Bacia do Rio Catrimani à aldeia Yawari denominada Flechal (rio Ajarani). Segundo Saffirio (1986), no último dia de uma festa dos Rotiptheri, grupo que habita nas proximidades da Missão Catrimani, isto é, dia 12 de setembro, foi feito um ritual fúnebre durante o qual é enterrado o pó dos ossos (queimados e triturados) de um rapaz de 16 anos, filho do Tuxáua João, que havia morrido no dia 18 de abril daquele ano, na aldeia dos Hewënahipitheri (alto rio Catrimani), em consequência de uma malária ou hepatite segundo o diagnóstico feito pelos missionários. Neste ritual também foram queimadas as pontas das flechas do rapaz, o que indicava a decisão de seus parentes de vingá-lo. Na ocasião é indicado como autor

dos atos de feitiçaria contra o rapaz o yawari A121.

Ainda segundo Saffirio, e baseando-se no relato de um dos participantes, no final da tarde do dia 18 de setembro o grupo de 22 guerreiros, pintados de preto com listas vermelhas e segurando nas mãos as flechas com as pontas de taboca bem afiadas, acampou nas proximidades da roça dos Yawari do Flechal. Na manhã seguinte (por volta das 5h) o grupo entra na aldeia -as mulheres e crianças correm assustadas. Ficam entre 8-9 homens que iniciam a dialogar com o grupo a procura de razões para a visita. Com os ânimos exaltados, os visitantes começam a disparar suas flechas contra os Yawari, saldo: um óbito (A121) e três feridos (A110, A122, A37) entre esses.

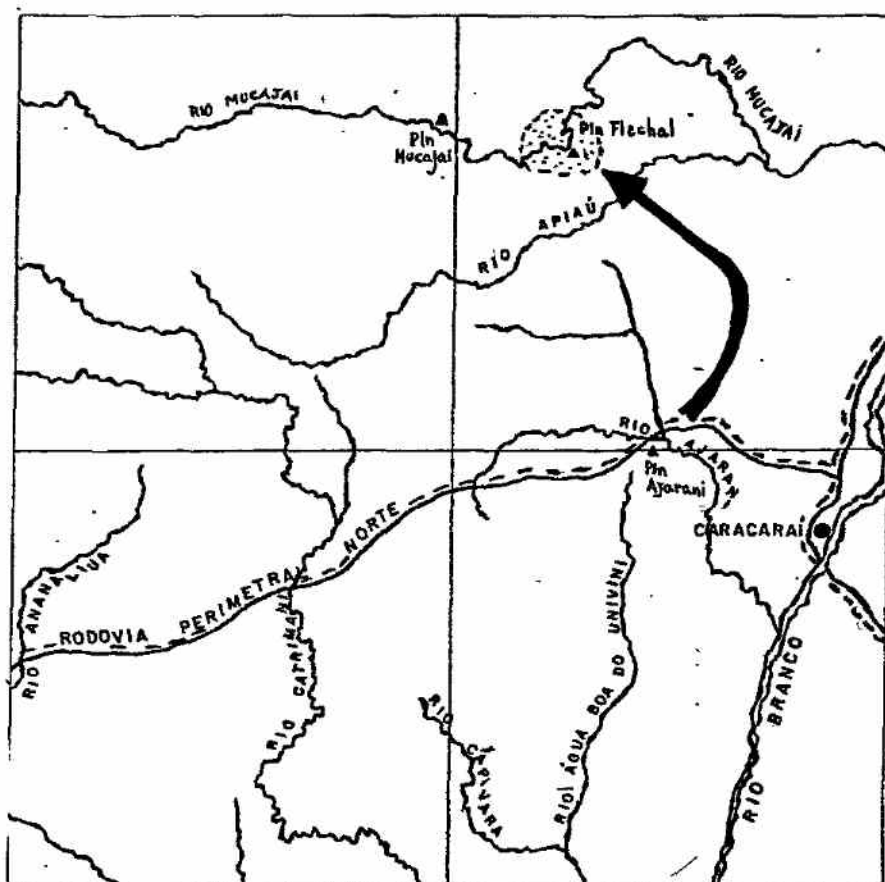
Em dezembro de 1986, como integrante das equipes médicas da CCPY, encontro pela primeira vez os Yawari na visita ao grupo local yanomami situado nas proximidades do Posto Indígena Mucajai, os Sikemabuei-theri, no médio rio Mucajai. São cerca de vinte Yawari, os adultos presentes são: A81, A87, A122, A121, A128, A129, A94, A84 (notadamente os Yawari que viviam nas proximidades do km 32 de Perimetral Norte e na Maloca do Flechal, no rio Ajarani). Estão ali participando de uma festa (reahu) a convite do cunhadô de A81, um Sikemabuei.

Me informam que estão vivendo nas proximidades do Posto Indígena do Flechal, cerca de seis horas e meia descendo o rio Mucajai de canoa com motor de popa de 8 HP. Estão ali instalados e não dispõem de muita alimentação, estão iniciando a abertura de roças. A122 diz que não estão bebendo muito na festa (caxiri de mandioca), pois temem que possa haver briga com os Sikemabuei. Durante o henimu (caçada ritual), A128 desliga-se do grupo de caçadores, pergunto a seu irmão A122 o porquê, ele responde que A128 ficou também com medo de que houvesse briga. Possivelmente este temor da parte dos Yawari se relacione ao fato de que ali estão presentes alguns de seus anti-



gos inimigos (ver ataque guerreiro de 1968 ao grupo local do rio Repartimento).

Por outro lado, a visita dos Yawari aquele grupo local não se dava pela primeira vez, em um radiograma expedido pelo Posto do Mucajai com a data de 10.12.1982 encontro referência a presença dos Yawari no local por ocasião de uma festa. No mesmo radiograma consta que os Waiká, Yanam do rio Apiau, estão pondo roçado nas proximidades do Posto da FUNAI.



Oa Yawari no rio Mucajai (1986-1988)

Noutro radiograma, encontrado quando da primeira visita aos Yawari das proximidades do PIn Flechal (mar/87), pude costatar que entre 9 e 20 de outubro de 1986 eles já haviam chegado nesse Posto, e somavam uma população de 40 pessoas.

Em fevereiro de 1987, tenho a oportunidade de ir, enquanto integrante de uma equipe médica da CCPY, à região da Bacia do Rio Ajarani e encontrar alguns dos Yawari que haviam ficado na região, ou ali estavam no momento. Digo no momento porque, conforme pude verificar posteriormente, eles continuam retornando para ali periodicamente.

Além dos quatro Yawari que vivem em duas habitações tipo regional próximas ao Posto da FUNAI (A61, A62, A05, A50), encontro uma família elementar na altura do km 40 da Perimetral em um abrigo monofamiliar a poucos metros da margem esquerda da estrada (o casal A48/A49 e seus seis filhos).

Foi feita também uma visita ao grupo local das proximidades do km 33, a uma hora e quarenta minutos de caminhada da margem direita da estrada, entretanto encontramos a habitação vazia. A48 diz que eles estão trabalhando com um colono da Perimetral.

No levantamento feito com o yawari A05 sobre a localização das pessoas de uma lista de 73 yawari, o resultado foi o seguinte: vinte e quatro encontram-se na região; um esta no rio Catrimani; quatro estão com destino indeterminado; um esta em Boa Vista para tratamento médico; cinco morreram; e 38 estão no rio Mucajai, nas proximidades do PIn Flechal (Verdum 1987, Relatório de Viagem).

Uma segunda visita é feita ao rio Mucajai entre 21 de março e 6 de abril de 1987. Desta vez é feito um deslocamento até o PIn Flechal, partindo do PIn Mucajai, por via flu ( canoa com motor de popa de 8HP). São encontrados 40 yanam vivendo nas proximidades do Posto, sendo 22 provenientes do rio Ajarani, isto é, Yawari. Os outros 18, dois dizendo ser da região da Bacia do rio Uraricaá, ao norte, os outros dezoito dizem ser dali mesmo ou do rio Apiaú.



A população esta dividida em cinco grupos locais. Os Yawari compõem três grupos próximos ao Posto da FUNAI, numa distancia máxima deste de quinhentos metros, os outros dois encontram-se a até uma hora de caminhada rio acima. A estada no local foi de apenas cinco dias, o que reduziu em muito as possibilidades de realizar um levantamento mais aprofundado. Na prática, o material levantado se limitou à identificação das pessoas e o estabelecimento das relações genealógicas existentes entre estas. O que se constata é o fato de que os Yawari ali presentes são os que viviam mais próximos do Posto do Ajarani quando do ataque guerreiro em setembro de 1986. Obtive a informação de que outros dez Yawari estão rio Mucajai abaixo, nas proximidades do canteiro de obras da Hidrelétrica do Paredão; outro grupo, formado por sete pessoas, havia seguido para a região do Ajarani afim de aproveitar os recursos de suas roças lá existentes (os primeiros são os ex-moradores da maloca do Flechal, rio Ajarani; os outros são os que viviam nas proximidades do km 32).

A situação alimentar, aparentemente, esta ainda precária, recentemente haviam feito a derrubada da mata para a constituição de roças e iniciado o plantio das primeiras mudas de banana, mandioca, milho, tabaco, tuberculos, etc. .

Quanto a situação de saúde, verifica-se que a malária tem uma predominância entre os Yawari. Foi também identificado um caso de suspeita de tuberculose.

Por último, entre 21 e 24 de agosto, foi realizada uma terceira visita à população Yawari nas proximidades do PIn Flechal. Nesta ocasião, a ocorrência do conflito havido na região do Paapiu, onde foram mortos quatro yanomami, e a ocupação maciça da região da Bacia do Rio Couto de Magalhães, afluente direito do rio Mucajai, por garimpeiros, é o centro dos comentários entre a população Yawari local. As pessoas são praticamente as mesmas presentes na estada anterior, e as roças já apresentam seus frutos.

Conforme pode ser verificado, a história do povoamento Yawari esta relacionada à vários fatores: aos conflitos com outras etnias indígenas; à alianças e conflitos com outros grupos Yanomami; ao estado das alianças no interior do grupo; às necessidades de aproveitamento dos recursos provenientes da caça, da pesca e da coleta, e dos recursos obtidos através do cultivo (novas e antigas roças); a maior ou menor interação com a sociedade "branca", isto é, com a expansão desta, em distintas frentes, sobre o território onde habitam os Yawari; entre outras.

Como complemento necessário para uma maior compreensão da história do povoamento Yawari, passo a seguir a me ocupar com o processo de ocupação da região da Bacia do Rio Ajarani pelos "brancos", discernindo as diferentes formas sociais e econômicas que este toma e sua relação com a expansão do sistema capitalista sobre áreas e regiões cujas únicas habitantes são as populações indígenas.



## 2. Ocupação e suas formas sociais e econômicas

Até a primeira década deste século, além de canoas, o rio Branco é navegado por batelões acionados por remo, varejão, vela, gancho, voga e sirga. Uma viagem Boa Vista/Manaus/Boa Vista dura aproximadamente noventa dias, conduzindo bois para corte (introduzidos nos campos naturais do rio Branco a partir do final do século XVIII) e retornando com mercadorias, tais como: café, açúcar em barril, vários outros gêneros alimentícios, querosene, ferramentas diversas, armas, munição, tecidos, etc.. O mês de saída de Boa Vista é em agosto, no final do inverno, quando as águas passam a baixar, a fim de regressarem no verão, outubro/novembro, quando as praias começam a surgir, facilitando a condução do barco utilizando-se o varejão e a sirga. O rio é bastante piscoso, com um destaque para o pirarucú, e é o fornecedor do alimento necessário à viagem; os chamados bichos de casco, tartaruga, tracajá, aiaçá, cabeçudo, são facilmente encontrados, caçados ou comprados dos moradores ribeirinhos. Na segunda década desse século os batelões passam a ser rebocados por lanchas a vapor, o que agiliza o processo de transporte de bois para Manaus. O percurso Boa Vista/Manaus passa a ser feito em aproximadamente quatro dias (Magalhães 1986). (01)

Como talvez na maior parte da região amazônica, do início do século aos anos sessenta, as populações regionais que se fixam na área do médio/baixo rio Branco (caracterizada por terrenos geologicamente recentes, de topografia monótona e com uma densa cobertura florestal do tipo hiléia) vivem basicamente de uma economia de subsistência e do comércio com regações da produção advinda do extrativismo da seringa, balata,

---

(01) A partir de 1983, o Departamento de Assuntos Culturais, órgão do Governo de Roraima, através da Divisão de Patrimônio Histórico, desencadeia um processo de localização e resgate de fontes históricas referentes a Roraima, balizados cronologicamente de 1728 a 1950. Futuras pesquisas deverão ser feitas junto a este material.

sorva, castanha, e da "mariscagem" (pesca artesanal) pelos canais abertos pelos principais rios da região. Além dessa produção, há um intenso comércio de peles, e Caracaráí representa um dos polos de maior movimentação até que, no final da década dos sessenta, o Governo Federal proíbe a caça e a comercialização de "fantasias" -peles de onça, de gato maracajá, de lontra, etc. (Silveira & Gatti).

A Bacia do Rio Ajarani não esta ausente deste processo. Segundo alguns dos regionais entrevistados durante a pesquisa de campo, é neste contexto que, em meados da década dos quarenta, são realizados os primeiros contatos com os Yawari.

Criado o Território Federal do Rio Branco (Decreto Lei nº 5.812, de 13.07.1943), em fins de 1944 são feitas as primeiras tentativas de colonização dirigida. Funda-se a Colônia Fernando Costa, atual Mucajáí, localizada à margem direita do rio Mucajáí, a uns cinquenta quilômetros ao sul de Boa Vista. Muitas famílias chegam, principalmente nordestinos, mas devido às precárias condições de infraestrutura acabam deslocando-se, em grande parte, para Boa Vista.

Em 1945, além de Caracaráí com 400 habitantes, no médio rio Branco são encontrados adensamentos populacionais às margens do rio Xeruiní (150 hab.), na foz do rio Catrimani (150 hab.), em Santa Maria do Boiaçu (100 hab.), São José do Anauá (200 hab.) e Vista Alegre, localizada a 10 km ao sul de Caracaráí.

Entre 1948 e 1949, a BR-17 (atual BR-174), trecho Caracaráí-Boa Vista, tem suas obras concluídas. Um novo assentamento é realizado entre 1951 e 1953, tanto na Colônia quanto na BR-17, são 150 famílias, na maioria maranhenses.

Além das atividades de extrativismo, as décadas de 50-60 são marcadas pela presença missionária nos rios Ajarani, Apiaú, Catrimani e Mucajáí. No rio Ajarani, a primeira



expedição dos missionários da Ordem da Consolata data do ano de 1962, e são acompanhados por alguns regionais que conhecem a região em decorrência das suas atividades extrativistas, e que já mantém relações comerciais com os grupos Yawari que vivem naquele rio.

Esta é, em linhas gerais, a situação da ocupação da Bacia do Rio Ajarani até os últimos meses do ano de 1973, isto é, duas frentes, a extrativista e a missionária, com uma baixa densidade demográfica e caracterizada por penetrações esporádicas na região, via rio Ajarani -o ponto de partida das expedições é Caracaráí, seguindo pelo rio Branco até a foz do rio Ajarani e subindo por este.

Gestada no âmbito do Programa de Integração Nacional (Decreto Lei nº 1.106, de 16.06.1970), em setembro de 1973 tem início as obras de construção do trecho Caracaráí-Padauari da Perimetral Norte, tendo como marco zero o km 11 da estrada que liga Caracaráí a Boa Vista (BR-174).

Concebida "como instrumento de ocupação e de indução do desenvolvimento econômico da imensa região setentrional do país" (MT/DNER 1973), a Perimetral Norte nasce de um Programa que objetiva basicamente dar maior organicidade e melhorar as condições para a expansão do capital nacional e internacional na Amazônia através dos chamados "Pólos de Desenvolvimento", polos estes interconectados por uma extensa rede hidro-rodoviária ao resto do país e do continente (02); assim como procura minimizar o crescente estado de tensão social verificado nas

---

(02) Relações deste processo com o crescente interesse sobre os recursos minerais na Amazônia podem ser encontrados em Davis (1978). Sobre a Perimetral Norte (contexto, significados) ver também Pinto (1973). Sobre processo semelhante verificado na Venezuela, para o mesmo período, ver Comisión para el Desarrollo del Sur (1974). Sobre a política de fronteiras em Lati- no América ver Greño Velasco 1975.

regiões centro-sul e nordeste do país através da criação de novas frentes de trabalho e do assentamento de populações daí originárias em projetos de colonização ao longo das rodovias a serem construídas na região amazônica (Transamazônica; Cuiabá-Santarém; Cuiabá-Porto Velho; Porto Velho-Manaus; Manaus-Caracará; Perimetral Norte).

Em um folheto de divulgação da "última etapa da conquista definitiva da Amazônia: a construção da Rodovia Perimetral Norte" (MT/DNER 1973), nenhuma referência às populações indígenas é encontrada. No máximo, a visão de que esta rodovia "percorrerá... os Estados do Pará, Amazonas e Acre e os Territórios do Amapá e de Roraima, ao longo de regiões inteiramente virgens, constituídas de planícies, serras e várzeas, espigões e vales, florestas e campos naturais". Mais a frente, "assim, em 1977, estará concluída a extraordinária via de penetração, que constituirá outro marco histórico, no esforço sem precedentes, ora desenvolvido pelo Brasil, no sentido da expansão de nossas fronteiras econômicas e integração de regiões do país, secularmente isoladas, ao convívio nacional" (03).

Desconhecimento, por parte do Governo Federal, da existência de populações indígenas na área por onde a Rodovia vai passar? Pouco provável. Na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) prevê-se que esta será a "tarefa mais difícil" de sua

---

(03) Boas e instrutivas leituras sobre algumas das representações e noções que dão corpo a este processo podem ser feitas em Couto e Silva (1967) e Meira Mattos (1975). Um apanhado geral e rápido, mas criticamente informativo sobre geopolítica pode ser encontrado em Magnoli (1986).



história; segundo seus cálculos, deverão existir cerca de 52 sociedades indígenas a serem "atraídas" e "passificadas" através de 15 equipes de sertanistas. Desconheceria, o Governo Federal, as consequências destes projetos desenvolvimentistas para as populações indígenas? Pouco provável, as consequências da construção da Transamazônica estão muito vivas na memória daqueles que se ativeram a percebê-las (Opinião 1973a, 1973b).

Mas retornando para o contexto local de nossa pesquisa, em novembro de 1973 são alcançados pelas frentes de desmatamento os grupos Yawari que então estão vivendo nas proximidades dos km 32-34 da Rodovia. Assim é notificado pela imprensa nacional:

"Um grupo de aproximadamente 50 índios, todos despidos, gesticulando e falando muito mas demonstrando amistosidade, foi encontrado por trabalhadores que constroem a rodovia Perimetral Norte, nas proximidades de Caracarái, Roraima. Os índios oferecem flechas e colares aos operários e ganham redes de dormir.

O grupo de trabalhadores foi levado à presença do chefe da aldeia -instalada exatamente na rota da estrada- mas não conseguiu entender nada do que ele disse. Compreenderam, no entanto, que os índios não querem violência, apesar de serem altos e fortes". (O Estado de São Paulo, 29.11.1973)

Em um relatório do sertanista Estevão da Silva Rodrigues, responsável pelas equipes de apoio da FUNAI às turmas de trabalho da rodovia ("linha de frente"), são feitas sugestões no sentido da necessidade de ser criado um Posto para atender aos Yawari e a demarcação de uma área para eles (Taylor 1978). O Posto é instalado em agosto de 1974, na margem direita do rio Ajarani (km 49,5), objetivando atrair os Yawari e fornecer-lhes medicação e produtos manufaturados.

Além dos operários das empreiteiras contratadas pela Cia. Camargo Corrêa para a abertura da estrada, a região passa a ser acediada, pelas maiores facilidades, por turistas, pescadores, caçadores, ... e os primeiros posseiros vão se instalando no percurso da estrada até o km 44.

Como complemento à política desenvolvimentista desencadeada pelo PIN (1970), em 25 de setembro de 1974 é criado o programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (POLAMAZÔNIA) pelo Decreto Lei nº 74.607, onde são relacionadas 15 áreas que serão objeto de Planos de Desenvolvimento Integrado.

O Polo Roraima é uma dessas áreas selecionadas, com um total de 122.550 km<sup>2</sup>, ou 53% da superfície de Roraima, e tendo como objetivos: o apoio a implementação da BR-174; o desenvolvimento da pecuária; a pesquisa de recursos minerais; e a expansão do comércio com a República Cooperativista da Guiana.

Passados já quase dois anos da chegada das primeiras equipes de desmatamento "contratadas sem qualquer controle de saúde... trazendo as primeiras gripes e o sarampo, mortais para os Yanomami" (O Estado de São Paulo, de 02.03.75), entre outubro de 1975 e fevereiro de 1976 tem início a fase de implementação pela FUNAI do Projeto Yanoama, sob a coordenação do antropólogo Kenneth I. Taylor. O referido Projeto pretende basicamente minimizar o impacto da construção da rodovia e de outros projetos econômicos nos grupos Yanomami através de "programas de imunização e de assistência médica", de estudos de "possíveis necessidades de criação de reservas, parque e/ou território indígena e do planejamento e implantação de um sistema racional e supervisionado de intercâmbio sócio-econômico envolvendo índios e brancos" (Taylor 1975).

Em janeiro de 1976 é dado início ao então denominado Projeto Humaitá, uma tentativa de atrair os Yawari para um local a umas cinco horas de caminhada ao sul da estrada a partir do km 49,5. O objetivo básico é afastá-los do contato permanente com a estrada, e onde seria criado um posto de assistência à população e de fiscalização do trânsito de regionais pelo rio Ajarani. O Projeto conta com a participação de um regional, por ter sido avaliado na ocasião que este vinha mantendo um



bom relacionamento com os Yawari, o que poderia vir a auxiliar na estratégia estabelecida -o referido regional é um caçador de gatos que desde 1970 vinha atuando no rio Ajarani, e mantendo, ao que consta, um bom relacionamento com os Yawari que vivem no médio rio..

Mas o Projeto não vai muito a frente, em fevereiro do mesmo ano a direção da FUNAI em Brasília informa que os trabalhos do "Projeto Yanoama" devem ser paralizados, e sem maiores explicações.

No mês de março retorna para a área, como chefe da Frente de Atração, o sertanista Sebastião Amâncio da Costa, afastado pelo coordenador do Projeto Yanoama em outubro de 1975 devido a divergências sobre as medidas a serem tomadas frente às consequências do projeto desenvolvimentista (estrada/colonização) nos grupos Yanomami (13).

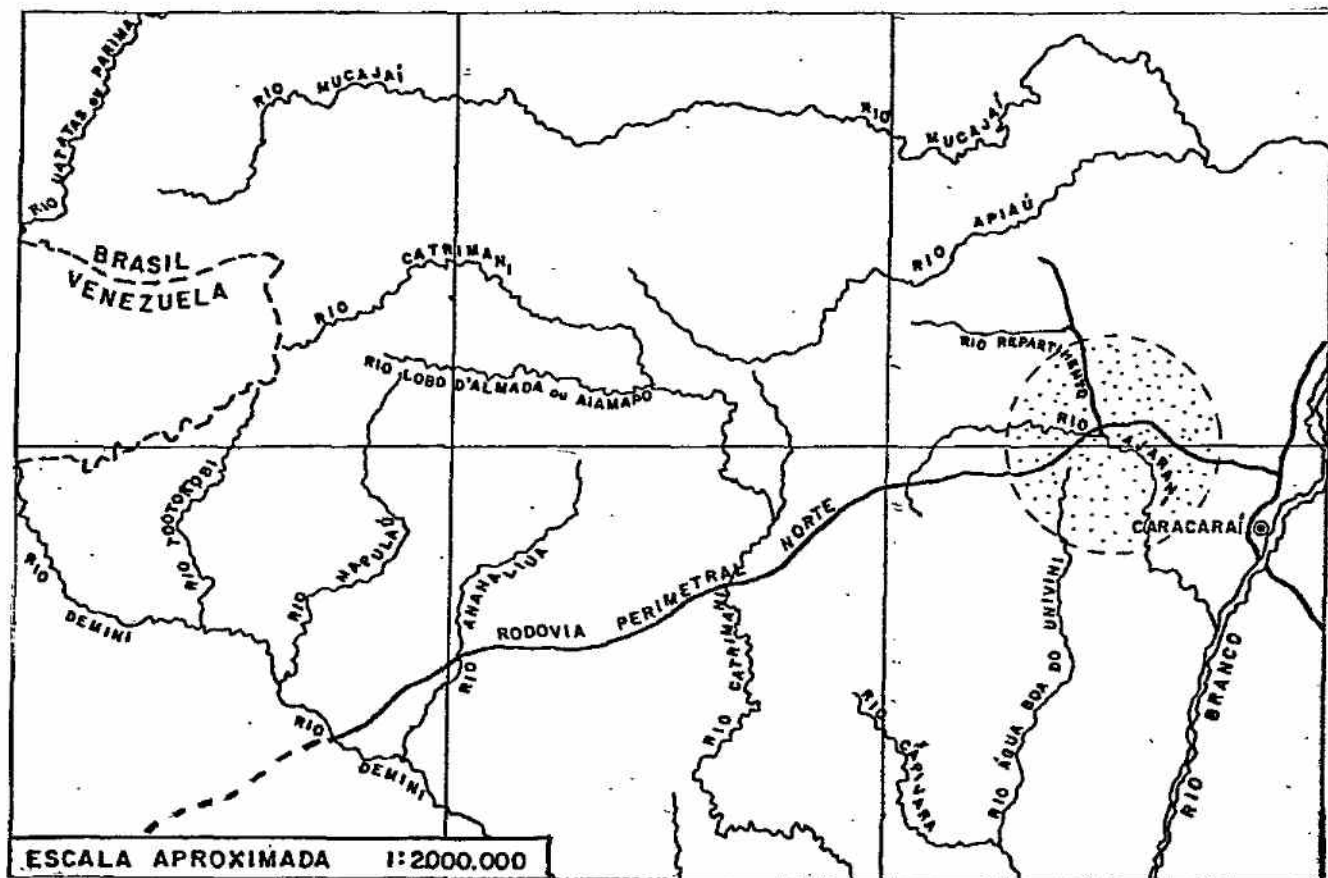
Em abril de 1976, Amâncio sugere que o então Posto Indígena de Atração do Ajarani passe a ser um sub-posto de Atração responsável pelo controle da estrada na região interdita, passando a localizar-se então próximo a foz do igarapé 29 (aproximadamente uns 30 km ao sul do rio Ajarani -margem direita), atraíndo para ali os Yawari. Sugere também a criação de uma área indígena para este grupo em torno do "novo" Posto, atraíndo para ali os que haviam ficado de fora, e a subordinação dos trabalhos a Coordenação de Atração e a consequente desativação do "Plano Yanoama".

Quanto as obras da Perimetral Norte, estas foram paralizadas nos primeiros meses de 1976 para não mais serem retoma-

---

(13) O sertanista Sebastião Amâncio scandalizou a opinião pública quando em janeiro de 1975 declarou a imprensa que havia chegado a hora de se dar "uma demonstração de força de nossa civilização" aos Waimiri-Atroari. Isto, uma semana após o ataque destes ao Posto Indígena Abonari onde morreram quatro agentes indigenistas da FUNAI (Davis 1978:122-128)

das. Os desmatamentos chegam até aproximadamente o km 250, sendo que a área trafegável não ultrapassa o rio Demini, já no Estado do Amazonas.



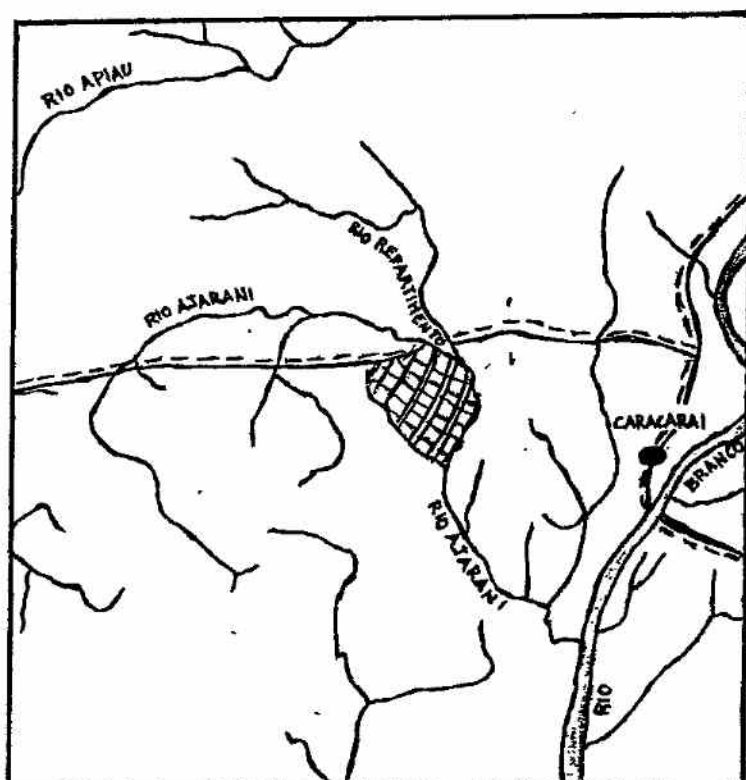
Área da pesquisa. Na confluência rio Repartimento/Perimetral Norte inicia a região interdita pela FUNAI.

No ano seguinte, em 1977, observa-se que as sugestões feitas pelo sertanista sr. Amâncio não são decisões pessoais, mas fazem parte de uma política mais ampla de encaminhamento da "questão Yanomami" no contexto dos planos desenvolvimentistas para a região noroeste amazônica.

São realizados levantamentos aéreos em 1977 pela FUNAI com a finalidade de "estabelecer áreas destinadas aos Yanomami no Brasil". Ao todo são delimitadas administrativa-mente 21 áreas descontínuas através de quatro portarias do Presidente da FUNAI (números 477, 505, 512, 513). Das quatro portarias, a de nº 512, de 7 de julho de 1978, institui a Área Indígena Ajarani com 35.400 ha.. Nesta área, como pode ser visto

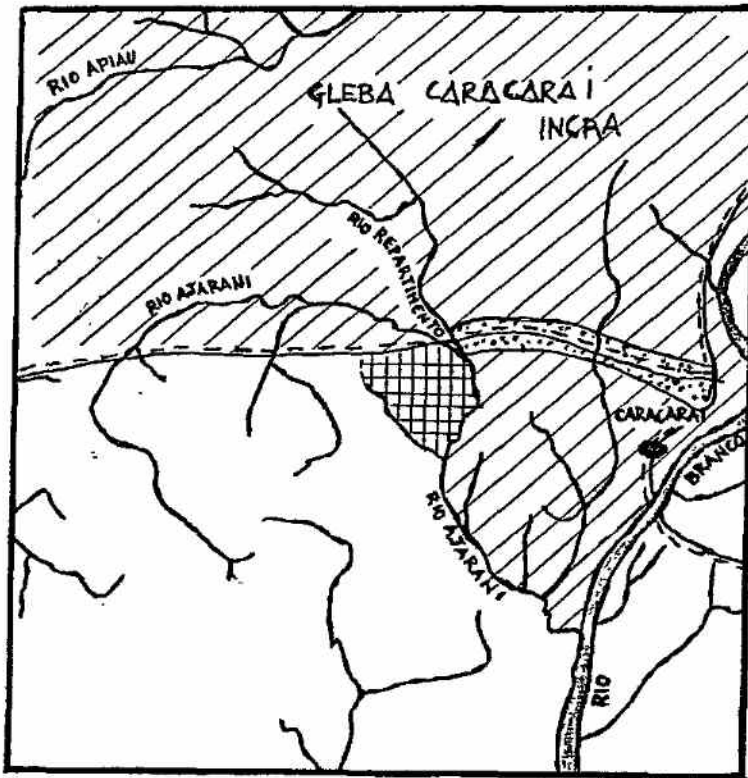


no mapa que segue, não são incluídos os grupos que no período vivem nas proximidades dos quilômetros 32-33. A proposta é de que eles sejam atraídos para o seu interior, isto é, retirados da área destinada à colonização.



Área Indígena Ajarani (FUNAI, 1978)

Dentro dos projetos de colonização oficial, é criado em 1977 o Distrito Agropecuário de Roraima pelo INCRA, numa área de 600.000 ha, compreendendo as glebas Caracarai e A1, abrangendo terras do vale do rio Mucajaí e das BRs 174 e 210, até ao sul da cidade de Caracarái, sobrepondo-se em parte às áreas ocupadas pelos Yanomami. Também é implementada a regularização fundiária em áreas ocupadas por posseiros na Perimetral Norte, e os demais projetos de colonização recentes onde estão incluídas a Vila Nova (BR-174) e São José (BR-210, km 27). Na Perimetral Norte, os lotes, num total de 146, apresentam uma dimensão que varia de 2.000 a 23.000 ha (Relatório de Atividades Governamentais -Roraima, 1978), e os trabalhos de demarcação in loco tem início nos primeiros meses de 1978 (Taylor 1979: 75-94).



Os Yawari e o Distrito Agropecuário de Roraima

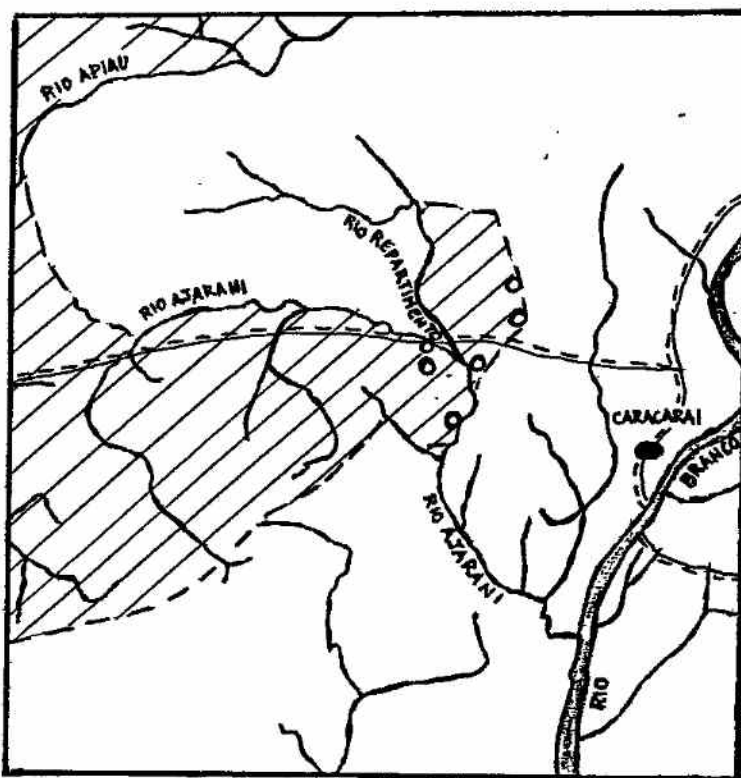
- ▨ Área destinada a colonização
- ▣ Projeto de colonização na Perimetral Norte
- ▧ Área Indígena Ajarani

Em linhas gerais, esta é a situação encontrada nos últimos anos da década de setenta. Como foi visto, a área habitada pelos Yawari passa por profundas transformações em decorrência dos projetos desenvolvimentistas implementados e dirigidos pelo Governo Federal: a construção da Rodovia Perimetral Norte, a criação de uma área destinada à colonização, e o efetivo início do assentamento de colonos até o quilômetro 44 desta rodovia. Também foi visto que, paralelamente, o papel desempenhado pela FUNAI no processo não ultrapassou a função de "passificar" e "atrair" os Yawari para uma área delimitada e incorporada na estratégia de ocupação da região -uma ação que na realidade não passou de tentativas.

Por outro lado, este empreendimento não se fez sem oposição, aos poucos vai se estruturando todo um movimento contrário às medidas que vão sendo tomadas pelo Governo Federal no trato com os Yanomani em sua totalidade e, conseqüentemente, com os Yawari (ver em anexo propostas e medidas tomadas com relação à definição de uma área destinada aos Yanomami no Brasil e a situação dos Yawari nestas).



A ação mais significativa no sentido de garantir a área ocupada pelos Yanomami no Brasil, uma área única e contínua de nove milhões de hectares aproximadamente, contraposta a de 1977-78 que fragmenta em vinte e uma "ilhas" descontínuas e que possibilita a ocupação das terras intermediárias, vamos encontrar no trabalho resultante da atuação conjunta FUNAI/CCPY (Terra Indígena Yanomami, 1984). Nesta, pelo menos, é reconhecido aos Yawari a área onde vivem a totalidade dos grupos locais.



Os Yawari e a "Terra Indígena Yanomami"  
(FUNAI, 1984)

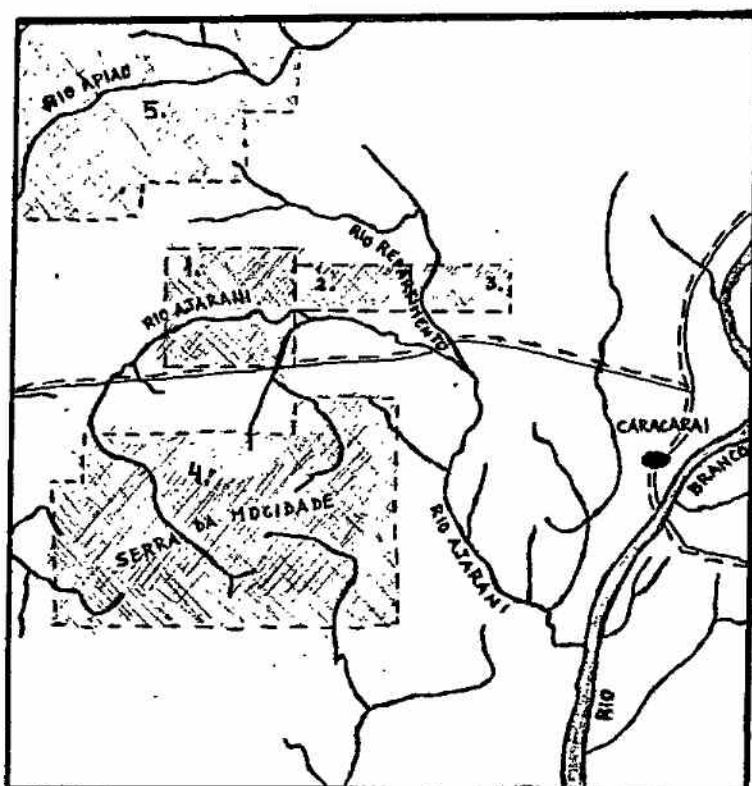
Como as anteriores, administrativamente, esta proposta não foi mais além de uma portaria da FUNAI (nº 1817, de 08.01.1985), mas que pelo menos revogou as anteriores. Os passos seguintes seriam a aprovação por um grupo interministerial e, posteriormente, a homologação pelo Presidente da República na forma de decreto presidencial, entretanto isto nunca veio a termo.

Porque não é homologada a "Terra Indígena Yanomami"? A principal força contrária a homologação pode ser identificada nos interesses minerais que recaem sobre a região. Em termos de "curta duração", isto é, na primeira metade da década de oitenta, é encontrada uma crescente mobilização dos setores ligados às mineradoras (de capital nacional e internacional) pressionando o Governo Federal para a abertura das áreas indígenas a sua penetração. Em novembro de 1983 é publicado o decreto lei nº 88.985 que cria esta possibilidade. Campanhas de opinião pública, especialmente em Roraima e no Amazonas; pressão política no Congresso Nacional; mobilização do empresariado e ação de cúpula junto ao Executivo são uma constante no sentido de regulamentar este processo. Localmente, isto é, em Roraima, políticos e empresários se unem para pressionar o Governo Federal para que seja liberada a atividade de mineração na área ocupada pelos Yanomami. Por outro lado, e atuando na mesma direção, temos uma crescente mobilização dos setores ligados a atividade de garimpagem, manual e mecanizada, que, da mesma forma, pressionam o Governo Federal para que sejam liberadas as terras ocupadas pelos Yanomami (Rocha 1986; CEDI/CONAGE 1986,1988).

Na região da Bacia do Rio Ajarani, esta é a situação encontrada para o período 1986-87:

(Ver mapa página seguinte)





Requerimentos e Alvarás  
de Pesquisa Mineral na  
Bacia do Rio Ajarani

Empresas:

1. Minesal
2. Minesal
3. CPRM
4. Montes de Roraima
5. Rio Vivenda

Segundo informações obtidas na pesquisa de campo, consta que a CPRM já realizou pesquisas na Perimetral Norte até o km 44, numa distância de 10 km ao sul e ao norte da rodovia. Também foram feitas prospecções no leito do rio Repartimento (novembro de 1987), o que foi verificado a partir de alguns radiogramas do Posto da FUNAI.

Afora isto, a década de oitenta é marcada por uma crescente presença de garimpeiros na região e, principalmente, trafegando pela Perimetral Norte em direção a Serra da Mocidade (nas cabeceiras dos rios Ajarani e Prêto). Nos radiogramas encontrados nos arquivos do Posto Indígena do Ajarani (de jan/1985 a mai/1989) frequentes são os registros de entrada de pequenos grupos seguindo para aquela região.

No segundo semestre de 1987, com o início de uma ocupação generalizada da área Yanomami pela atividade de garimpage, verifica-se o aumento do fluxo deste contingente populacional pela rodovia, e seguindo, com maior frequência, até o

entroncamento desta com o rio Catrimani (km 145) onde há uma balsa, o objetivo é subir até as cabeceiras desse rio (14). O registro de caminhonetas e caminhões carregando equipamentos, trabalhadores, "voadeiras", motores de popa, balsas, mantimentos, etc. são encontrados nos radiogramas disponíveis no Posto da FUNAI.

Mas e o Posto da FUNAI localizado no km 49,5, não é um de seus objetivos impedir o trânsito de garimpeiros e outros para além desse ponto? Em tese sim, mas nem sempre isso acontece, seja por impossibilidade de se impor enquanto autoridade, seja por uma cumplicidade que se estabelece. Também existem relatos, documentados em radiogramas (Posto do Ajarani) e relatórios (Posto do Ajarani; Missão Catrimani), onde consta a participação de membros do grupo Opik-theri (km 110), em troca de mantimentos, ferramentas, espingarda, medicação, munição, etc., na introdução de garimpeiros na região.

Em março/abril de 1988 foi feita uma tentativa de impedir o trânsito de garimpeiros com a instalação de um posto de fiscalização da polícia militar junto ao Posto do Ajarani, na ocasião foi alcançado o objetivo, entretanto, devido à problemas de infraestrutura de apoio e desentendimentos com os funcionários da FUNAI, acabou sendo desativado.

Em termos qualitativos, o que se observa nesta investida da frente garimpeira sobre o território habitado pelos Yanomami, e mais especificamente na Bacia do Rio Ajarani, é uma mudança tanto nas relações sociais quanto no nível técnico da atividade: os trabalhadores estão separados dos meios de produção e as práticas manuais são em grande parte substituídas, ou subordinadas a, formas mecanizadas de extração mineral.

---

(14) Em 09 de janeiro de 1990, o Presidente Sarney assina decreto, de nº 98.959, que cria a reserva garimpeira denominada Gleba Catrimani-Couto de Magalhães, ao norte das cabeceiras do rio Catrimani.

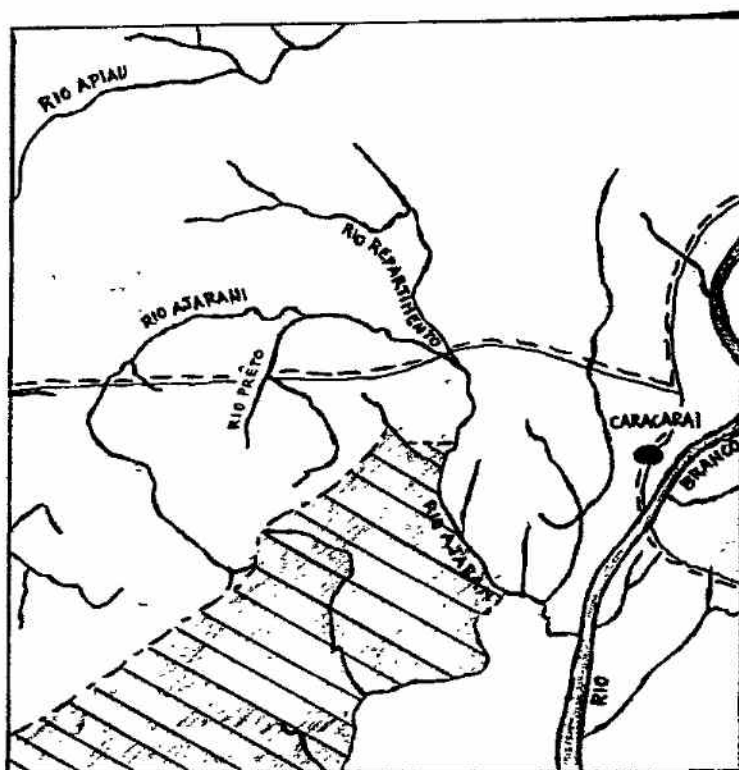


Durante a pesquisa de campo, basicamente dois "donos de garimpo" comandam as atividades de garimpagem desenvolvidas no rio Catrimani e utilizam a Perimetral Norte como via de acesso: José Alves Pedrosa (o "Zéca Diabo") e Carlos Fernandes. Este último, na ocasião, com um roçado de mandioca nas proximidades do rio Prêto (km 75 aproximadamente) e na perspectiva de construir uma habitação para moradia comércio de gêneros.

A mão-de-obra por eles introduzida, na maior parte das vezes, entra na condição de devedora: é levada até os locais já produtivos ("desencantados"), ou é lançada na procura ("pesquisa") de novos pontos, e recebe mantimentos. Depois de paga esta "ajuda" inicial, ficam na dependência dos "donos de garimpo" seja por que trabalham em "suas" terras, seja porque dependem destes para a aquisição de mantimentos, medicação, cigarro, munição, etc..

Não constituindo-se ainda como uma efetiva ocupação econômica e demográfica, em 1988 é destinada ao Exército uma área com um perímetro aproximado de 1.038.751,72 metros ao sul da Bacia do Rio Ajarani.

Área do Exército  
(decreto nº 95.859, de  
22.03.1988)

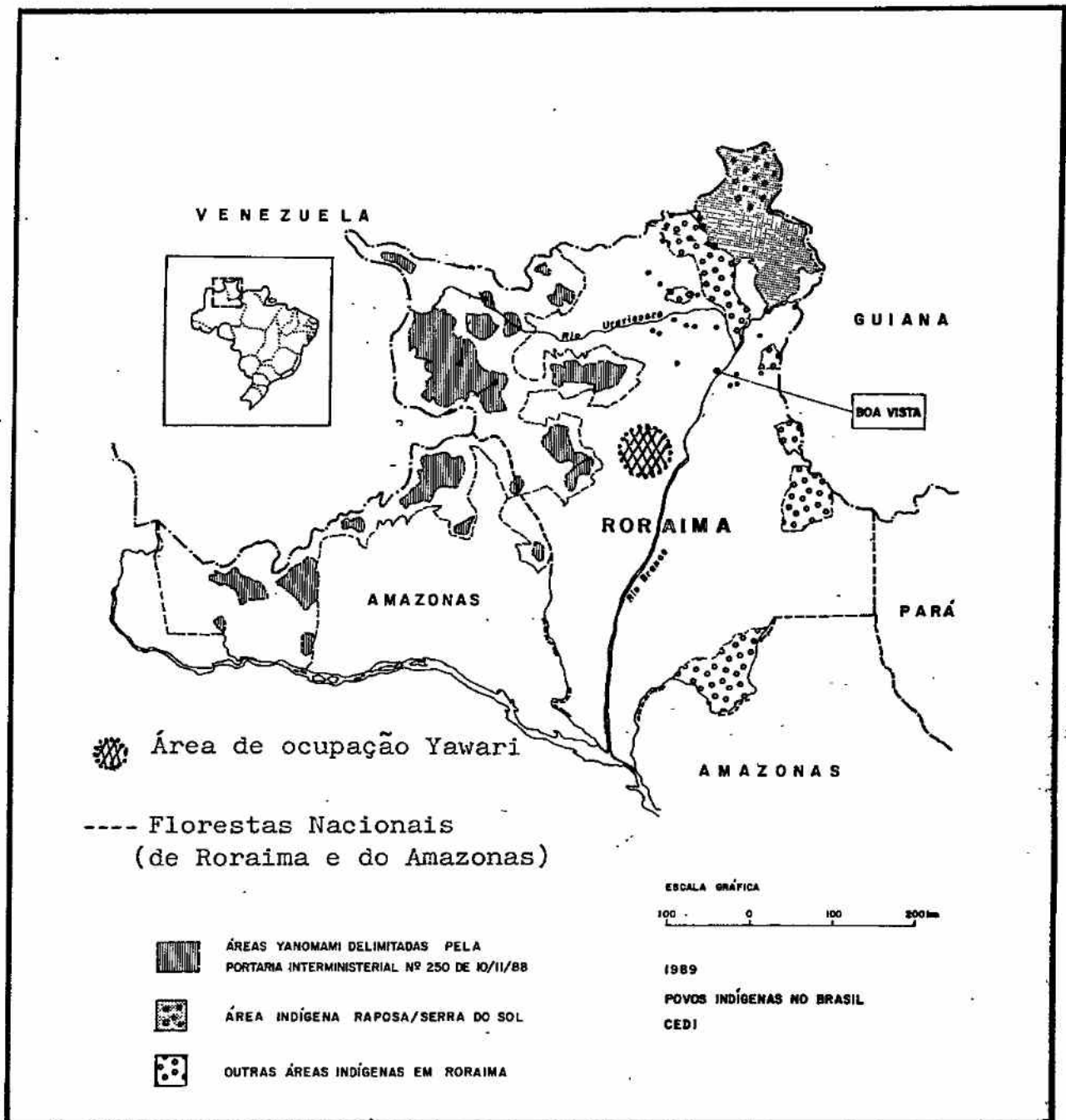


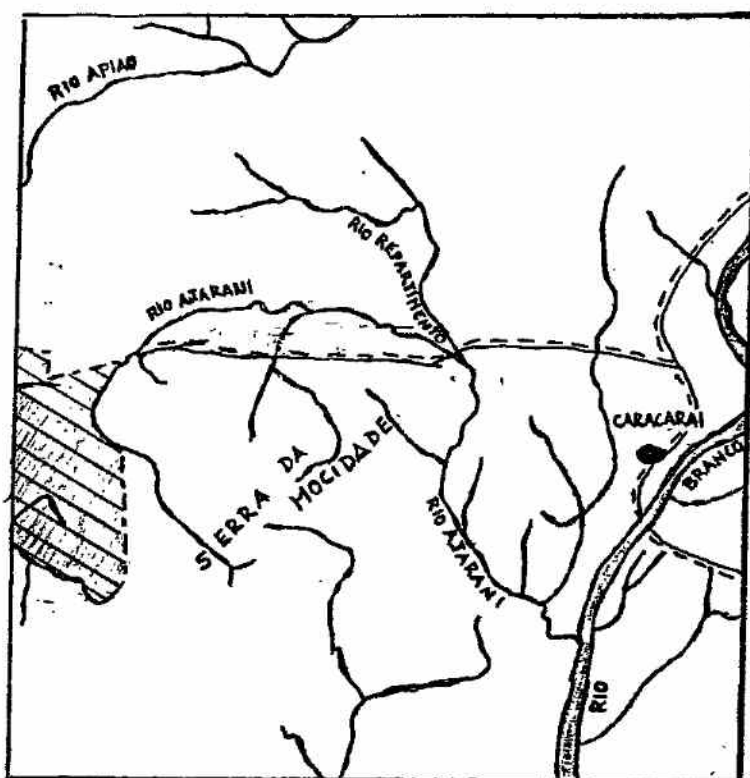
Apesar de não ser propriamente uma ocupação da região, mas sim uma aplicação das metas delineadas pelo I Plano de Desenvolvimento da Amazônia da "Nova República", no qual se insere o denominado Projeto Calha Norte, e que tem como objetivos explícitos reforçar os "aspectos de soberania e controle efetivo do patrimônio nacional" e, ao mesmo tempo, "tornar as fronteiras um lugar capaz de atrair os colonos e empresários dos eixos tradicionais de imigração, como forma de aumentar a circulação econômica de riquezas", o ano de 1988 é também marcado por um acontecimento de vital importância para o futuro da região e, conseqüentemente, para o futuro dos Yawari. No dia 22 de março há, segundo radiograma, a presença de uma equipe interministerial na região tendo em vista realizar um levantamento populacional e avaliação da situação da população Yanomami local, objetivando futura definição de uma "área indígena".

No relatório disponível, a avaliação final da estada de um dia, sem intérprete qualificado, e desconhecendo toda a problemática por que passa a população local, os Yawari, foi a de que nos arredores do PIn Ajarani estão vivendo apenas 30 Yawari "dependentes do álcool, em constante perambulação pelas fazendas próximas (áreas de assentamento fornecidas pelo INCRA), vivendo um processo cada vez mais irreversível de desarticulação social, cultural e psicológica" (Norte 1988).

Em novembro de 1988 é editada a Portaria Interministerial nº 250, onde se constata que, além de uma reedição da fórmula que fragmenta a área de ocupação Yanomami em porções descontínuas, agora em dezenove "ilhas", incrustadas no interior de duas Florestas Nacionais (do Amazonas e de Roraima) que abrem a possibilidade de exploração econômica, os Yawari são totalmente esquecidos.







A Bacia do Rio Ajarani e o limite da Floresta Nacional de Roraima.

O que vai acontecer na região habitada atualmente pelos Yawari? Que novos empreendimentos estão previstos? Ao certo não tenho condições de responder no momento, entretanto, e a continuar a situação atual, alguns elementos disponíveis podem contribuir para tal.

Como pode ser visto pelos mapas acima, a área excluída do perímetro da Floresta Nacional de Roraima apresenta em vários pontos sua extensão coberta por alvarás e requerimentos de pesquisa mineral (Serra da Mocidade, rio Repartimento, etc.), o que pode significar futuras atividades não só de pesquisa como também de exploração.

Durante o levantamento de informações junto à administração local do MIRAD foi recolhida a notícia de que estariam



havendo movimentações no órgão no sentido de ampliação da área de assentamento de colonos na Perimetral Norte.

Tanto no Posto da FUNAI, quanto na administração desta em Boa Vista, constatou-se a intensão de desativação do Posto do Ajarani. Será transferido para os limites da Floresta Nacional (km 105)? Ainda não existia uma definição naquele momento.

Em suma, o que se verifica é o avanço dos programas desenvolvimentistas incorporando novas áreas.

E o que vai acontecer com os Yawari? Até o momento não existem respostas.

## II. SITUAÇÃO YAWARI: ELEMENTOS DE DEMOGRAFIA

Apresentar um quadro do aspecto demográfico encontrado durante a pesquisa empreendida entre os Yawari significa levar em consideração o fato de que esta se deu em meio a um movimento migratório da população alvo. A descrição do processo de levantamento das informações, em parte já feita anteriormente, e a situação encontrada são alguns dos pontos que tratarei aqui.

Conforme foi dito em páginas anteriores, a coleta de informações demográficas é uma das atividades desenvolvidas já na primeira semana de estada na região. A construção de um quadro inicial sobre a situação da população e sua distribuição, conforme as informações disponíveis junto aos Yawari próximos ao Posto da FUNAI, permite-me não só traçar um plano de levantamento "in loco", através do deslocamento e visita aos diferentes grupos locais, como também fornece-me um patamar mínimo para o início de um diálogo com eles.

Na obtenção dos nomes pessoais na própria língua, conhecimento este geralmente mantido em segredo pelos Yanomami (Migliazza 1964; Chagnon 1974; Lizot 1988; Ramos 1975), de um modo geral não houve grandes problemas. Algumas vezes é afirmado que determinada pessoa não tem nome na língua, noutras vezes é dito que ele, o informante, não havia conhecido a pessoa (no caso de já falecido), logo, não sabia o seu nome. Por outro lado, algumas pessoas apresentam mais de um nome próprio, deixando em aberto a questão dos critérios qualitativos que regem a nomenclatura de um indivíduo e as regras de emprego de determinado nome (Ramos 1989).

Concomitantemente, verifica-se a existência de uma forte pressão regional no sentido da desvalorização dos elementos culturais tradicionais dos Yawari, o que os induz a não fazer uso dos nomes próprios Yanomani. Poucas não são as vezes em que presencio sorrisos e comentários irônicos, de colo



nos e funcionários do Posto do Ajarani, quando identifico determinada pessoa pelo seu nome nativo.

Ainda sobre nomenclatura, além do(s) seu(s) nome(s) Yanomami, uma boa parte dos indivíduos Yawari é identificado por um ou mais nomes pessoais portugueses dados pelos diferentes atores sociais e agências de contato que atuaram ou atuam na região e junto a esta população. Entretanto, observa-se que estes nomes não são utilizados pelos yawari fora das circunstâncias do contato direto com aqueles.

Quanto às idades, além das observações empíricas e questionamentos (quem nasceu primeiro? e depois?...), os levantamentos anteriormente realizados pela FUNAI e pela CCPY muito me auxiliam.

No tocante à construção da rede genealógica, uma das dificuldades é esclarecer a que tipo de pai/mãe, irmão/irmã, filho/filha esta se referindo o informante. Isto porque: os irmãos do pai são classificados como pais de Ego, o mesmo se dando com as irmãs da mãe de Ego; os filhos(as) de irmãos do mesmo sexo (masculino e feminino) consideram-se como irmãos; os filhos(as) de irmãos do mesmo sexo são considerados por estes com filhos (15).

Agregado às limitações impostas pelo pouco conhecimento da língua Yawari encontra-se o desconhecimento das representações nativas sobre a concepção e suas noções de fisiologia em geral ( elementos para uma teoria nativa da descendência).

---

(15) Ver: Chagnon 1974; Migliazza 1964; Ramos & Albert 1977; Lizot 1988 para maiores detalhes.

De qualquer forma, as informações contidas no presente relato devem ser ainda consideradas como um primeiro passo, como uma imagem preliminar a ser aprofundada com os Yawari em futuros encontros.

#### 1. Os Yawari em números (junho/1989)

Como o leitor pôde perceber pelo relatado até aqui, e espero tê-lo feito, o processo de levantamento da população, para não falar de sua distribuição espacial, apresentou-se bastante problemático. Entretanto, apesar de não ter podido encontrar todas as pessoas uma a uma, foi-me possível construir um quadro atualizado da população Yawari.

Devido às reduzidas informações obtidas sobre a parcela da população que se encontra junto aos Opik-theri e aos grupos que vivem na Bacia do Rio Catrimani, preferi excluí-la desta estatística.

Do total de 84 pessoas consideradas, esta excluído da tabela e da pirâmide que seguem A101, destino indefinido. Por outro lado, estão incluídos três yanomami originários da Bacia do Rio Apiaú que vivem junto aos Yawari devido a laços matrimoniais (A89, A94, A96).

Desta forma, entre maio e julho de 1989 a população Yawari está assim distribuída segundo faixa etária e sexo:

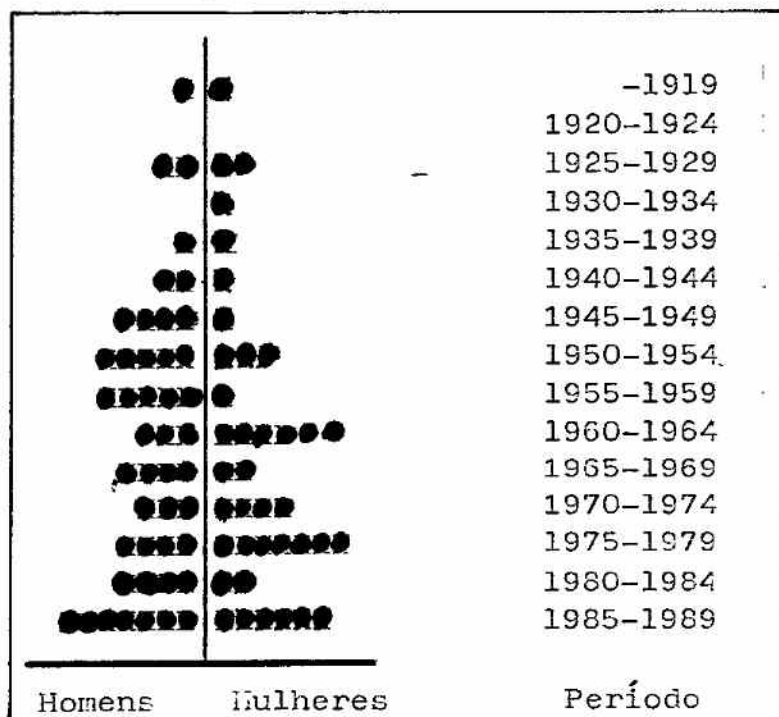
ver na página seguinte.



IDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
70-	01	01	02
65-69			
60-64	02	02	04
55-59		01	01
50-54	01	01	02
45-49	02	01	03
40-44	04	01	05
35-39	05	03	08
30-34	05	01	06
25-29	03	06	09
20-24	04	02	06
15-19	03	04	07
10-14	04	07	11
05-09	04	02	06
00-04	07	06	13
Total	45	38	83

\*Esta excluído A101. Total real igual a 84.

Ou seja, 51.81% da população esta abaixo de 25 anos, sendo que 37.34% encontra-se na faixa de idade posterior ao início das obras de construção da Perimetral Norte (menos ou igual a 15 anos). Não obstante, no cômputo total, os homens apresentarem-se em maior número, observa-se que até a faixa dos menores de 25 anos a proporcionalidade entre os dois sexos, em termos numéricos, encontra-se relativamente equilibrada (22 homens e 21 mulheres).



Entretanto, se olharmos para a faixa da população com idade igual ou superior a 25 anos verifica-se que 57.5% são homens e 42.5% são mulheres, caracterizando um desequilíbrio populacional. Este desequilíbrio diminui se olharmos para a faixa da população de mais de 15 anos, isto é, dos nascidos antes da construção da Perimetral Norte: 55.55% são homens e 44.45% são mulheres.

Se considerarmos os números de 22/23 óbitos registrados entre o momento imediatamente anterior a construção da Perimetral Norte e agosto de 1975 (Ramos 1979), óbitos estes não relacionados ao "raid" de 1974, podemos encontrar aí uma forte explicação para o déficit populacional verificado na faixa dos maiores de 15 anos.

Do material recolhido (fontes orais e escritas), constata-se que no período posterior a construção da Perimetral Norte (entre 1977 e julho de 1989) houveram pelo menos 30 óbitos entre os Yawari, sendo oito na década de setenta, e onde os problemas de saúde (malária, infecções nas vias respiratórias, etc.) aparecem como a causa preponderante. Com esta constatação, somada a verificação de igual número de pessoas nascidas neste mesmo período e ainda hoje vivas, isto é, 30 nascimentos, pode ser afirmado que no período de 1977-1989 o crescimento demográfico é no mínimo nulo entre os Yawari (16)

---

(16) Durante a elaboração desta dissertação, em novembro de 1989, recebo a notícia de mais dois óbitos entre os Yawari: A23 e A81. Consta da informação que teriam sido decorrência de uma briga intragrupal, e que outros haviam ficado feridos.



### III. SITUAÇÃO YAWARI: ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

Da mesma forma como em outras questões, as pesquisas referentes à organização social e ao parentesco entre os subgrupos Yanam/Ninam encontram-se em estado incipiente (Lizot 1988). Os dois únicos estudos disponíveis tratam da população habitante da Bacia do Rio Uraricaá, os "Xiriana" (Migliazza 1964; Ramos et all 1985:21-27). Sobre os Yanam que vivem no atual território Venezuelano, região do alto/médio rio Paraguá, algumas informações gerais são encontradas em Colchester (1985). Quanto aos Yawari mais especificamente, há notícias de que Saffirio teria realizado alguns estudos entre estes no início da década de oitenta, éntretanto até o momento não consta que os resultados tenham sido apresentados.

Como já foi visto anteriormente, os Yawari são vítimas de um processo de depopulação bastante acentuado com o início da construção da Perimetral Norte no final de 1973. Um fato que, como veremos a seguir, terá implicações nas possibilidades de união conjugal e no incentivo à necessárias manipulações na classificação do parentesco.

Por outro lado, os Yawari encontram-se sob uma pressão constante, ou crescente, de terem de adaptar-se a um contexto onde seu espaço (meio ambiente) e suas formas de ocupação e interação social e econômica se vêm subordinadas, ou no mínimo permeadas pela ocupação regional e pelas relações que vão se constituindo com a abertura da rodovia.

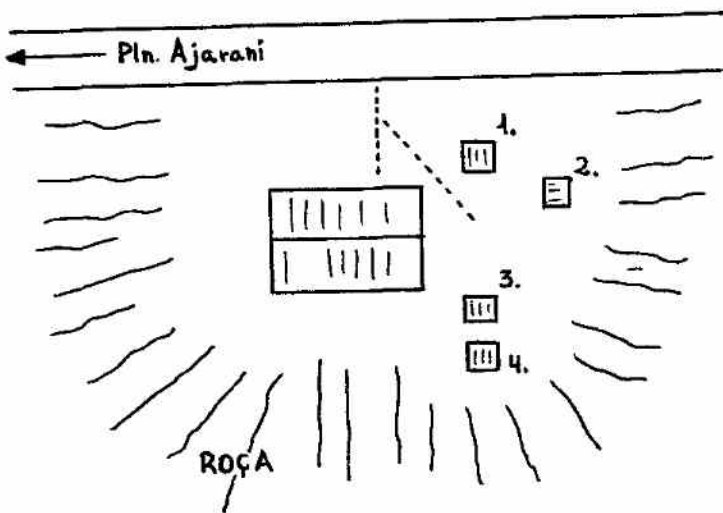
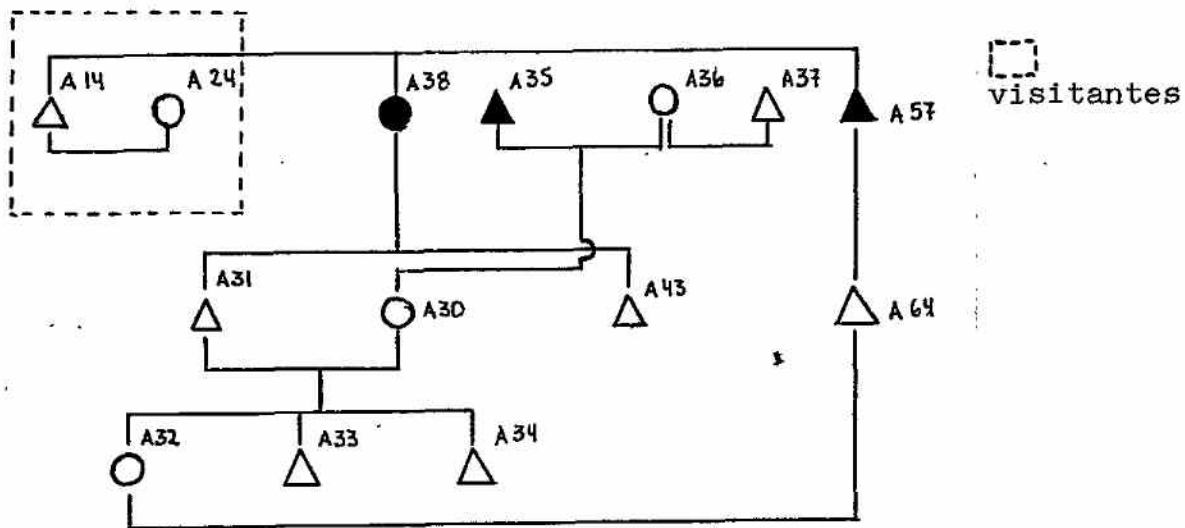
#### 1. Os grupos locais

Como foi visto, a população Yawari encontrada durante o trabalho de campo esta distribuída basicamente em quatro grupos localizados nas proximidades da confluência do rio Ajã rani com a BR-210; também foi registrada a existência de uma família elementar vivendo na BR-174 (km 39), aqui a considero

como um quinto grupo local.

A seguir apresento a situação genealógica encontrada, discriminada grupo a grupo:

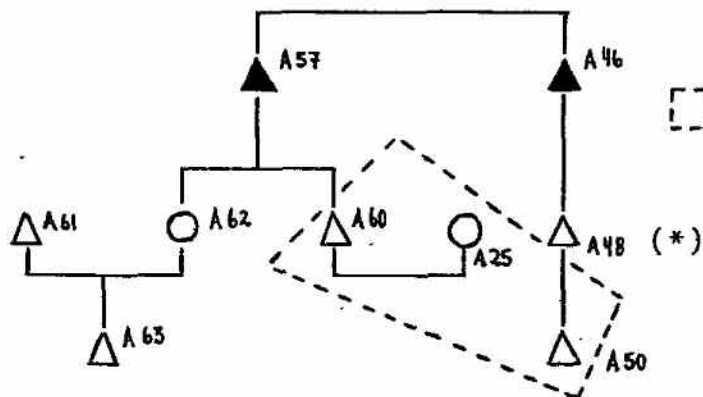
a) Os Yawari do km 47 da BR-210 (maio/1989).



	sex.	id.
(1)	A14	M 45
	A24	F 14
(2)	A64	M 18
	A43	M 21
(3)	A31	M 32
	A30	F 25
	A32	F 11
	A33	M 05
	A34	M 01
(4)	A36	M 33
	A37	F 62

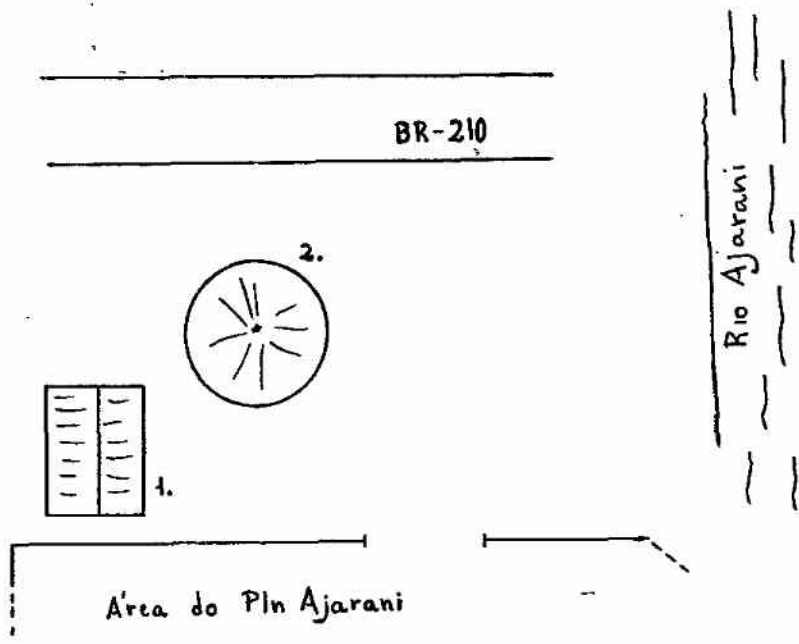


b) Os Yawari do km 49,5 da BR-210 (maio/1989).



visitantes

(\*) Não esta no local, foi indicado para completar a rede.

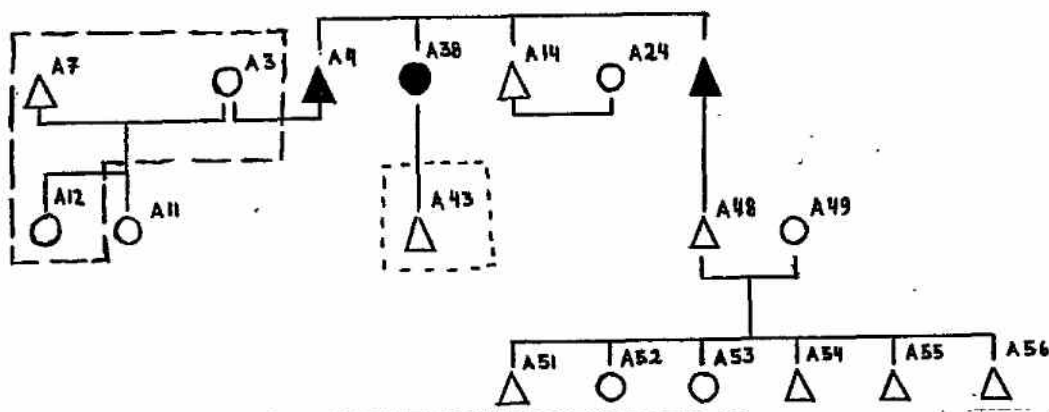


		sex.	id.
(1)	A61	M	25
	A62	F	20
	A63	M	02
(2)	A60	M	24
	A25	F	12
	A50	M	16

c) Os Yawari do km 40 da BR-210 (maio/1989).

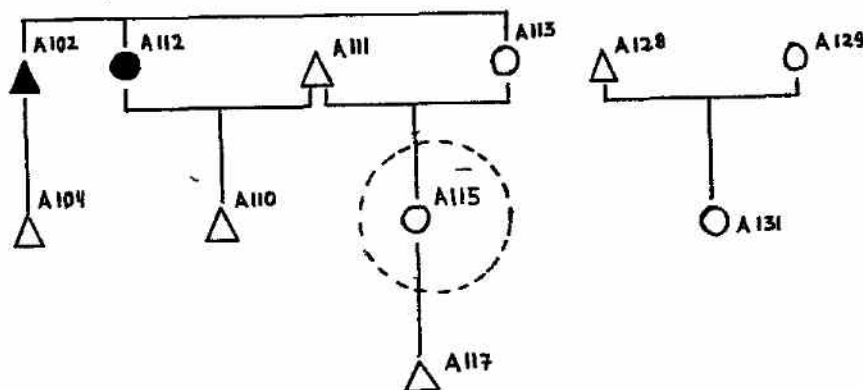
Um fato interessante a destacar neste grupo local é que ele está formado por antigos co-residentes originários de regiões distintas: (A) as pessoas que viviam no alto rio Ajarani pelo menos dez anos antes da construção da BR-210; (B) as pessoas que viviam no médio rio Ajarani e rio Repar-timento por esta mesma época aproximadamente.

(A)



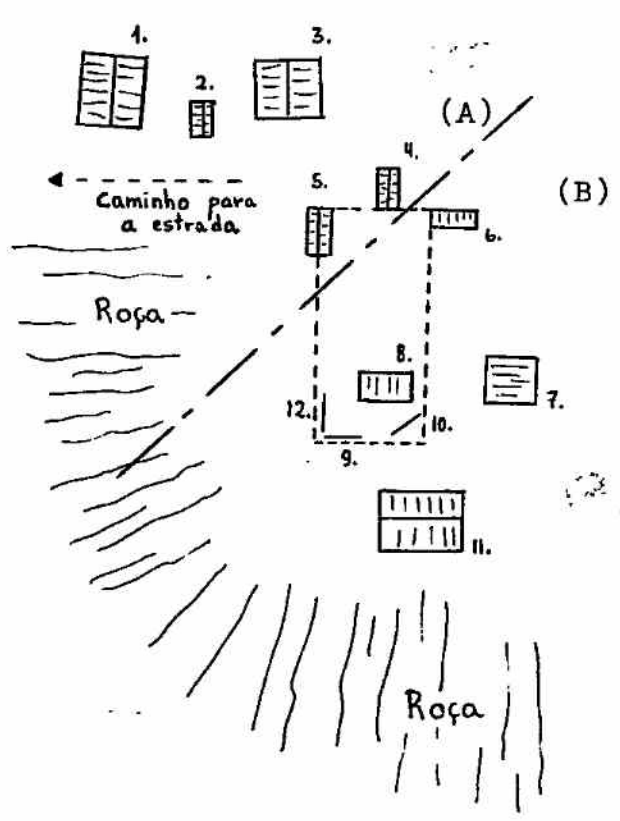
⊞ visitantes  
⊞ não estão

(B)



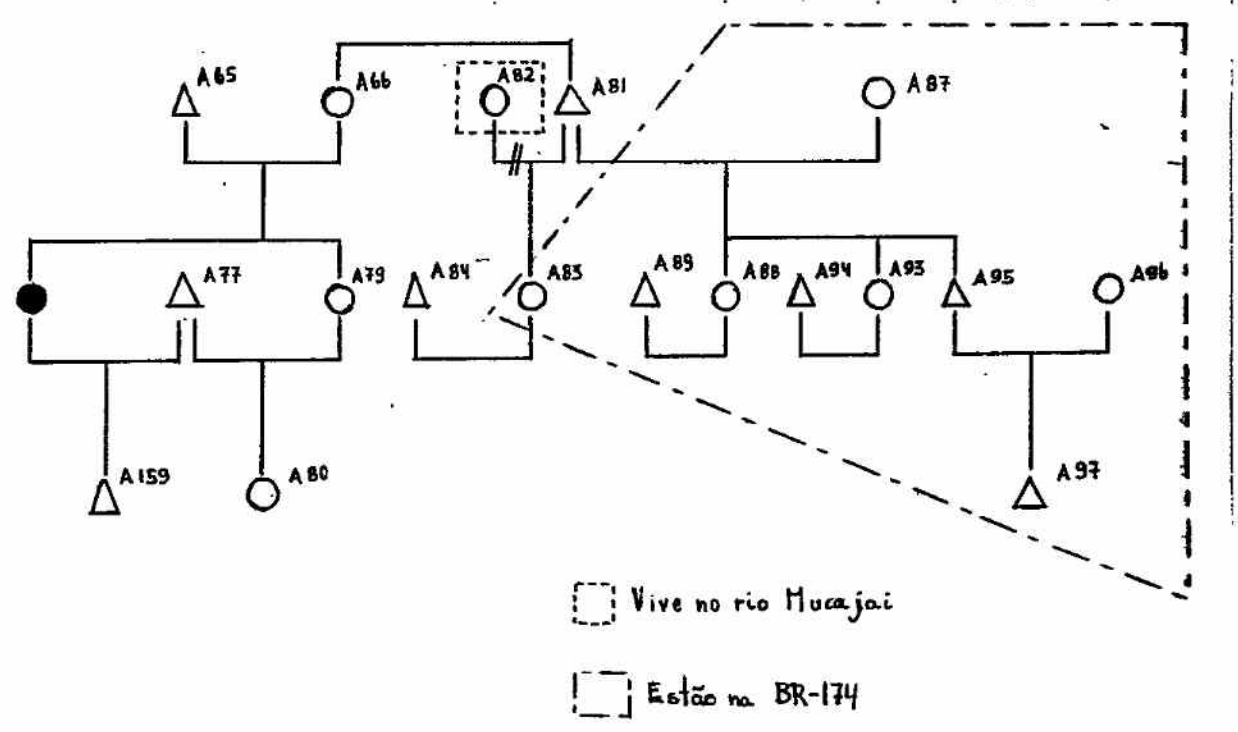
⊞ vive no rio Mucajai

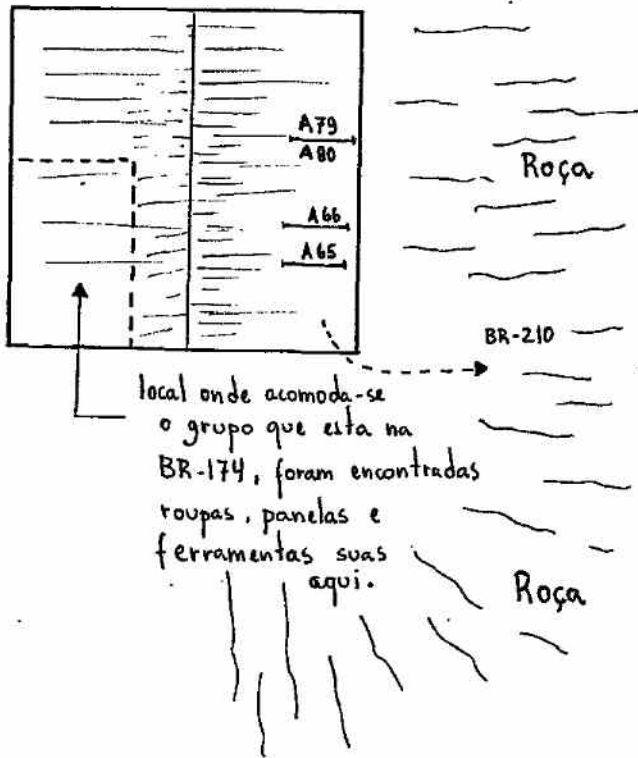




	sex.	id.
(1)	A14	M 42
	A24	F 15
	A52	F 11
(2)	A51	M 12
(3)	A48	M 45
	A49	F 32
	A53	F 08
	A54	M 07
	A55	M 04
	A56	M 01
(5)	A43	M 22
(6)	A110	M 41
(7)	A111	M 72
	A113	F 74
	A11	F 08
(8)	A128	M 51
	A129	F 45
	A131	F 12
(9)	A117	M 35
(10)	A104	M 30

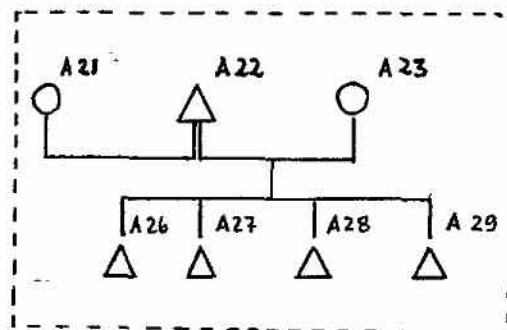
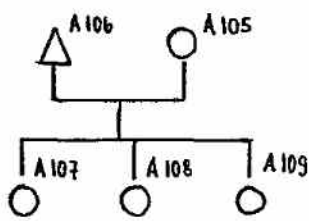
d) Os Yawari do km 37 da BR-210 (maio/1989).





	sex.	id.
A65	M	61
A66	F	55
A77	M	37
A79	F	14
A159	M	04
A80	F	01
A81	M	60
A87	F	50
A84	M	40
A83	F	17
A89	M	35
A88	F	17
A94	M	30
A93	F	14
A95	M	26
A96	F	27
A97	M	05

e) Os Yawari no km 39 da BR-174 (maio/1989).



Sua estada é transitória, estão indo para a BR-210.

	sex.	id.
A106	M	35
A105	F	27
A107	F	04
A108	F	03
A109	F	02

	sex.	id.
A22	M	43
A21	F	19
A23	F	38
A26	M	11
A27	M	06
A28	M	04
A29	M	02



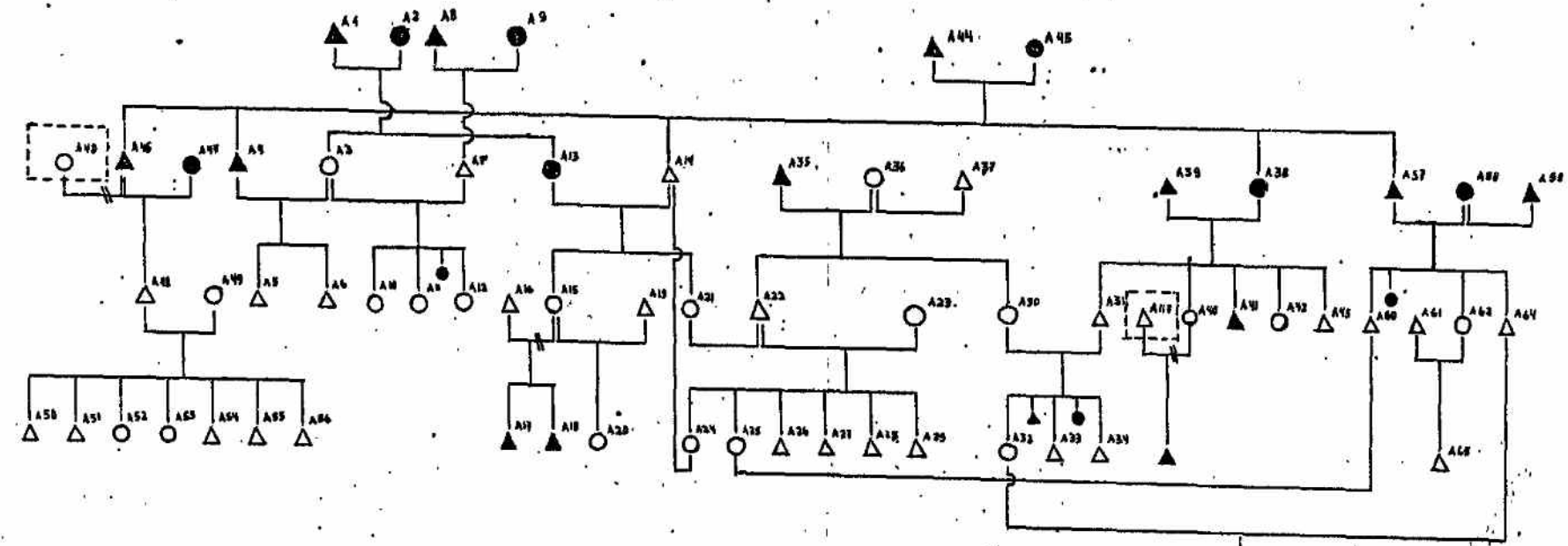
## 2. A rede genealógica

Mas a população acima apresentada, e as relações genealógicas encontradas internamente a cada grupo local, é somente uma parte do subgrupo Yawari. A seguir apresento a rede genealógica na sua totalidade, assim como os laços de afinidade estabelecidos com outros subgrupos Yanomami - não esquecer que o universo considerado envolve uma população total de 84 pessoas e que, devido às reduzidas informações obtidas, está excluída a parcela da população que se encontra junto aos Opik-theri e as grupos que vivem na Bacia do Rio Catrimani.

Como poderá ser verificado, os Yawari apresentam-se articulados por laços matrimoniais com os Yanam da Bacia do rio Uraricaá (os "Xiriana"), e os Yanam que vivem no rio Apiaú e que hoje habitam no médio/baixo rio Mucajai; da mesma forma estão articulados aos Yanam conhecidos como Opik-theri.

O material levantado nesta primeira estada em campo foi insuficiente para estabelecer todos os laços que unem a totalidade da população, na continuação de nossa pesquisa em futura oportunidade este será um dos pontos onde deverei me ater e aprofundar o levantamento..

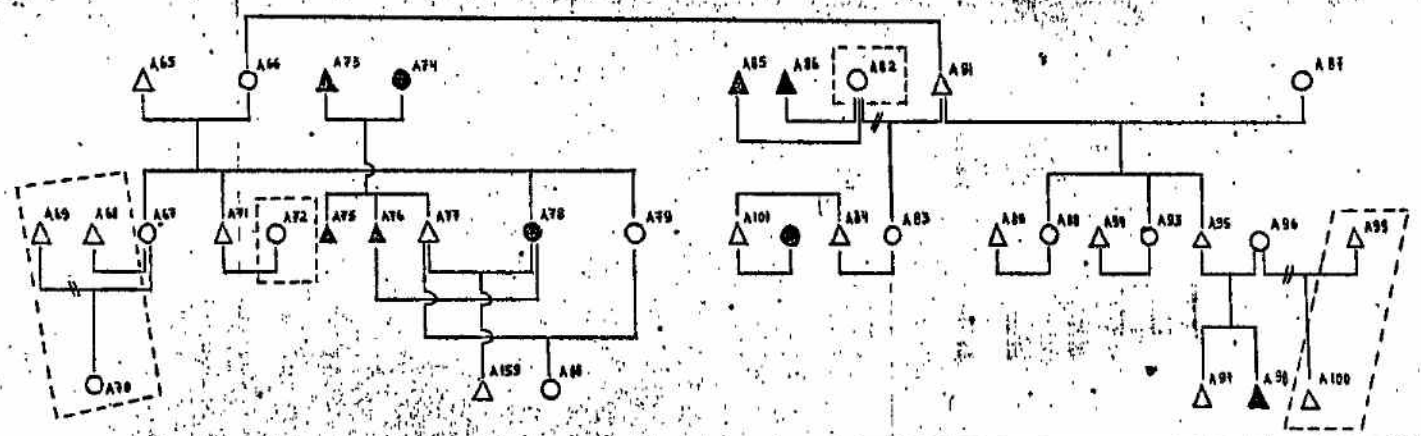
(A)



**Observações:**  
 A40, consta que esta casada com um regional e vive no povoado chamado Sta: Maria do Boiaçu, no rio Branco.  
 A16, consta que esta vivendo junto aos Opik-theri.  
 A42 esta vivendo com os Opik-theri, casada.



(B)



**Observações:**

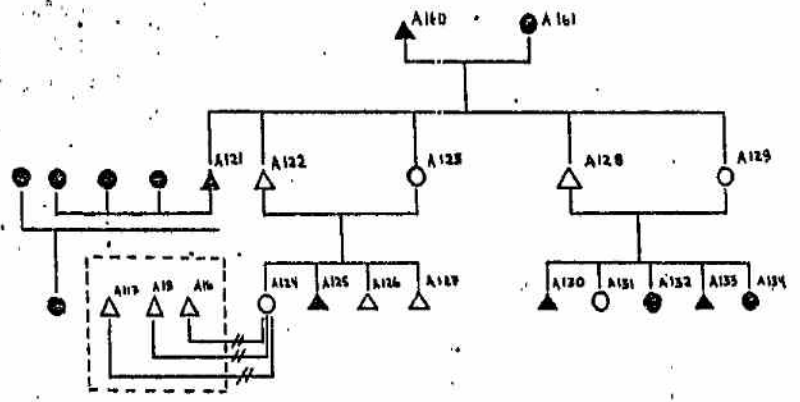
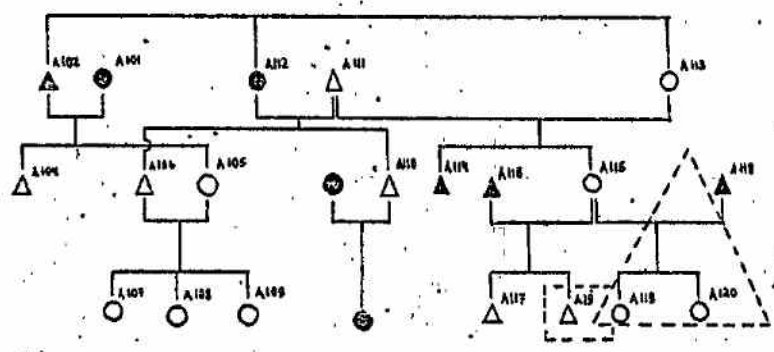
A67 vive junto aos Opik-theri casada com A68 e tem uma filha com A69;

A82 é originária dos grupos que viviam no rio Apiaú e hoje vivem no baixo/médio rio Mucajai;

A101 esta com o paradeiro indeterminado, consta que teria ido para a cidade de Mucajai;

A99 é originário dos grupos que viviam no rio Apiaú, hoje vive no baixo/médio rio Mucajai;

A72 é originária dos grupos que vivem na Bacia do rio Uraricaá.



**Observações:**

A19 já foi apresentado na genealogia "A", estando casado com A15 e com que tem uma filha (A20);

A115 vive no médio rio Mucajai, no grupo local próximo ao Posto Indígena Mucajai (FUNAI), e onde tem duas filhas.

### 3. Unidades sociais

A unidade mínima observável entre os Yawari é a família nuclear constituída de um homem, uma mulher e os filhos deles dependentes; estando estes ou agrupados ao redor de um fogo, ocupando uma seção da habitação coletiva (km 37 e km 47) ou um abrigo monofamiliar em meio a outros (km 40).

Com relação aos solteiros, seja por não ter ainda uma mulher, seja por tê-la perdido em decorrência de óbito ou abandono, estes ou vivem num fogo a parte no interior da habitação coletiva ou ocupam um abrigo em separado. De qualquer forma, mantêm-se ligados por laços de afinidade ou consanguinidade (serviço pré-matrimonial; irmão; meio-irmão; etc.) a uma família nuclear. Junto a esta suprem, por exemplo, suas necessidades alimentares, e a ela prestam alguns serviços (trabalho na roça; reformas na habitação; caçando ou pescando; etc.). A mobilidade dos solteiros parece dar-se com uma relativa intensidade, seja entre os grupos locais Yawari, seja em direção a alguns regionais, incluído o Posto da FUNAI, com que mantêm relações sociais e econômicas.

Da população levantada, 84 pessoas, e das relações genealógicas estabelecidas, esta é a situação encontrada (\*):

- (A) 09 famílias nucleares, sendo duas casais sem filhos;  
04 solteiros, homens com mais de 16 anos (A50, A05, A06, A43);  
01 solteiro em serviço pré-matrimonial (A64).
- (B) 11 famílias nucleares, sendo três casais sem filhos;  
03 solteiros, homens com mais de 16 anos (A104, A110, A117).

Aos pais cabe os cuidados básicos para com os filhos (alimentação, higiene, orientação sobre atitudes sociais, afeto, etc.), assim como a manutenção da unidade familiar (alimentação, moradia, utensílios, etc.).

---

(\*) A distinção A e B refere-se a distinção feita quando da apresentação da rede genealógica dos Yawari nas duas páginas anteriores.



Os grupos locais, conforme pode ser visto, são formados por famílias nucleares articuladas por laços de parentesco (consanguinidade e afinidade). Na ocasião do trabalho de campo são identificados cinco grupos locais Yawari, sendo que parte da população ainda esta em processo de migração para a região, vindos do médio/baixo rio Mucajai, o que caracteriza uma certa instabilidade para uma avaliação mais precisa da situação.

No interior dos grupos locais observa-se uma variedade de formas de interação entre os distintos núcleos familiares: caçadas coletivas envolvendo os homens; a coleta coletiva de frutos da mata ou colheita de produtos advindos do cultivo, envolvendo principalmente as mulheres mas também os homens; a partilha de alimentos; o empréstimos de utensílios; também as conversas cotidianas sobre visitas a outros grupos, as observações feitas em andanças pela mata ou em encontros com regionais; etc..

Da mesma forma, a interação social entre os grupos locais Yawari também é verificada. Para além dos indivíduos, também são registrados deslocamentos de famílias nucleares, e até de grupos locais inteiros, de sua habitação de origem, em visita a outras(os), e com uma permanência variando de dias à semanas. Nos registros orais e documentados, e no que pode ser verificado em campo, isto acontece por vários motivos: doença, morte, briga, festividades, escasses de recursos alimentares, etc..

#### 4. Terminologia

Com relação a terminologia utilizada pela população para identificar tipos de relações de parentesco, seu levantamento se dá conjuntamente à construção da rede genealógica.

As informações são procuradas em ambos os sexos, em distintas faixas de idade, e com a preocupação de realizar o levantamento em direções opostas e complementares (ex.: do ponto de vista do avô e do ponto de vista do respectivo neto).

Em alguns casos o informante tem que recorrer a alguém, geralmente mais velho, para consultá-lo sobre como classificar determinada situação do universo do parentesco.

Durante o convívio com os Yawari observei que em alguns momentos são utilizadas as expressões "nenê", "papai", "mamãe". Entretanto, seu uso restringe-se a família de A31 (grupo local do km 47), e surge quando se quer chamar para si a atenção do respectivo familiar. "Nenê" é termo de tratamento reservado somente para o filho (A34) de dois anos de idade aproximadamente.

Do material coletado, incompleto como pode ser visto, seguem agora os termos encontrados com a respectiva posição genealógica:

	HOMENS		MULHERES	
	AFINS	CONSANGUÍNEOS	CONSANGUÍNEOS	AFINS
G+2	fuabèi	fuabèi	txabèi	txabèi
G+1	fuabèi	faãm	áwã	txabèi
G 0	?	hebala	pýtchai	thuỳbỳ
G-1	tharãnsi	ỳrùbè	txatã	txuhapè
G-2	tharãnsi	tharãnsi	txuhapè	txuhapè

Ego masculino

	HOMENS		MULHERES	
	AFINS	CONSANGUÍNEOS	CONSANGUÍNEOS	AFINS
G+2	fuabèi	fuabèi	txabèi	txabèi
G+1	fuabèi	faãm	áwã	txabèi
G 0	hearopè	sika (?)	?	hauã
G-1	tharãnsi	ỳrùbè	txatã	txuhapè
G-2	tharãnsi	tharãnsi	txuhapè	txuhapè

Ego feminino



Os termos aqui apresentados são utilizados quando se fala de alguém (termos de referência). Termos de tratamento, a quem se fala, são encontrados em outros subgrupos Yanomami (ex.: Ramos et al., 1985), entretanto os dados obtidos nesse primeiro levantamento junto aos Yawari são ainda insipientes.

Como pode ser verificado, com exceção dos termos da geração de Ego, os demais são comuns tanto para Ego masculino como para Ego feminino.

O termo que indica a cônjuge de Ego masculino, ou uma cônjuge possível, é thÿbÿ, sendo que o termo se estende à irmã da cônjuge e à esposa do irmão, real e classificatório (FBSW, "esposa do filho do irmão do pai") de Ego. Já o termo que identifica o cônjuge de uma mulher é hearopè, o qual se estende para o irmão real ou classificatório deste, e para o filho do irmão da mãe de Ego feminino (MBS).

Os termos faãm e áwã, respectivamente pai e mãe de Ego (masculino e feminino), estendem-se (faãm) aos irmãos do seu pai e (áwã) às irmãs de sua mãe. Os demais indivíduos da geração G+1 são identificados pelos termos fuabèi e txabèi, os quais se estendem para a geração G+2.

Situação análoga parece realizar-se nas gerações G-1 e G-2, isto é, os parentes consanguíneos na geração G-1 são identificados pelos termos ÿrùbè e txatã, cabendo para os afins desta geração e para os afins e consanguíneos da geração G-2 os termos tharãnsi e txuhapè.

Assim como os filhos de irmãos do mesmo sexo são identificados pelos mesmos termos (ÿrÿbè/txatã), o mesmo ocorre com o pai e seus irmãos e a mãe e suas irmãs, isto é, são identificados pelos mesmos termos (faãm/áwã).

Como os demais Yanomami estudados, os Yawari também enquadraram-se no denominado sistema dravidiani, e onde o cônjuge preferencial é um(a) primo(a) cruzada (Ramos & Albert, 1977; Ramos et al., 1985; Ramos, 1986; Lizot, 1988).

## 5. Casamento e residência pós-matrimonial

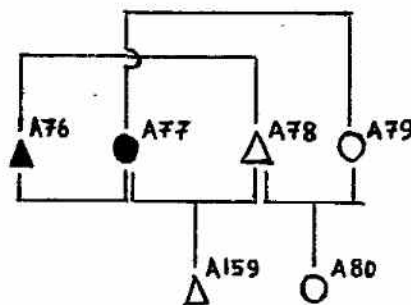
Partindo da rêde genealógica construída no levantamento de campo, constata-se a existência de 25 casamentos os quais encontram-se assim caracterizados:

- Grupo A: 12 uniões conjugais;  
 01 caso de poliginia (A22);  
 01 troca de filhas entre A14 e A22;  
 01 casamento em formação (homem em serviço pré-matrimonial);  
 01 caso de mulher casada com um regional (A40).
- Grupo B: 13 uniões conjugais.

Destes 25 casamentos, destaca-se que:

- 06 caracterizam-se pela uxirolocalidade;  
 02 caracterizam-se pela neolocalidade;  
 02 caracterizam-se pela virilocalidade (resultado de rápito);  
 01 caso onde a mulher (A40) esta casada com um regional e vive no povoado Sta. Maria do Boiaçu, rio Branco.

Segundo relatos obtidos dos Yawari, no caso de morte de um dos cônjuges, a tendência é, por exemplo, a cônjuge juntar-se ao irmão do cônjuge falecido, caso haja disponibilidade, o que caracteriza uma situação de levirato. Aliás, no Grupo B pode ser encontrada uma situação onde A77, após a morte de seu irmão, casa-se com a esposa desse e, após a morte dela, casa-se com sua irmã.



sequência levirato/sororato



Durante o levantamento genealógico constata-se um caso onde quatro irmãos (dois homens e duas mulheres) casaram-se entre si (A122/A123; A128/A129). A explicação dada foi a de que com o advento de inúmeras epidemias ocorridas na região a partir da segunda metade da década de setenta e os frequentes ataques sofridos de outros grupos Yanomami vizinhos, os quatro irmãos, tendo perdido os pais e restringidas suas possibilidades de união conjugal, constituíram-se enquanto casais. Na época isto teria causado grandes transtornos no interior dos Yawari; hoje só é lembrado nos momentos de desentendimento no grupo ou quando os casais estão envolvidos ou são identificados como causadores de algum problema.

Analizando o material demográfico e genealógico disponível, verifica-se que existem seis homens sem perspectiva de obter uma esposa para si no interior do grupo Yawari -isto nos próximos cinco anos pelo menos. Paralelamente, observa-se que estes são individualmente os que mais frequentemente relações mantêm com os regionais, isto é, prestam serviços a estes.

## 6. Economia

Com relação a atividade econômica dos Yawari, esta não se dá isenta de tensão na sua consecução, uma vez que encontra-se intimamente relacionada a estrutura e a dinâmica da ocupação da região por parte das distintas frentes ou agências de contato da sociedade envolvente. Atualmente podem ser distinguidas basicamente duas faces na atividade econômica Yawari e com uma relativa comunicabilidade entre ambas: por um lado temos as práticas relacionadas à forma tradicional de ocupação e exploração do meio natural e dos recursos disponíveis comum aos demais grupos Yanomami (Lizot, 1977, 1980, 1986; Albert, 1987); por outro lado, temos tanto o engajamento em atividades produtivas de regionais (agricultores, fazendeiros, comerciantes, funcionários do Posto da FUNAI) através da prestação de serviços (derrubada da mata para abertura e ampliação de roçado; colheita; colocação de cercado; na produção de fari-

nha, etc.), quanto a venda para estes, ou nos comércios localizados na Vila São José (km 27, BR-210) ou em Caracarái, de recursos provenientes da caça, pesca, coleta ou cultivo, na perspectiva de satisfazerem algumas de suas necessidades ou desejos, notadamente de produtos alimentícios, ferramentas, roupas, rêdes, etc..

Ao mesmo tempo em que aparece como a unidade social mínima observável, a família conjugal constitui-se também como a unidade básica da produção e do consumo entre os Yawari e, segundo o observado, com tendência a autosuficiência (17). Ou seja, o casal é normalmente capaz de realizar por si só todas as atividades necessárias para a sua manutenção (fabrico dos instrumentos, cultivo, colheita, caça, pesca, preparo de alimentos, construção de uma habitação, etc.) tendo como base uma relativa divisão sexual do trabalho.

Além do casal e dos filhos de ambos os sexos com idade suficiente como para prestar ajuda, também podem somar-se a esta unidade, por exemplo, um irmão mais novo ou um genro em serviço pré-matrimonial (situação esta observada no grupo localizado nas proximidades do km 47).

Embora a divisão sexual do trabalho não seja algo muito rígida entre os Yanomami (Smole, 1976; Lizot, 1988), algumas atividades parecem ser mais praticadas por um ou outro sexo; nada impedindo, por outro lado, que o homem ou a mulher participe em trabalhos que em princípio corresponda ao outro sexo.

---

(17) Lizot observa entre os Yanomami, outro grupo Yanomami, que: "el modo de producción de esta economia es de tipo familiar y su ideal es efetivamente la autarquia, para usar las características que formuló M.Sahlins en su "Stone age economics" (1972)" (1988:547). Com relação ao "grupo local", Albert (1988) diz-nos que: "cada uma dessas unidades residenciais quer-se autônoma, tanto política quanto economicamente, e forma idealmente uma unidade endógena. Mas o grupo local está em realidade inserido numa rede de relações matrimoniais, cerimoniais e econômicas com outros grupos vizinhos..."



Como a pesquisa entre os Yawari deu-se no período de maior incidência de chuvas na região, o que corresponde ao período compreendido entre abril e setembro, parte do observado está limitado à sazonalidade de determinadas atividades, e sua relação com o ciclo de vida e distribuição dos recursos naturais e cultiváveis.

No tocante a agricultura, concebe-se como princípio que cada família conjugal tenha o seu roçado. Quanto ao trabalho dispendido para a sua constituição, e apesar de suas diferentes fases, este é quase que totalmente do setor masculino da família conjugal. Ao homem cabe normalmente a derrubada dos arbustos e árvores de pequeno porte, o corte das árvores, a queima da vegetação morta e, em muitos casos, a semeadura e colheita; a mulher se ocupa em retirar ervas daninhas, semear o milho e o algodão, desenterrar os tubérculos e raízes, sendo geralmente quem transporta a colheita e, algumas vezes, atea fogo na vegetação morta. A colaboração na derrubada da mata e posterior queima se dá principalmente entre pai e filho, genro e sogro, e entre cunhados.

Entre os Yawari talvez a situação mais precária, em termos de suprir necessidades alimentares a partir dos produtos originários da agricultura, está com o casal A36/A37. Eles haviam retornado para a região em fins de março, já no final de um verão (período de seca) que praticamente não houve em decorrência das constantes chuvas que caíram na região no período, impossibilitando a abertura de um roçado. Aliás, de um modo geral, pode-se dizer que o grupo das proximidades do km 47 está na dependência da solidariedade dos Yawari que permaneceram ou que pouco tempo afastaram-se da região a ponto de não comprometer a reprodução dos recursos provenientes da agricultura (a família que vive no km 49,5, parte do grupo que vive no km 40, e parte do grupo que vive nas proximidades do km 37).

Durante as visitas aos grupos locais observo que novos roçados foram abertos no último verão tanto pelo grupo local das proximidades do km 37 quanto do grupo local do km 40. Também são feitas referências a roçados de outras famílias conjugais em locais já abandonados. Roçados abertos por solteiros objetivando principalmente a comercialização da produção também são encontrados -o Posto da FUNAI já contou com transporte próprio, o qual era utilizado em parte para o escoamento da produção excedente dos Yawari (banana, milho, abóbora, etc.). O levantamento, nas próximas estadas de campo, deverá se fixar também numa maior precisão do tamanho dos roçados, roçados vizinhos relacionados com laços de parentesco, etc..

Durante a estada junto aos Yawari, a banana, a mandioca, a macaxeira, a abóbora, o mamão, o milho, a batata doce e a batata cará são os produtos consumidos pela população. Além da colheita no roçado desses produtos e o transporte até a habitação, cabe à mulher o preparo dos alimentos.

Nas proximidades do km 34, lugar onde habitou um grupo local Yawari, e onde ainda existiam antigos roçados produtivos, existe uma plantação de pupunha que serve de fonte de abastecimento para os Yawari (segundo me informam tanto os Yawari quanto os primeiros regionais que se instalaram na região com a abertura da estrada, esta plantação teria sido feita por A123, a mulher mais velha dentre os Yawari, e seu grupo); consta também que nas proximidades da foz do rio Preto, local onde outro grupo Yawari habitou, existe outra plantação de pupunhas.

Quanto a caça, esta é uma atividade praticamente exclusiva dos homens, a começar pelos instrumentos que são de domínio masculino (o arco e as flechas). Quanto a possibilidade de utilização de espingarda, isto restringe-se ao uso da propriedade de A61 ou ao empréstimo por parte dos funcionários do Posto da FUNAI ou pelos regionais -a condição é de que o resultado da caçada seja dividido com o dono da espingarda.



Com um período de pesquisa reduzido, uma avaliação consistente sobre a disponibilidade de proteína animal proveniente da caça fica comprometida. Pelo menos no período de estada não foi constatada uma excassez de caça a ponto de comprometer o abastecimento da população. Durante as andanças pela mata muitas vezes cruza-se com bandos de macacos, ou encontra-se alguma queixada ou catitu pelo caminho, e que acabam escapando das flechas por serem mais rápidas que essas, algumas vezes.

A seguir apresento um quadro contendo a quantidade de caça obtida no período de 22/06-04/07/1989 (14 dias) para uma população de 16 adultos e 10 crianças:

Nome regional	Adulto	Pequeno
guariba	4	2
cuxiú	1	
mambira	1	
cujubim	2	
jabuti	8	
jacaré	1	
mutum	3	

Os locais visitados durante as caçadas que acompanho, ou os caminhos percorridos na procura de caça, localizam-se a até uma hora da habitação. No dia 23 de junho um bando de macacos guariba chega próximo ao roçado do grupo local que vive nas proximidades do km 40, todos os homens correm com seus arcos e flechas, quatro guaribas são flechados.

Normalmente um caçador carrega consigo três tipos de pontas de flecha utilizadas conforme o alvo (macacos, aves, peixes, queixadas, etc.). Com relação a txakuãna, substância alucinógena a base de triptamina utilizada nas pontas das flechas exclusivas para derrubar os macacos de cima das árvores (age como relaxante muscular para impedir que os macacos feridos ou mortos fiquem agarrados nos galhos das árvores), esta é obtida na própria região. Durante minha estada junto aos Ya-

wari há uma expedição onde praticamente todos os homens vão, inclusive os adolescentes, afim de obter a materia prima para a elaboração da txakuãna, nas proximidades das antigas habitações do médio rio Repartimento.

A pesca é uma atividade de ambos os sexos. Quando com flechas, é atividade exclusivamente masculina. Não foi observado a utilização do timbó para a pesca, ainda que seja utilizado por todos os outros Yanomami. A utilização de linha de nylon e anzol metálico -uma das mercadorias preferidas nas transações comerciais com os regionais- estende-se a ambos os sexos.

Quanto a coleta, esta atividade é compartilhada por ambos os sexos. No tocante a alimentos, bacaba e açaí são os frutos mais constantes, e até pode se dizer diários. Já no segundo dia de estada na região acompanho as mulheres e crianças dos grupos locais dos kms 49,5 e 40 na procura de carangueijos em um local alagado a uns 20 minutos de caminhada do Posto da FUNAI (15 min. caminhando pela estrada direção oeste e 5min. entrando pela mata na direção sul).

Se bem que uma família conjugal seja capaz de satisfazer por si só suas necessidades alimentares, os alimentos obtidos durante as expedições da caça, pesca, coleta ou de visitas ao roçado muitas vezes não são consumidos unicamente por seus integrantes. As obrigações inerentes as relações de parentesco e solidariedade que envolvem os indivíduos impõem uma relativa partilha dos alimentos. Isto pôde ser observado não só com relação aos solteiros dependentes de uma família conjugal (irmão e solteiro em serviço pré-matrimonial), como também entre as famílias conjugais. Esta partilha ocorre no interior da habitação. No caso da carne de macaco, por exemplo, pode ser distribuído partes do animal cru -quando se destina a uma família conjugal-, ou um pedaço já cozido -quando se destina a um indivíduo em específico, normalmente solteiro.



À mulher cabe a preparação dos alimentos a serem consumidos. Numa boa refeição, notadamente quando há carne, não pode faltar o beiju, uma espécie de pão que tem como matéria prima a mandioca. Após ser descascada e lavada, a mandioca é passada em um ralo feito com uma folha de metal perfurada (0,30 x 0,15 cm) fixa sobre uma tábua de madeira com dimensões um pouco superiores; posteriormente, a massa é ou espremida no tipiti (km 37) ou envolvida por um pano e espremida (km 40; km 47; km 49,5); sendo constatado que a massa já encontra-se liberta de grande parte do líquido, são feitas bolas com aproximadamente 15 cm de diâmetro, as quais são acomodadas em um girau construído a uns 80cm acima da fogo -durante o dia as bolas de massa são colocadas ao sol; conforme a necessidade, as bolas vão sendo desmanchadas e os beijus elaborados (uma espécie de bolacha redonda que tem como diâmetro variando entre 25-50 cm e espessura em torno de 1cm) em frigideiras, panelas, tampa de camburão, etc. sobre o fogo.

Quanto a carne, esta pode ser moqueada ou cozida. A primeira forma de preparo é mais utilizada quando a quantidade de carne é grande e necessita ser conservada por dois ou mais dias.

A bacaba e o açaí são cozidos afim de amolecer a "carne" que se encontra envolvendo o caroço; após os caroços são friccionados uns contra os outros dentro de uma vasilha com água até liberar toda a "carne" do fruto que, ao misturar-se com a água, vai dando uma coloração arroxeadada, no caso do açaí, ou rosada, no caso da bacaba, a esta. Temos assim um delicioso refresco que acompanha as refeições.

A banana é consumida de várias formas: assada, cozida ou na forma de mingau.

Nitidamente podem ser identificadas três refeições durante o dia. A primeira se dá logo no amanhecer, precedendo a saída para uma caçada, o trabalho na roça, uma caminhada até o Posto da FUNAI, a visita a algum agricultor, ou mesmo a per-

manência na habitação para ser desenvolvida alguma atividade doméstica. A segunda geralmente acontece por volta das duas horas da tarde, o que coincide muitas vezes com o retorno dos caçadores. A terceira acontece já no início da noite, muitas vezes na total escuridão -ou quase que total, iluminada pelas fogueiras.

Sobre gêneros alimentícios exteriores a suas formas tradicionais de produção, e adquirido em Caracarai, na Vila São José, ou com os moradores da Perimetral Norte (através da venda de um excedente de produção ou da força de trabalho), estes parecem ser vistos pelos Yawari, acompanhados com maior sistematicidade, como uma ampliação das possibilidades alimentares e não como substitutos.

No período da pesquisa de campo, por determinação do delegado de polícia de Caracarai, os homens Yawari estão proibidos de serem transportados pelo caminhão da feira até aquela cidade. Esta medida é tomada sob a alegação de que eles constantemente provocam brigas e algazarras pelas ruas, em meio a bebedeiras com cachaça adquirida no comércio, ou oferecida pelos regionais. Nestas condições, as possibilidades de venda de algum produto na feira (açai, banana, carne) estão restritas ou à intermediação de algum regional (agricultor, funcionário do Posto da FUNAI), ou à venda direta na feira por uma das mulheres da comunidade -normalmente a esposa do dono do produto.

De um modo geral, os alimentos mais comumente adquiridos no comércio com os regionais são o arroz, o feijão, a farinha de mandioca, o café, o açúcar, o sal, bolachas, e óleo de cozinha. As ferramentas também têm sido um elemento importante no incentivo no relacionamento Yawari/regionais.

Um maior aprofundamento nas formas de obtenção



de produtos industrializados e as prováveis transformações havidas nos grupos locais Yawari ainda esta por ser feita com maior sistematicidade: ampliação do sistema de trocas, alteração de status, alterações nas relações sogro/genro, refléxos na produtividade, etc..

Objetos industrializados encontrados entre os grupos locais do km 37 (31.05.1989) e do km 47 (29.05.1989):

Objetos	Grupo local km 47			Grupo local km 37		
	A30/A31	A36/A37	A61/A62	A65/A66	A81/A87	A77/A79
panelas	7	4	4	2	13	2
pratos	1	1		1	3	
faca	2	2	2	2	1	1
terçado	1	1	1	1		1
machado	1			1		
colher	4	2	1	2		
enchada	1		1	2		
frigideira	1	1				
copo	1		1			
peneira			1			
espingarda			1			
cobertor			1			
bacia		1				
pá	1					
TOTAL	20	12	13	11	17	4

- A81/A87 não estão presentes.
- Todos usam roupas echinelos.
- A43 (grupo do km 47) tem uma bicicleta e uma batéia.
- Quanto às rêdes de dormir, 50% são feitas localmente.

Futuras análises comparativas deverão ser feitas com os resultados de pesquisas realizadas com outros grupos Yanomami e respectiva situação de contato.

Isto é o que tenho a apresentar, de momento, sobre a situação social e econômica dos Yawari durante a pesquisa realizada entre esses.

## CONCLUSÃO

Ciente das limitações que este trabalho apresenta, creio ter podido dar uma idéia mínima sobre os Yawari, subgrupo Yanomami habitante da Bacia do Rio Ajarani, Estado de Roraima, sua trajetória histórica e a situação encontrada em campo, com um conteúdo que já me permite dialogar com outros estudiosos dos Yanomami e com a etnologia.

Considerados como a frente migratória Yanomami que, vindos da região da Serra Parima, desce o rio Catrimani, os Yawari mantêm um contato esporádico com a sociedade nacional até fins de 1973. Neste período tem início o processo de ocupação dirigida pelo Governo Federal da região da Bacia do Rio Ajarani, onde estão vivendo, com a construção da rodovia Perimetral Norte (BR-210) e do assentamento de colonos até o km 44 desta, o que significou uma vertiginosa transformação nas condições de vida desta população, isto é, um decréscimo populacional beirando os 25% em decorrência das frequentes epidemias que ocorrem desde então, com reflexos sobre as possibilidades de matrimônio e na classificação do grau de parentesco; a limitação de seu território de perambulação e de onde retiram a maior parte dos recursos naturais necessários a sua manutenção; e uma relativa articulação social e econômica com a população regional envolvente.

Não obstante isso, verifica-se também que esse processo foi insuficiente como para impossibilitar que os Yawari encontrassem formas de contornar as situações que vão se constituindo, sempre na tentativa de atualizar a coesão social "interna" e com os demais grupos Yanomami.

Hoje, passados pouco mais de 15 anos da construção da rodovia Perimetral Norte, o que fica é a interrogação sobre o futuro dessa população. Como procurei informar, os Yawari encontram-se numa situação onde a perspectiva de intensificação da ocupação de seu território é algo presente (ampliação da área de colonização; a atividade de mineração e de garimpagem; etc.).



Com relação ao meu trabalho, a perspectiva é a de que ainda este ano será realizada outra estada de campo afim de dar continuidade aos estudos que venho realizando: a história do povoamento Yawari e a confluência desta com a ocupação da região por eles habitada pelas diferentes frentes da sociedade nacional; e os aspectos demográficos e de organização social Yawari, assim como as formas encontradas por eles para manter um padrão econômico mínimo para a sua manutenção.




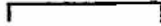


Paralelamente, procurar-se-a apreender os padrões concretos de interação existentes entre os Yawari e os diferentes agentes que atuam na região, destacando as manipulações e estratégias de ação colocadas em prática por cada ator, captando o significado dado por cada um deles, bem como o modo como codificam, sistematizam e integram nos seus quadros de referência esta realidade. Para isso, o estudo do idioma Yawari será uma tarefa fundamental.

Convenções utilizadas no parentesco

1. Abreviaturas

Tipos de parentesco		abreviaturas
em português	em inglês	
pai	father	F
mãe	mother	M
irmão	brother	B
irmã	sister	Z
filho	son	S
filha	daughter	D
marido	husband	H
esposa	wife	W
pais	parent	P
filho	child	C
esposo	spouse	E

2. Símbolos

-  sexo masculino
-  sexo feminino
-  laço conjugal
-  laço consanguíneo
-  falecidos
-  laço conjugal desfeito

Identificação individual

Optei por não identificar os indivíduos, seja por seu nome Yanomami, seja pelo(s) nome(s) dado(s) pelos diferentes agentes, ou agências de contato. A convenção utilizada foi identificá-los pela letra "A" seguida do correspondente número. Exemplo: Ricardo-A13; Gorete-A54; Júlia-A87.



BIBLIOGRAFIA

YANOMAMI: ETNOGRAFIA

a) Economia, Ecologia

ANDERSON, A.B. "Os nomes e usos de palmeiras entre uma tribo de índios Yanomama". Acta Amazonica 7(1): 5-13.

CHAGNON, N.A.; LE QUESNE, P.; COOK, J. "Algunos aspectos de uso de drogas, comércio e domesticación de plantas entre los indígenas yanomamöde Venezuela y Brasil". Acta Cient. Venezoelana 21: 186-193. 1970.

FUENTES, E. "Los Yanomami y las Plantas Silvestres". Antropológica 54:3-138. Caracas, 1980.

LIZOT, J. "La recolección y las causas de su flúctuación" Extracta 5: 35-42. Lima:CIPA.

"Aspectos Économiques et Sociaux du Changement Culturel chez les Yanomamî". L'Homme, XI(91): 32-51. 1971.

"População, Recursos e guerra entre os Yanomami". Libre 2. Payot. Paris, 1977.

TAYLOR, K.I. "Las Necesidades de Tierra de los Yanomami". América Indígena, XLII(3): 629-654. 1983.

b) Organização Social, Parentesco

DINIZ, E.S. "Aspectos das relações sociais entre os Yanomamö do Rio Catrimani". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série (Antropologia), nº 39. junho, 1969.

LIZOT, J. "Histoire, Organization et Évolution du Peuplement Yanomamî". L'Homme. abr-jun, 1984. XXIV(2): 5-40.

MIGLIAZZA, E. "Notas sobre a organização social dos Xiriãna do rio Uraricaá". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Nova Série), Antropologia, nº22. jun/1964.



RAMOS, A.R. & ALBERT, B.S. "Descendência e Afinidade: o contraste entre duas sociedades Yanoama". Série Antropologia nº18. FUnB. Brasília, 1977.

SAFFIRIO, G. Relatório sobre o ataque de 22 Yanomami da Bacia do Rio Catrimani contra uma aldeia de Yawari (Jawarí) no Flechal em 19/09/1986. Missão Catrimani, 30.09.1986.

c) Linguística

LEITE, Y.F. Relatório do Seminário de Ortografia para as Línguas Yanomami e Macuxi. 1976. (mimeo.)

MIGLIAZZA, E.C. "Grupos Linguísticos do Território Federal de Roraima". Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica. Vol. 2 (Antropologia): 153-173. CNPq. Rio de Janeiro, 1967. Yanomamam Grammar and intelligibility. Indiana University, 1972.

"Languages of the Orinoco-Amazon Basin: Current Status. Antropologica, 53: 95-162. Caracas, 1980.

d) Outros,

COCCO, L. El Império Yanamamo en la Amazonas Venezolana. América Indígena, XXXIX(1): 39-61. 1974.

ZERRIES, O. Waika. Klaus Renner Verlag. 1964.

MEYER, A. Notas Gerais sobre os Índios Pauxiana"(1944). Boletim, 4. Arquivo Setor Indigenista . Diocese de Roraima. Boa Vista, dez/1982.

YANOMAMI: CONTATO INTERÉTNICO

a)

ALBERT, B.S. Terras Indígenas, Política Ambiental e Geopolítica do Desenvolvimento Amazônico no Brasil: O Caso Yanomami. 1988. (mimeo.)

Ecologia, Território e Contato na Amazônia Indígena: O Caso dos Índios Yanomami. 1988. (mimeo.)

ANATOLONI, G.; SABATINI, S. La Terra é Degli Indios. Proposta e Motivazioni del Parco Indigeno Yanomami. Centro di Appoggio al Parco Yanomami. Torino, 1979.

ANDUJAR, C.; DE BRANDO, R.B.; ZACQUINI, C. Relatório Yanomami 82. Situação de Contato e Saúde. CCPY. São Paulo, 1982.

CCPY. 78/87 -CCPY. Dez anos de trabalho. São Paulo, 1987.

CCPY/INESC. Yanomami. Em tempos de conflito, em tempos de raiva. Brasília, 1987.

COLCHESTER, M. "The Venezuelan Ninam (North Eastern Yanoama): Their Health and Survival" IWGIA Document 53 (:59-72). Copenhagen, 1975.

DAVIS, S.H. "A situação da tribo Yanomamo". Vítimas do Milagre. O Desenvolvimento e os Índios do Brasil. Zahar Ed.. Rio de Janeiro, 1978.

FUNAI. "Os maravilhosos Waiká da Perimetral Norte". Boletim Informativo. Ano III, nº 9-10: Brasília, 1973-74.

LAZARIN, M.A.; VESSANI, L.A. Xiriana, os índios que garimpam - Relatório de pesquisa na área Yanomami. UFG/CNPq. Dezembro/1987.

LINDEY, F.A.; DAMIOLI, G.; SAFFIRIO, J. O Crepúsculo do Povo Yanomami. Boletim nº13. CIDR. Boa Vista, 1988.

MISSÃO CATRIMANI. Dossiê Missão Catrimani: 15 anos de atividade entre os índios Yanomami da Bacia do Rio Catrimani -Território Federal de Roraima. Boa Vista, 1980.

NDI/INESC. Dossiê Yanomami: Cronologia de uma morte anunciada. Brasília, março de 1990.



- RAMOS, A.R. "Yanoama indians in north Brazil threatened by highway". The Yanoama in Brazil 1979. IWGIA Document nº 37: 01-41. Copenhagen, 1979.
- RAMOS, A.R.; LAZARIN, M.A.; GOMEZ, G.G. "Yanomami em tempo de ouro -Relatório de Pesquisa". Série Antropologia nº 51. FUNB. Brasília, 1985.
- SAFFIRIO, G. "Are the disease brought in the Catrimani River Basin through the Northern Perimeter Highway and through Brazilian Colonization fronts changing the Yanoama settlement patterns?". Missão Catrimani, outubro/1985.
- SAMPAIO SILVA, O. "Os Yanoama: denominação de um "povo" sem esperança". Revista de Antropologia, vol. 24: 41-49.
- SELAU, M.G.G. et al. "Uma política diferenciada de saúde para populações indígenas isoladas e/ou recém-contatadas: os Yanomami no Brasil". Saúde em Debate (nº especial: A Saúde do Índio). CEBES. Curitiba, 1988.
- SILVA, O.S. "Os Grupos Tribais do Território de Roraima". Revista de Antropologia.
- TAYLOR, K.I. "Descrição Sumária do Projeto Yanoama". Política e Ação Indigenista Brasileira. FUNAI. Brasília, 1975.
- O Parque que não existe. O caso das terras Yanomami.  
outubro, 1978.
- "Development against the Yanoama". The Yanoama in Brazil 1979. IWGIA Document nº 37: 43-98. Copenhagen, 1979.
- VERDUM, R. "Roraima, em visita à "fronteira"- Relatório de viagem". Brasília, nov/1988. (mimeo.)

#### IMPrensa

- OPINIÃO. "O Índio Bom é o índio morto". Nº 11, 15-22 de janeiro de 1973.
- "Os índios e a última caravana". Nº 18, de 05-12 de março de 1973.
- VEJA. "As estradas e os índios" (entrevista com Kenneth Ian Taylor, antropólogo). 16 de junho de 1975.

b) Saúde

- CCPY. Dados e Sugestões para um Programa de Assistência da Saúde na Área Indígena Yanomami. São Paulo, 1984.
- CCPY/MDM. Relatório de Saúde. Área Indígena Yanomami. São Paulo, 1984.
- DA SILVA, J.B. Relatório de Viagem a Maloca Boqueirão (em 29.12.1985). CCPY. Boa Vista, 1985.
- DE BRANDO, R.B. Levantamento das condições de saúde dos índios Yanomami. CCPY. Boa Vista, 1981.
- OLIVEIRA, M.A. Relatório de Viagem a Equipe Móvel Ajarani (19-23.12.1985). CCPY. Boa Vista, 1985.
- Relatório de Viagem a Maloca Boqueirão (em 07.04.1986). CCPY. Boa Vista, 1986.
- Relatório de Viagem a Missão Catrimani (de 24.02 a 06.03.1987). CCPY. Boa Vista, 1987.
- PASCALICCHIO, F. Situação de Saúde dos Índios Yanomami. Sistematização de Dados das Atividades da Saúde Realizadas entre os Anos 1959-84. CCPY. São Paulo, 1984.
- PELLEGRINI, M.A. Relatório de Viagem ao PV Mucajai (25-31.10.1985) CCPY. Boa Vista, 1985.
- SELAU, M.G.G. Relatório de Viagem ao PV Mucajai (05-16.05.1986). CCPY. Boa Vista, 1986.
- Relatório de Viagem ao PIn Ajarani (17-18.02.1987). CCPY. Boa Vista, 1987.
- Relatório de Viagem ao PIn Mucajai (21.03- 06.04.1987). CCPY. Boa Vista, 1987.
- SELAU, M.G.G.; VERDUM, R. Relatório de Viagem ao PV Mucajai (06-18.12.1986). CCPY. Boa Vista, 1986.
- Relatório de Viagem aos PIns Mucajai e Flechal (18-28.08.1987). CCPY. Boa Vista, 1987.
- TRILLER, C.; DO CARMO, A.C.; DE LA BATUT, C. Relatório Médico-Odontológico. CCPY/MDM. Boa Vista, 1984.



VERDUM, R. Relatório de Viagem: Médio Rio Mucajai. Boa Vista, dez/1986.

Relatório de Viagem: rios Ajarani e Repartimento (BR-210). Boa Vista, fev/1987.

Relatório de Viagem: região do rio Mucajai. Boa Vista, abr/1987.

Relatório de Viagem: região do rio Mucajai. Boa Vista, ago/1987.

WANDSCHEER, J.C. et al. Relatório de Saúde. Dados e Sugestões para um Programa de Assistência de Saúde na Área Indígena Yanomami. CCPY/MDM. São Paulo, 1984.

c) Outras fontes,

Plano Yanoama (Rel. Trimestral nº 001). Kenneth I. Taylor (coordenador). Período: 15.10.1975- 14.01.1976.

Relatório de Viagem aos Yanomami. Isa Maria Pacheco Rogedo (antrop.). Brasília, 05.06.1976.

Relatório. Ana Maria da Paixão (antropóloga), FUNAI/DGPC. 1977.

Sugestões. Sebastião Amâncio da Costa (sertanista "H"). Boa Vista, 06.12.1977.

Parque Indígena Yanomami: Proposta de Criação e Justificativa. CCPY. 1979.

Parque Indígena Yanomami. FUNAI. Brasília, mar/1980.

Relatório sobre a População Indígena do Território de Roraima. Ottomar de Souza Pinto (Governador). MINTER. 1981.

Portaria GM nº 025 de 09.03.1982. MINTER.

Terra Indígena Yanomami. FUNAI. Brasília, 1984.

Relatório do Levantamento de Dados para Identificação da Área Indígena Yanomami. Selmo J.Q. Norte. Brasília, 10 de abril de 1988.

CONTATO INTERÉTNICO

BRANDÃO, C.R. Identidade e Etnia . ed. Brasiliense, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Estudo de Áreas de Fricção Inter-étnica no Brasil". América Indígena, 5(3) 85-91. Rio de Janeiro, 1962.

Identidade, etnia e estrutura social. Pioneira. São Paulo, 1976.

A Sociologia do Brasil Indígena. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978.

O Índio e o mundo dos brancos. UnB. Brasília, 1981.

DA MATTA, R. & LARAIA, R.B. Índios e Castanheiros. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1978.

JUNQUEIRA, C. "Teoria e Prática do Indigenismo" Cadernos PUC, 2 :59-79. EDUC/Cortez . março/1980.

JUNQUEIRA, C. & CARVALHO, E.A. Antropologia e Indigenismo na América Latina. Cortez ed.. São Paulo, 1981.

KROEBER, A. & FREEDMAN, F. Cambio Cultural y Salud. Ediciones Mundo Shuar. 1984.

MELATTI, J.C. "Introdução. Enfermidades e Contato Interétnico". Adaptação à Enfermidades e sua Distribuição entre Grupos Indígenas da bacia Amazônica. (ed.) Martin Alberto Ibáñez- Novión & Ari Miguel Teixeira Ott. CNPq/MPEG. 1972

OLIVEIRA FILHO, J.P. " A Difícil Etnografia de uma Tribo em Mudança" Anuário Antropológico 79. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1981.

RIBEIRO, D. "Culturas e Línguas Indígenas no Brasil. Educação e Ciências Sociais, II(2)6: 05-102. Rio de Janeiro, nov/1957.

Os Índios e a Civilização. Vozes. Rio de Janeiro, 1977.



WANGLEY, C. Os efeitos do despovoamento sobre a organização social entre os índios Tapirapé". Sociologia, IV(4): 407-411. São Paulo, 1942.

#### ORGANIZAÇÃO SOCIAL

AUGÉ, M.(org.). Os Domínios do Parentesco. Edições 70. 1978.

FORTES, M.. "O Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico".  
Textos de Aula (Antropologia 6). UnB.

LARAIA, R.B. (org.). Organização Social. Zahar, 1969.

LARAIA, R.B.. "Arranjos Poliândricos" na Sociedade Surui".  
Leituras de Etnologia Brasileira (Egon Schaden).  
Ed. Nacional, 1976.

RAMOS, A.R. "Sociedades Indígenas: A Classificação de Parentes". Série Antropologia nº 52. FUNB. Brasília, 1986.

SCHUSKY, E.L.. Manual para Análise de Parentesco. EPU, 1973.

AMAZÔNIA: OCUPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

BRITO, M.S. & UNE, M.Y.. "A evolução da agricultura na Região Norte na década de 70". Rev. Bras. Geogr., 49(1):11-46. Rio de Janeiro, jan/mar. 1987.

CARDOSO, F.H. & MULLER, G.. Amazônia: expansão do capitalismo. Brasiliense. São Paulo, 1977.

HÉBETTE, J.. "Grandes projetos e transformações na fronteira". Espaço e Debate, V(15): 75-85. 1985.

\_\_\_\_\_. "A colonização na amazônia brasileira: um modelo para uso interno". Reforma Agrária, dez/1987 a mai/1988.

IBASE; Dossiê Amazônia. Rio de Janeiro, ago/1985.

LAZARIN, M.A.. "Blefados e Bamburrados". Comunicação apresentada no Painel de Debates do Simpósio de política Mineral do XXXIII Congresso de Geologia, UFRJ, nov/1984. (mimeo)

MARTINS, J.S.. Expropriação e violência. Coleção Ciências Sociais. Ed. Hucitec. São Paulo, 1980.

\_\_\_\_\_. Os camponeses e a política no Brasil. Vozes. 1981.

MIRAD/INCRA. "Garimpo e tensão social". Conflitos de Terra. vol. V. Coord. de Conflitos Agrários. Brasília, 1986.

SALATI, E. et al. Amazônia: desenvolvimento, integração e ecologia. Brasiliense/CNPq. 1983.

VELHO, O.G.C.A.. Análise preliminar de uma frente de expansão da sociedade nacional. Revista do Instituto de Ciências Sociais, IV(1):27-39. Rio de Janeiro, 1967.



RORAIMA: OCUPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

MAGALHÃES, D.. Roraima, informações históricas. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1986.

MINTER/ SECRETARIA GERAL. II Plano Nacional de Desenvolvimento; Programa de Ação do Governo para o Território de Roraima 1975-79. Brasília, 1975.

MT/DNER. Perimetral Norte.1973.

OAB-Roraima. Parecer sobre a transformação de Roraima em Estado. Série Documentos, 1984.

PINTO, L.F.. A Rodovia Perimetral Norte: uma nova Transamazônica. Geografia e Planejamento (10). USP/Instituto de Geografia. São Paulo, 1973.

SEPLAC/Governo de Roraima. Contribuição de Roraima para a formulação da Política de Desenvolvimento da Amazônia para o período 1986-1989. Boa Vista, out/1985.

SILVEIRA, I. & GATTI, M. Notas sobre a ocupação de Roraima: migração e colonização. s/d.(mimeo)

POLÍTICA DE FRONTEIRA / GEOPOLÍTICA

COMISIÓN PARA EL DESARROLLO DEL SUR. "Definición de los objetivos de la Conquista del Sur". America Indígena, vol. XXXIV (1): 225-239. enero-marzo,1974.

COUTO E SILVA, G.. Geopolítica do Brasil. Ed. José Olympio, 1967.

DIBBLE, R.E. Population and the Protection of the Frontier: the case of Venezuela. State University of New York at Albany. Ph.D., 1977.

MAGNOLI, D. O que é Geopolítica. Coleção Primeiros Passos (183). ed. Brasiliense, 1986.

MATTOS, C.M. Uma Geopolítica Pan-amazônica. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1980.

Ministério das Relações Exteriores do Brasil. A Nova Política de Fronteiras. Buenos Aires, 1968.

VELASCO, J.E.G. "La Nueva Política de Fronteras en Iberoamérica". Revista de Política Internacional, 138 :150-152. mar/abr, 1975.

OUTROS

- BERREMAN, G. "Por detrás das muitas máscaras". Desvendando Máscaras Sociais. org. Alba Z. Guimarães. 2ª edição. Francisco Alves, 1980.
- CALDEIRÁ, T.P.R. "Antropologia e Poder: uma Resenha de Etnografias Americanas Recentes". BIB, 27: 3-50. 1º semestre 1989.
- PEREIRA DE QUIRÓS, M.I. "Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível". Experimentos com História de Vida: Itália/Brasil. Org. Olga de Moraes Von Simson. Vértice, 1988.  
"História de Vida e Depoimentos Pessoais". Sociologia (XV)1: 8-24. 1953.
- CAMARGO, A. et al. História de Vida na América Latina. BIB, 16: 5-24. 1983.
- DEBERT, G.G. "Problemas relativos à utilização de histórias de vida e história oral". A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa. Org. Ruth C.L. Cardoso. Paz e Terra, 1986.
- GEERTZ, C. A Interpretação das culturas. Zahar. Rio de Janeiro, 1978.
- HAGUETTE, T.M.F. Metodologia Qualitativas na Sociologia. Vozes, 1987.
- LANGNESS, L.L. "Usos potenciales de la historia de vida em antropología". Las histórias de vida en ciencias sociales. Teoria y técnica. Seleção e introdução de Jorge Balán. Ediciones Nueva Visión. Buenos Aires, 1974.
- LARAIA, R.B. "Uma Etno-história Tupi". Revista de Antropologia, (27/29): 25-32. USP. São Paulo, 1984/85.



ANEXOS

FUNAI/SAE Reg. 1606  
Recebido 20/07/89  
Às 12:05 hs.  
ASSINATURA

Boa Vista, 05 de julho de 1989.

Ilmo. Sr.  
RAIMUNDO NONATO DA SILVA  
Administrador Regional  
Fundação Nacional do Índio - FUNAI  
Boa Vista / RR

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
ADR/Boa Vista, RR.  
Protocolo No. 069/89  
Data 06/07/89  
RESPONSÁVEL PROTOCOLO

Prezado senhor administrador,

Eu, RICARDO VERDUM, pesquisador da Universidade de Brasília (UnB), venho por meio desta colocar-lhe ao par de uma situação que acredito seja do seu interesse.

Tendo como objetivo realizar um levantamento preliminar sobre a estrutura e dinâmica da colonização na BR-210 (Perimetral Norte), encontrei em contato com os grupos indígenas Yanomami (Jauari) que habitam nas proximidades desta estrada.

Infelizmente pude constatar que, notadamente os moradores do Km 40 acrescidos dos moradores do Km 47 (total: 30 pessoas), a população esta sendo assolada por uma forte gripe.

Como tinha em meu poder alguns antitérmicos e espectorantes, procurei amainar o mal estar de alguns. Posteriormente, recorri aos funcionários desta Fundação lotados no PIn Ajarani, senhores Benício e Francisco, que me forneceram alguns medicamentos, já que me dispuz a dar continuidade à assistência por mais alguns dias durante meu trabalho nas redondezas.

Felizmente pude amenizar os casos mais graves, entretanto, conforme pude constatar entre os regionais, isto é, agricultores com quem tenho mantido contato, esta gripe é algo bastante persistente. Quando de lá sai, hoje, novos casos surgiam entre os indígenas e a tosse é generalizada, com fortes dores no peito em alguns casos.

Por outro lado, o referido Posto não apresenta atualmente as mínimas condições técnicas e materiais para assistir aquela população: sem pessoal qualificado; sem medicação apropriada; sem um espaço físico limpo e organizado para alojar os casos que requerem maiores cuidados; impossibilidade de satisfazer as necessidades alimentares dos "internados" (possíveis); sem transporte próprio, e tendo muitas vezes que fazer uso dos veículos de garimpeiros que utilizam a BR-210 como via de acesso ao rio Catrimani; ... enfim, sem condições.

Sem mais, a não ser a preocupação com aquela população, agradeço sua atenção e, se possível, sua colaboração para com o bem estar desta.

Atenciosamente  
Ricardo Verdum  
CRD



FUNAI/SAE Reg. 1606  
Recebido 20/07/89  
As 12:05 hs.  
ASSINATURA

Boa Vista, 17 de julho de 1989.

Ilmo. Sr.  
RAIMUNDO NONATO DA SILVA  
Administrador Regional  
Fundação Nacional do Índio - FUNAI  
Boa Vista/RR

Prezado senhor administrador,

Eu, Ricardo Verdum, pesquisador da Universidade de Brasília -UnB, atualmente realizando um levantamento preliminar da estrutura e da dinâmica da colonização na BR-210/Perimetral Norte, venho através dessa complementar as informações obtidas no contato com a população habitante nesta BR, e que, acredito, sejam do seu interesse. (\*)

Em decorrência de um conflito havido em 19.09.1986, quando um grupo de yanomami habitantes da região do rio Catrimani atacou os moradores da Maloca Flechal (rio Ajarani), resultando em vários feridos e 01 (um) óbito, a população do Ajarani, temerosa de um novo ataque, deslocou-se massivamente para o então PIn Flechal localizado no rio Mucajai (ver radiogramas datados de setembro/outubro de 1986 do PIns Ajarani e Flechal) e para onde já havia se deslocado, anteriormente, a família do yanomami chamado de Pedrinho, também da região do rio Ajarani.

De um total de aproximadamente 72 pessoas, apenas 27 permaneceram na região (maloca junto ao Posto e maloca do Pé de Pato). O restante deslocou-se para o rio Mucajai, realizando visitas a esta região com uma relativa periodicidade.

Atualmente, conforme censo realizado por mim em todas as comunidades que habitam nas proximidades da BR-210 até o km 50, constatei que a população, em quase sua totalidade, retornou para esta região, perfazendo um total de aproximadamente 75 pessoas habitando a região a partir do km 32.

Segundo informações dos próprios yanomami, eles resolveram retornar devido a grande incidência de malária, gripe, e outras moléstias em seu meio, devido a desativação do referido PIn (Flechal) e consequente falta de assistência, e a ocorrência de 04 (quatro) óbitos.

O atual Chefe do PIn Ajarani, sr. Ivanildo Wawanaweteri, informou-me que este retorno teve início em abril deste ano, digo, 1989. O sr. Ivanildo também foi Chefe do Posto Flechal.

(\*) No dia 06 de julho passado foi-lhe encaminhado um pequeno relatório, datado de 05.07.1989, protocolado com o nº 069/89, onde lhe informo sobre as precárias condições de saúde da população yanomami local (jauári) e da assistência prestada a esta.

Ministério do Interior  
Fundação Nacional do Índio-FUNAI  
Administração Regional de Boa Vista-RR  
Av. Bento Brasil, 536 - E  
CEP 69300 - Boa Vista - RR

RECEBI O ORIGINAL  
Em 17/07/89  
Silvassica

FUNAI/SAE Reg. 1606  
Recebido 20/07/89  
As 12-05 hs.  
[Assinatura]  
ASSINATURA

continuação

Por outro lado, conforme Portaria Interministerial nº 250 datada de 18 de novembro de 1988, pude constatar que os yanomami da região do Ajarani não foram contemplados com uma "área indígena" que lhes pudesse garantir um mínimo de segurança quanto ao seu futuro.

Nos contatos mantidos com regionais moradores da BR-210, com funcionários da FUNAI lotados no PIn Ajarani, com funcionários da mesma Fundação em Boa Vista, assim como do MIRAD na mesma cidade, pude constatar que existe uma forte possibilidade de, além de os yanomami locais não terem sua área de ocupação reconhecida e o PIn Ajarani ser desativado, ocorrer uma ampliação do loteamento, já existente na BR-210, até o km 50.

Assim sendo, e temeroso de que as precárias condições em que se encontram os yanomami locais venham a agravar-se; solicito-lhe encarecidamente que sejam tomadas providências no sentido de esclarecer as autoridades competentes sobre estes fatos e que medidas sejam tomadas.

Sem mais, agradeço sua atenção e colaboração.

Atenciosamente

[Assinatura]  
Ricardo Verdum

RECEBI O ORIGINAL  
Em 17/07/89  
[Assinatura]



FUNAI/SAE Reg. 2040  
 Recebido 08/09/89  
 As 11:55 hs.

  
 ASSINATURA

Brasília, 05 de setembro de 1989.

Ilmo. Sr.  
 Dr. IRIS PEDRO DE OLIVEIRA  
 M.D. Presidente  
 Fundação Nacional do Índio - FUNAI  
 Brasília/DF

Prezado Senhor,

Antes de mais nada, gostaria de comunicar a V.Sa. o recebimento de sua correspondência datada do dia 28 de julho último (CT.001/Nº 255/PRESI/89). Fiquei bastante satisfeito com a notícia de que estão sendo tomadas medidas no sentido de os yanomami receberem medicamentos e atendimento médico da FUNAI.

Por outro lado, fiquei a me perguntar sobre como ficará a situação de terras para os Yawari (jauári).

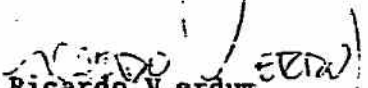
Por estes dias mantive contatos com funcionários da Administração de Roraima, e estes me informaram que estão iniciando os trabalhos de criação de um Pin, digo, Posto Indígena mais a frente na estrada, próximo a ponte "Ajarani 2". Limite tanto da Área proposta pela Portaria Interministerial nº 160, de 13 de setembro de 1988, quanto da Portaria Interministerial nº 250, de 18 de novembro de 1988, e das quais os Yawari ficaram de fora.

Assim sendo, fico a me perguntar: e como ficarão os mais de 80 yanomami (os Yawari)? Ficarão abandonados em meio a um processo de colonização ampliado? Verão o espaço necessário para a sua manutenção de forma autosuficiente, ou seja, nos "padrões tradicionais" (caça, pesca, cultivo e coleta), ser ocupado enquanto necessitam mais e mais empregarem-se junto a colonos e fazendeiros para suprir suas necessidades básicas?

Enfim, gostaria de saber como ficarão aqueles índios no tocante às terras (espaço) necessário para a sua reprodução biológica, social e cultural.

No mais, agradeço sua atenção e possível colaboração. Abraços e boa sorte no seu trabalho.

Atenciosamente,

  
 Ricardo Verdum

Pesquisador do Departamento de Antropologia - UnB